



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CCE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – PPGCOM
LINHA DE PESQUISA: MÍDIA E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES

PATRÍCIO CAVALCANTI DE LIMA

**A CONSTRUÇÃO DOS DISCURSOS SOBRE O RACISMO E NECROPOLÍTICA NA TEVÊ:
uma análise da cobertura jornalística no Fantástico e no Domingo Espetacular**

Teresina
2024

PATRÍCIO CAVALCANTI DE LIMA

**A CONSTRUÇÃO DOS DISCURSOS SOBRE O RACISMO E NECROPOLÍTICA NA TEVÊ:
uma análise da cobertura jornalística no Fantástico e no Domingo Espetacular**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGCOM da Universidade Federal do Piauí – UFPI, na área de concentração Comunicação e linha de pesquisa Mídia e Produção de Subjetividades, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Monalisa Pontes Xavier

Teresina
2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da
Educação Serviço de Representação da Informação

L732c Lima, Patrício Cavalcanti de

A Construção dos discursos sobre o racismo e necropolítica na TEVÊ : uma análise da cobertura jornalística no Fantástico e no Domingo Espetacular / Patrício Cavalcanti de Lima. -- 2024.
140 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Teresina, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Monalisa Pontes Xavier.

1. Racismo. 2. Necropolítica. 3. Televisão Brasileira. I. Xavier, Monalisa Pontes. II. Título.

CDD 320.56

PATRÍCIO CAVALCANTI DE LIMA

**A CONSTRUÇÃO DOS DISCURSOS SOBRE O RACISMO E NECROPOLÍTICA NA TEVÊ:
uma análise da cobertura jornalística no Fantástico e no Domingo Espetacular**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGCOM da Universidade Federal do Piauí – UFPI, na área de concentração Comunicação e linha de pesquisa Mídia e Produção de Subjetividades, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Monalisa Pontes Xavier

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 MONALISA PONTES XAVIER
Data: 19/08/2024 11:05:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Monalisa Pontes Xavier (UFPI)

Documento assinado digitalmente
 MARTA MARIA AZEVEDO QUEIROZ
Data: 19/08/2024 19:51:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Marta Maria Azevedo Queiroz (UFPI)

Documento assinado digitalmente
 MICHELLY SANTOS DE CARVALHO
Data: 20/08/2024 11:45:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Michelly Santos de Carvalho (UFMA)

DEDICATÓRIA

Este trabalho é um tributo à força e resiliência de cada homem e mulher negra na luta contra o racismo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de expressar todo meu agradecimento à minha família, em especial à minha mãe, Norma Silvia Vieira Cavalcanti, a quem eu devo grande parte do que sou como ser humano, estudante e profissional. Sem ela, literalmente, nada disso seria possível. Ela foi e continuará sendo minha inspiração de vida e na educação, como professora da rede pública do interior do Estado do Piauí, que luta arduamente por um ensino justo e democrático para crianças e adolescentes. Uma mulher negra, mãe solo, que nunca deixou se abalar pelas intempéries da vida para criar seu filho e dar suporte aos seus. Esse trabalho é também fruto seu!

Além dela, não poderia deixar de agradecer à minha esposa Nayara Sampaio, que segurou minha barra nos dias difíceis e sempre me apoiou em todo processo do mestrado. Foi e continua sendo meu porto seguro e nunca deixou que eu baixasse a cabeça. Sempre com uma palavra de apoio e de amor, ela foi essencial nesse processo. Obrigado por tudo, meu amor!

Gostaria de expressar também minha profunda gratidão à minha orientadora, Dra. Monalisa Pontes Xavier, cuja expertise, compreensão e paciência adicionaram consideravelmente à minha experiência de pesquisa. Seu vasto conhecimento e sua orientação meticulosa ajudaram-me a navegar pelos complexos caminhos desta pesquisa. Sem sua valiosa orientação, alcançar este objetivo não teria sido possível.

Estendo também agradecimento a todos os professores que me deram suporte durante as aulas do mestrado. Não irei nomear individualmente para não cometer injustiças. Mas todos, sem exceção, foram essenciais nessa caminhada. O mesmo agradecimento também vai para a Universidade Federal do Piauí, polo de ensino em que me formei em Jornalismo e que tive a grata surpresa em retornar como mestrando.

Agradeço ainda aos meus amigos, principalmente aos que dividiram essa montanha-russa chamada mestrado, sem vocês tudo teria sido ainda mais difícil. Compartilhamos angústias, dúvidas, choros, mas também, a alegria de ver a vitória de cada um nesse processo de amadurecimento acadêmico e pessoal. Vocês terão sempre um lugar de carinho no meu coração!

“Tudo, tudo, tudo que nós tem é nós”.

Emicida

RESUMO

Em um contexto atual onde a violência contra corpos negros ainda é uma realidade no Brasil e no mundo, faz-se necessária a discussão do papel da grande mídia ao reverberar casos de racismo e violência policial em sua agenda editorial, e as emissoras de tevê têm grande representatividade nesse cenário, por fazerem parte do veículo de comunicação mais presente na casa das famílias brasileiras. A partir desse cenário, escolhemos os programas Fantástico (TV Globo) e o Domingo Espetacular (Record TV) para compreender a construção dos discursos sobre racismo e necropolítica, por meio das suas respectivas coberturas jornalísticas. A partir desse objetivo geral, analisamos os casos dos assassinatos de Marielle Franco (2018), João Pedro (2019), George Floyd (2020) e João Alberto (2020). Utilizamos a Análise Crítica do Discurso (ACD), conforme proposta por Van Dijk (2004; 2008), como metodologia de investigação dos mecanismos discursivos e das representações construídas e reproduzidas na mídia através de uma ótica sócio-cognitiva, ou seja, onde o discurso é entendido como uma forma de poder social em que estruturas sociais e cognitivas estão intrinsecamente ligadas. Na fundamentação teórica acionamos autores importantes no enfrentamento e no destrinchar conceitual do racismo estrutural e da necropolítica na sociedade, como Mbembe (2018), Suely Rolnik (2018), Silvio Almeida (2019), Dennis de Oliveira (2021), Cida Bento (2022), Sueli Carneiro (2023) e Muniz Sodré (2023). Por meio dos tensionamentos apontados, identificamos que os discursos midiáticos frequentemente silenciam questões raciais, naturalizando a branquitude e reforçando estereótipos negativos sobre a população negra, em coberturas jornalísticas aquém do potencial das duas maiores emissoras do país na luta antirracista. Neste sentido, apontamos a urgência de mudanças profundas na forma como a mídia representa a população negra, propondo uma análise crítica e comprometida com a transformação social e a igualdade racial, sem esvaziamento da pauta por meio de discursos protocolares.

Palavras-chave: Racismo; Necropolítica; Comunicação; Televisão Brasileira; Discurso jornalístico

ABSTRACT

In the current context where violence against Black bodies has increased dramatically in Brazil, it is necessary to discuss the role of the mainstream media in reverberating cases of racism and police violence in its editorial agenda, as TV networks have significant representation in this scenario, being the most prevalent communication medium in Brazilian households. Based on this scenario, we chose the programs *Fantástico* (TV Globo) and *Domingo Espetacular* (Record TV) to understand the construction of discourses on racism and necropolitics through their respective journalistic coverage. With this general objective, we analyzed the cases of the murders of Marielle Franco (2018), João Pedro (2019), George Floyd (2020), and João Alberto (2020), representatives of Black Brazilians. We utilized Critical Discourse Analysis (CDA), as proposed by Van Dijk (2004; 2008), as a methodology to investigate the discursive mechanisms and representations constructed and reproduced in the media through a socio-cognitive lens, where discourse is understood as a form of social power in which social and cognitive structures are intrinsically linked. In the theoretical foundation, we engaged important authors in confronting and conceptually unraveling structural racism and necropolitics in society, such as Mbembe (2018), Suely Rolnik (2018), Silvio Almeida (2019), Dennis de Oliveira (2021), Cida Bento (2022), Sueli Carneiro (2023), and Muniz Sodré (2023). Through the pointed tensions, we identified that media discourses frequently silence racial issues, naturalizing whiteness and reinforcing negative stereotypes about the Black population, in journalistic coverage below the potential of the two largest networks in the country in the anti-racist struggle. In this sense, we highlight the need for profound changes in the way the media represents the Black population, proposing a critical analysis committed to social transformation and racial equality, without emptying the agenda through protocol speeches.

Keywords: Racism; Necropolitics; Communication; Brazilian Television; Journalistic Discourse

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 01 - Círculo Discurso-Cognição-Sociedade | 21 |
| Figura 02 - Anúncio de venda de escravo em jornal brasileiro | 27 |
| Figura 03 - Charge em jornal/revista defende que seria ridículo se um homem negro comandasse homens brancos da marinha brasileira em 1910, no contexto histórico da Revolta da Chibata. | 27 |
| Figura 04 - Matéria sobre concursos de beleza entre crianças e mulheres em busca de características perfeitas segundo os conceitos da eugenia defendida na Era Vargas. | 28 |
| Figura 05 - Para interpretar o personagem Pai Tomás, homem negro, o ator Sérgio Cardoso pintou com tinta preta o corpo e usou peruca e rolhas no nariz, gerando revolta no meio artístico. | 29 |
| Figura 06 - Matéria do portal Terra destaca forte traços de racismo estrutural forjaram o humor na televisão brasileira | 30 |
| Figura 07 - Um dos participantes de reality do programa Mais Você (TV Globo) em 2016, apresentado por Ana Maria Braga, se fantasiou de 'Nega Maluca'. A Globo, à época, não se manifestou | 30 |
| Figura 08 - A expressão “da cor do pecado” vem do período escravocrata do Brasil, quando famílias imperiais acreditavam que a população negra era alvo de uma espécie de “castigo divino” que lhes deu a pele escura, destaca a matéria “Viva exhibe alerta inédito sobre novela com título racista” | 31 |
| Figura 09 - Matéria do portal destaca descontentamento de MV Bill de nota baixa com justificativa de questão racial pela apresentadora da TV Globo, Ana Maria Braga | 32 |
| Figura 10 - Matéria do portal Uol destaca casos de racismo religioso em programa “Fala Que eu te Escuto” | 33 |
| Figura 11 - Matéria do portal Carta Capital destacando a demissão de William Waack, após fala racista na TV Globo | 36 |
| Figura 12 - Quadro “O Baú do Baú do Fantástico” trouxe uma releitura, de momento histórico da abolição da escravidão no Brasil, carregado de piadas racistas e discriminatórias | 38 |
| Figura 13 - Valmir Salaro foi o primeiro repórter a noticiar uma acusação de abusos de crianças de 4 anos. Os denunciados eram inocentes e o caso virou escândalo nacional. 28 anos depois, ele reencontra os acusados em série documental para o streaming da TV Globo, Globoplay | 39 |
| Figura 14 - Site G1, do grupo Globo, repercute nota de repúdio e ataques racistas sofridos por sua apresentadora Maju Coutinho em redes sociais | 40 |
| Figura 15 - Momento em que Edir Macedo é preso pela polícia civil de SP em 1992 | 42 |

| | |
|---|-----|
| Figura 16 - Após sucessivos ataques à religiões de matrizes africanas em seu programa, a Record TV foi condenada a exibir conteúdo positivo sobre o tema | 42 |
| Figura 17 - Site Metrôpoles repercute casos de racismo por parte da TV Record em prova do reality show A Fazenda, no ano de 2022 | 43 |
| Figura 18 - Site O Globo destaca condenação do jornalista Paulo Henrique Amorim por comentário de cunho racista | 45 |
| Figura 19 - Site critica matéria da TV Record que endossa racismo reverso contra pessoas brancas na África do Sul | 46 |
| Figura 20 - Frames/fotomontagem da matéria analisada sobre o assassinato de George Floyd, Fantástico: 31.05.2020 | 105 |
| Figura 21 - Matéria do Domingo Espetacular na Record TV sobre o caso João Alberto | 122 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| Quadro 01 - Matérias analisadas durante a pesquisa | 16 |
| Quadro 02 - Categorias de posicionamento dos sujeitos no discurso | 22 |
| Quadro 03 - Informações sobre as matérias | 72 |
| Quadro 04 - Sujeitos e categorias: Marielle Franco, Fantástico: 13.05.2018 | 76 |
| Quadro 05 - Sujeitos e categorias: Marielle Franco, Fantástico: 13.05.2018 | 80 |
| Quadro 06 - Sujeitos e categorias: Marielle Franco, Domingo Espetacular: 13.05.2018 | 82 |
| Quadro 07 - Sujeitos e categorias: Marielle Franco, Domingo Espetacular: 13.05.2018 | 87 |
| Quadro 08 - Sujeitos e categorias: João Pedro, Fantástico: 24.05.2020 | 90 |
| Quadro 09 - Sujeitos e categorias: João Pedro, Fantástico: 31.05.2020 | 95 |
| Quadro 10 - Sujeitos e categorias: João Pedro, Domingo Espetacular: 24.05.2020 | 98 |
| Quadro 11 - Sujeitos e categorias: João Pedro, Domingo Espetacular: 24.05.2020 | 102 |
| Quadro 12 - Sujeitos e categorias: George Floyd, Fantástico: 31.05.2020 | 106 |
| Quadro 13 - Sujeitos e categorias: George Floyd, Fantástico: 31.05.2020 | 109 |
| Quadro 14 - Sujeitos e categorias: George Floyd, Domingo Espetacular: 31.05.2020 | 111 |
| Quadro 15 - Sujeitos e categorias: George Floyd, Domingo Espetacular: 31.05.2020 | 114 |
| Quadro 16 - Sujeitos e categorias: João Alberto, Fantástico: 22.11.2020 | 116 |
| Quadro 17 - Sujeitos e categorias: João Alberto, Fantástico: 22.11.2020 | 120 |
| Quadro 18 - Sujeitos e categorias: João Alberto, Domingo Espetacular: 22.11.2020 | 122 |
| Quadro 18 - Sujeitos e categorias: João Alberto, Domingo Espetacular: 22.11.2020 | 125 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AD - Análise de Discurso
- ACD - Análise de Crítica Discurso
- EPC - Economia Política da Comunicação
- ICC - Inconsciente Colonial-Capitalista
- PRF - Polícia Rodoviária Federal

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1. INTRODUÇÃO | 13 |
| 2. ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO COMO METODOLOGIA NO ESTUDO DO RACISMO E DA NECROPOLÍTICA..... | 21 |
| 3. O SURGIMENTO DA TV E AS RAÍZES DO RACISMO NA MÍDIA BRASILEIRA..... | 27 |
| 3.1 TV Globo: trajetória, impacto e controvérsias na luta antirracista..... | 35 |
| 3.1.1 Fantástico: pioneirismo na tevê brasileira e seu histórico de racismo midiático..... | 38 |
| 3.2 Record TV: história, religião e conservadorismo..... | 42 |
| 3.2.1 Domingo Espetacular: a resposta da Record TV ao Fantástico..... | 45 |
| 4. AS DIMENSÕES DO RACISMO E DA NECROPOLÍTICA: UMA ANÁLISE TEÓRICA..... | 48 |
| 4.1 Racismo: uma tecnologia de dominação social..... | 48 |
| 4.2 Racismo no Brasil e o mito da democracia racial..... | 51 |
| 4.3 Racismo estrutural no Brasil: história e impacto nas estruturas sociais..... | 54 |
| 4.4 Racismo institucional e a desigualdade racial como exclusão sistêmica..... | 59 |
| 4.5 Necropolítica: o controle do Estado sobre vida e morte no contexto de racismo..... | 62 |
| 4.6 O racismo e a necropolítica como herança do regime colonial-capitalístico..... | 65 |
| 5. DISCURSOS SOBRE O RACISMO E NECROPOLÍTICA NO FANTÁSTICO E DOMINGO ESPETACULAR..... | 71 |
| 5.1 Marielle Franco..... | 76 |
| 5.2 João Pedro..... | 91 |
| 5.3 George Floyd..... | 106 |
| 5.4 João Alberto..... | 117 |
| 5.5 Diferenças, semelhanças e omissões no discurso sobre racismo e necropolítica no Fantástico e no Domingo Espetacular..... | 129 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 131 |
| REFERÊNCIAS..... | 135 |

1. INTRODUÇÃO

É impossível para mim começar este trabalho sem citar brevemente nuances da minha vida pessoal que me ajudaram a escolher o racismo como tema central. Ser filho de uma mulher negra, professora e mãe solo, dona Norma Silvia Vieira Cavalcanti, e acompanhar toda a dificuldade de trajetória em um sistema majoritariamente racista me fez despertar angústias e interesse em pesquisar sobre o tema e impactos dentro da Comunicação, área profissional que escolhi para a vida.

Essa proximidade com as realidades do preconceito racial não apenas alimentou minha curiosidade intelectual, mas também instigou uma responsabilidade pessoal em abordar essas questões criticamente. Através desta pesquisa, busco não apenas explorar as manifestações e consequências do racismo na mídia, mas também contribuir para um diálogo mais amplo sobre equidade e justiça social. Este trabalho é, portanto, um passo tanto na direção do meu desenvolvimento acadêmico quanto do meu compromisso pessoal em lutar por uma sociedade mais justa, inclusiva e antirracista. A mídia, como vetor crucial na formação da opinião pública, desempenha um papel central nessa luta, refletindo e ao mesmo tempo moldando as percepções sociais sobre o racismo.

Neste contexto, ainda com os avanços importantes da agenda antirracista, é cotidiano nos depararmos com casos de racismo no Brasil e no mundo, que consequentemente podem ter a cobertura da grande mídia como repercussão – em alguns deles de forma mais intensa e em outros casos de maneira menos visibilizada. Nesse cenário, faz-se necessário destacar o racismo como violência aos corpos negros. Uma violência que pode ser física, - inclusive mortal - psicológica, moral, sexual, dentre outras formas que permeiam a história da segregação das pessoas negras na história mundial.

O assassinato de George Floyd (2020) por policiais norte-americanos, como exemplo, foi representativo sobre o quão estamos longe do entendimento de que o racismo se constitui de forma cotidiana e estrutural na sociedade. Floyd foi detido por supostamente ter tentado usar uma nota de 20 dólares falsa. Imagens da ação policial gravadas por passantes mostram Floyd gritando "não consigo respirar", viralizaram mundialmente e culminaram no retorno do movimento "*Black Lives Matters*".

Também em 2020, na cidade brasileira de Porto Alegre (RS), outro caso notório foi a morte do eletricitista João Alberto Freitas, que foi assassinado por seguranças do supermercado Carrefour. O crime aconteceu no dia 19 de novembro, véspera do Dia da Consciência Negra. O

episódio também gerou uma onda de protestos antirracistas nas ruas e nas redes sociais no Brasil.

Além dos casos acima, podemos citar também outros exemplos no Brasil como o assassinato da vereadora e ativista Marielle Franco (2018) em uma emboscada, o assassinato do jovem João Pedro (2019), morto durante uma operação conjunta das polícias Federal e Civil no Complexo de favelas do Salgueiro, em São Gonçalo, Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Esses casos são emblemáticos ao ilustrar a matança de corpos negros que retrata o racismo e a necropolítica na sociedade, conceitos que vamos adentrar mais adiante no texto.

Os casos acima exemplificam a relação de frequência e intensidade da matança de corpos negros no Brasil e no mundo. Entretanto, como já dito, nem todos os casos têm uma reverberação à nível nacional e/ou internacional. Borges e Borges (2012) apontam algumas características que ajudam a responder este cenário:

Os meios de comunicação, a não ser em casos flagrantes de discriminação que chegam à opinião pública, tendem a negar a existência do racismo, fator estruturante da sociedade brasileira. Também recalcam aspectos positivos das manifestações culturais negras, além de mostrar indiferença profissional e desconhecimento de aspectos históricos e relativos à contribuição civilizatória dos negros tanto no Brasil, como nos demais países da diáspora. (BORGES; BORGES, 2012, p. 28)

Portanto, o posicionamento da mídia reverbera sentidos para a sociedade acerca do tema e nos faz refletir como essas vozes são transmitidas para suas respectivas audiências. Por isso, entendemos que é importante problematizar como os grandes veículos brasileiros estão se portando e reportando sobre casos de racismo. E também enquadrá-los como agentes do racismo institucional, que é reflexo do racismo estrutural. O primeiro, racismo estrutural, é definido por Oliveira (2021) como “um fenômeno que transcende os comportamentos preconceituosos individuais, estando profundamente enraizado nas estruturas sociais, econômicas e políticas da sociedade”. Sobre o racismo institucional, Oliveira (2021) afirma que “refere-se às práticas e políticas dentro de instituições específicas que resultam em tratamento desigual ou discriminatório contra indivíduos ou grupos baseados em sua raça”.

Dentre essas instituições estão a grande mídia, os veículos de comunicação tradicionais e não tradicionais. São eles que vão produzir sentidos e dar possibilidades de transformar a opinião sobre um tema de extrema relevância para a sociedade como a pauta do racismo. Oliveira (2021) aponta que os meios de comunicação são agentes poderosos na manutenção do racismo devido a sua capacidade de moldar percepções e opiniões públicas. Segundo ele, a mídia muitas vezes reproduz e amplifica visões de mundo que naturalizam desigualdades sociais e raciais, limitando a representação de grupos minoritários a papéis estereotipados ou

marginalizados. Tal afirmativa coaduna com o pensamento de Borges e Borges (2012), que entendem que os veículos de comunicação, ao reproduzirem estereótipos e marginalizarem grupos raciais em suas narrativas, desempenham um papel crucial na perpetuação do racismo estrutural na sociedade.

Vale ressaltar, também, que a produção desses sentidos pode ter um impacto de um posicionamento antirracista ou da manutenção de um status quo de uma sociedade que potencializa as desigualdades entre raças e etnias. Mas, ainda há a possibilidade de serem produzidas outras percepções que podem transcender essa dicotomia.

Segundo Teun Van Dijk (2008), as elites simbólicas - entre elas a mídia, veículos de massa e os jornalistas - além de controlarem as ações comunicativas, controlam também o pensamento dos demais. Para Dijk (2008), isso se deve ao fato de que o conhecimento adquirido por meio dessas elites ajuda a construir opiniões e atitudes, além de ser um importante vetor de subjetivação. Nesse cenário, apesar de um olhar crítico para a questão do controle, há de se admitir que essas elites simbólicas produzem referentes de pensamentos de grande impacto para a sociedade.

Nesse sentido, Bell Hooks (2019) aponta que além de se questionar os padrões e representações de imagens nos veículos de comunicação, também é necessário buscar transformá-los, uma vez que, à medida que essas representações são modificadas, o corpo negro consegue modificar a forma como se vê e como é visto.

Tendo em vista essa perspectiva apontada por Van Dijk (2008) e Hooks (2019), podemos considerar que a TV Globo e a Record TV são protagonistas das elites simbólicas e pertencentes à grande mídia brasileira, que é conceituada por Lima (2004, p. 50) da seguinte forma:

[...] o conjunto das instituições que utiliza tecnologias específicas para ‘intermediar’ a comunicação humana. Vale dizer que a grande mídia implica sempre a existência de uma instituição e de um aparato tecnológico para que a comunicação se realize [...] Duas características da comunicação da grande mídia são a sua unidirecionalidade e a produção centralizada, integrada e padronizada de seus conteúdos (Lima, 2004, p.50).

Ambas as emissoras citadas, por terem grande projeção nacional e até internacional, lideram as audiências na tevê aberta brasileira, de acordo com pesquisa da Kantar Ibope Media (FELTRIN, 2022), divulgada pelo portal UOL, dia 04 de fevereiro de 2022. Segundo a pesquisa, TV Globo e Record TV ocupam respectivamente as duas primeiras posições desse ranking, informação que ganha ainda mais força ao somarmos esses dados à outra pesquisa da

Kantar Ibope Media (Kantar, 2023), destacando que “75% dos brasileiros têm tevê aberta como primeira opção” em suas rotinas.

Nesse sentido, analisando inicialmente a TV Globo, escolhemos como observável em nossa pesquisa um dos programas de maior audiência da emissora: Fantástico. O programa tem um formato de infotimento, que combina conteúdos de informação e entretenimento. Ele tem uma autodefinição de revista eletrônica, repercutindo os principais fatos da semana com matérias especiais e investigativas, que acabam pautando outros veículos de comunicação e não só a televisão, mas também outras plataformas como *streaming* na internet, rádios, jornais impressos, revistas, entre outras.

A partir desse preâmbulo, entendemos que o Fantástico é um programa televisivo que tem ferramentas para abordar o tema do racismo de forma mais profunda e contextualizada possível comparado a um jornal televisivo diário, por exemplo. Por isso, o programa foi escolhido como um dos observáveis de nossa pesquisa, além de ser também uma das atrações de maior audiência da TV Globo, conforme Rodrigues (2020).

Também trazemos como observável o Domingo Espetacular, produto de infotimento da TV Record, que é uma revista eletrônica nascida décadas depois do Fantástico – mais precisamente no ano de 2014 – com um formato bem próximo do dominical global, apesar de editorialmente terem perfis diferentes por consequência de um posicionamento político-econômico e social da Record TV, que pertence ao líder religioso Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus. O Domingo Espetacular também é um dos programas de maior audiência da Record TV, segundo pesquisa da Kantar Media (Oliveira, 2023), e comumente vice-líder de audiência aos domingos à noite, perdendo apenas para o programa Fantástico.

Exposto isso, dada as suas respectivas relevâncias, escolhemos os dois programas para identificar as construções discursivas acerca do racismo em cada um dos programas. Dito isso, queremos compreender a construção dos discursos sobre o racismo e necropolítica na tevê, a partir da cobertura jornalística nos programas Fantástico e Domingo Espetacular.

Entendemos que a questão acima tem grande relevância visto que as emissoras de televisão possuem seus respectivos alinhamentos político-econômicos e socioculturais, aspectos esses que nem sempre são encontrados à primeira vista. A busca por respostas dessa problemática foi significativa para entendermos os posicionamentos acerca do racismo que esses veículos fazem circular através do discurso que, como já dito, o entendemos como vetor importante na produção de referentes de pensamento na sociedade.

Portanto, para o avanço de uma comunicação antirracista, compartilho do olhar que é de suma importância entendermos como essa pauta é apresentada por programas de grande audiência na mídia brasileira e, por isso, a escolha dos dominicais Fantástico e Domingo Espetacular como observáveis de pesquisa.

Como critério de recorte das matérias dos programas que foram analisadas definimos o intervalo do ano de 2018 a 2020, por fins didáticos e de viabilização de pesquisa. A partir disso, analisamos a cobertura jornalística dos respectivos veículos sobre assassinatos de pessoas negras, vítimas de racismo estrutural expresso através da violência de forças policiais ou militares ou de outros descasos da sociedade atravessados por questões raciais (necropolítica), mais especificamente nos seguintes casos: Marielle Franco (2018), João Pedro (2020), George Floyd (2020) e João Alberto (2020). Como critério de inclusão foram analisadas as matérias que citam diretamente ou indiretamente os casos escolhidos dentro de cada edição do programa respectivo veiculado (Ver quadro 01).

Quadro 01 - Matérias analisadas durante a pesquisa

| DESCRIÇÃO DOS CASOS ESCOLHIDOS PARA ANÁLISE | DATA DE VEICULAÇÃO |
|--|--------------------|
| Assassinato da vereadora Marielle Franco (Fantástico/TV Globo e Domingo Espetacular/Record TV) | 18/03/2018 |
| Menino João Pedro, de 14 anos, é assassinado em operação policial no RJ (Fantástico/TV Globo e Domingo Espetacular/Record TV) | 24/05/2020 |
| Assassinato de George Floyd nos E.U.A por policiais (Fantástico/TV Globo e Domingo Espetacular/Record TV) | 31/05/2020 |
| Assassinato de João Alberto por seguranças do supermercado Carrefour (Fantástico/TV Globo e Domingo Espetacular/Record TV) | 22/11/2020 |

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Os programas escolhidos estão disponíveis nos *streamings* de cada emissora, Globoplay (TV Globo) e Play Plus (Record TV). Optamos por analisar o primeiro programa e a primeira matéria de cada caso escolhido, com o objetivo de entender a abordagem conferida por cada veículo, como tentativa de ter uma leitura o mais próxima possível do posicionamento de cada veículo acerca de casos escolhidos.

Nesse sentido, principalmente no caso da TV Globo, que divide a cobertura de um tema em várias matérias - diferente da Record TV que opta por realizar uma grande reportagem, sem cortes - escolhemos as matérias mais completas, no quesito de número de fontes,

minutagem e identificação de um peso maior dado pela emissora sobre o caso, tratando-o como um episódio de racismo.

Ao total, foram analisados 04 programas de cada tevê, totalizando 08 programas assistidos na íntegra, sendo cerca de 15 horas e 47 minutos de material da Record TV e 16 horas e 34 minutos referentes ao material da TV Globo. Analisamos de forma flutuante 32 horas e 21 minutos de conteúdo das duas emissoras escolhidas como observáveis.

Isso posto, analisamos como foi construído os discursos das matérias sobre cada caso escolhido – bem como a edição na íntegra dos programas - numa ótica complementar e contextual, a fim de compreender como se dá a construção de sentidos pela grande mídia que impactam na construção do ideário social e de processos de subjetivação atravessados pelo racismo e casos de necropolítica em nossa sociedade.

A partir de um estudo qualitativo, tomamos como base teórico-metodológica a análise crítica do discurso (ACD) à luz de Teun A. Van Dijk, sociólogo holandês e estudioso sobre o racismo na América Latina, que criou a abordagem sociocognitiva do discurso através do triângulo discurso-sociedade-cognição e que leva em consideração: o discurso como microestrutura do texto (verbal, visual, sintática, semântica e retórica), mas também se utiliza da visão de cognição como função mediadora (cognição pessoal, crenças, valores e processos mentais), e de uma visão de sociedade como contexto social (estrutura social, sistema político-econômico, entre outros), numa ótica de dimensões inter-relacionadas e dependentes. Forma assim uma visão mais completa do que foi transmitido, como foi transmitido e, principalmente, o porquê de como ter sido transmitido da forma como foi.

Também utilizamos como base teórica os conceitos de racismo estrutural e racismo institucional na perspectiva de diversos autores como Silvio Almeida, Jessé Souza, Muniz Sodré, Dennis de Oliveira e Sueli Carneiro, entre outros autores da área, transversalizando com conceito de necropolítica proposto pelo camaronês Achille Mbembe (2018). Em "Necropolítica", Mbembe (2018, p. 6) questiona se o conceito de biopoder (Foucault, 2012) é suficiente para contabilizar as formas contemporâneas de violência “em que o político, por meio da guerra, da resistência ou da luta contra o terror, faz do assassinato do inimigo, seu objetivo primeiro e absoluto”.

A necropolítica é um conceito filosófico que se baseia na ideia de que as políticas estatais buscam exercer controle sobre quem deve viver ou morrer por meio de dispositivos sociais públicos. Para que um governo necropolítico se estabeleça, todo o aparato estatal é mobilizado para exercer controle sobre a população através da violência. É nesse contexto que surgem as práticas de exclusão e perseguição a grupos específicos, manifestando-se tanto em

ações policiais violentas como na atribuição de papéis sociais ligados à criminalidade a pessoas negras, por exemplo.

É fundamental destacar que a necropolítica não se restringe apenas a ações violentas do Estado que intencionalmente levam à morte de certos grupos sociais, mas também diz respeito ao controle das oportunidades materiais. Algumas pessoas têm negados direitos básicos como acesso à saúde, educação, moradia ou alimentação. Essas são aquelas que o Estado permite morrer.

[...] a necropolítica não se trata somente da eliminação física do/a “outro/a”, mas também dessas práticas regulatórias e disciplinares que, de alguma forma, vão minando a autonomia desses sujeitos e os relegando à decisão de quem vive e quem morre no plano material e subjetivo (Castro, 2020, p. 12).

A partir dessas lógicas de subjetivação, entendo que a discussão entre conceitos de racismo e necropolítica é de suma importância para compreendermos o atual cenário da Comunicação na grande mídia acerca do racismo e de práticas antirracistas.

Almeida (2019) é taxativo ao analisar o racismo como uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo discriminatório normalizado com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo situado como uma patologia social e nem um desarranjo institucional. A esse respeito, o autor argumenta que “o racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição” (Almeida, 2019, p.33).

Por isso, além de falarmos sobre o racismo em uma esfera estrutural, é de suma importância estarmos atentos às suas diversas manifestações como é o caso do racismo institucional que, segundo Almeida (2019), pode ser definido por grupos que estão no poder, de forma geral homens brancos, mobilizando mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos, econômicos, culturais e sociais, levando o racismo estrutural para dentro das instituições; uma violência aperfeiçoada, muitas vezes mascarada e normalizada na sociedade.

Portanto, entendemos que é de suma importância também problematizarmos o racismo pelas perspectivas estrutural e institucional, e não apenas os ataques diretos em âmbito individual, que na grande mídia está diretamente ligado a episódios de injúria racial, ou seja, casos de racismo praticados por uma pessoa ou pequenos grupos de pessoas como o caso goleiro Aranha, que defendia o time de futebol do Santos e recebeu insultos racistas no ano de 2014.

Diante do exposto, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender a construção dos discursos sobre o racismo e necropolítica na tevê, a partir da cobertura jornalística nos programas Fantástico e Domingo Espetacular.

Para alcançar o objetivo geral da nossa pesquisa foi necessário nos atermos aos seguintes objetivos específicos: 1- discutir as configurações do racismo estrutural e da necropolítica no Brasil até o contexto contemporâneo; 2- analisar o contexto sócio-histórico da construção do discurso racista e antirracista na grande mídia; e, 3- problematizar os modos de abordar o racismo nos programas Fantástico e Domingo Espetacular, focando nas diferenças e semelhanças das narrativas e estratégias discursivas utilizadas em cada um dos programas.

Entendemos que os objetivos específicos citados acima permitirão uma análise aprofundada sobre o viés dado pelos programas, proporcionando compreender como o discurso sobre racismo e a necropolítica são operados em cada um deles. Assim, cremos poder contribuir com a discussão sobre o tema na perspectiva da Comunicação, mais precisamente sobre o lugar ocupado pelos veículos de comunicação em relação às questões raciais e seus modos de circular na sociedade.

Desse modo, esta pesquisa se constitui como uma ferramenta política na luta contra o racismo. Afinal, a ideologia racista surge quando se coloca em questão a existência de uma hierarquia das raças, conforme Roio (2022), e este trabalho tem como tentativa de contribuir com o enfrentamento do racismo estrutural e a implicação do campo da Comunicação com a pauta antirracista.

Por fim, é importante salientar que esta pesquisa também aspira contribuir com aumento das produções acadêmicas sobre raça no campo da Comunicação, campo onde a pessoa negra ainda é pouco considerada em suas especificidades e demandas, atreladas a um posicionamento político-social de enfrentamento às violências de raça e à necropolítica então em curso.

2 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO COMO METODOLOGIA NO ESTUDO DO RACISMO E DA NECROPOLÍTICA

Criada na Grã-Bretanha no final dos anos 1970, a Análise Crítica do Discurso (ACD) tem se expandido ao longo da Europa, América do Sul e Ásia, como um dos mais importantes campos teóricos sociais e linguísticos (semiótica) que estuda a construção dos discursos da contemporaneidade e seus sentidos. Melo (2009) explica que a ACD surge com o lançamento de um trabalho teórico dos britânicos Fowler, Hodge & Kress, em 1979, chamado *Language and Control*: “nasce uma outra vertente preocupada com o trabalho do discurso como prática social, mas com bases e conceitos extremamente diferenciados dos desenvolvidos pela AD” (Melo, 2009, p. 9).

Para Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 29) – fundadores da teoria - a ACD “traz uma variedade de teorias em diálogo, especialmente teorias sociais de um lado e as teorias linguísticas, por outro”.

Entendemos a ACD tanto quanto teoria quanto método: como um método de analisar práticas sociais com atenção especial aos seus momentos discursivos na junção de preocupações práticas e teóricas e esferas públicas apenas aludidas, em que meios de analisar 'operacionaliza' – torna prática – construções teóricas do discurso na (modernidade tardia) vida social, e as análises contribuem para o desenvolvimento e a elaboração dessas construções teóricas (Chouliaraki; Fairclough, 1999, p. 16).

A Análise Crítica do Discurso (ACD) visualiza o discurso como prática social. Segundo Melo (2009, p. 9), "ela tenta revestir-se de uma prática social transformadora da sociedade, dando ao analista um relevante estatuto de interventor social por meio de seu trabalho de análise". Essa vertente, conforme aponta o autor, se configura como um estudo de oposição às estratégias e às estruturas utilizadas pelo discurso das elites.

Uma das referências contemporâneas da ACD é o autor holandês Teun Van Dijk. Ele aplica uma visão sociocognitiva à ACD, defendendo que há um amálgama entre discurso, cognição e sociedade, ilustrado abaixo (Figura 02) através do círculo discurso-cognição-sociedade - proposto por Couto e Carrieri (2018), a partir de Van Dijk (2015).

Nesse sentido, o autor acredita que tanto o discurso como a sociedade são medidas pela cognição social, ou seja, ele entende o discurso como uma forma de poder social em que estruturas sociais e cognitivas estão intrinsecamente ligadas.

Figura 01 – Círculo Discurso-Cognição-Sociedade

Fonte: Couto e Carrieri (2018) a partir de Van Dijk (2015)¹.

Van Dijk entende a ACD como algo que transcende uma metodologia, ou seja, ela se propõe como uma postura crítica e analítica de como encarar uma realidade. Esse entendimento se aproxima do objetivo deste trabalho, afinal, não é só entender o discurso sobre racismo e o contexto necropolítico no qual ele é forjado, mas principalmente produzir conhecimento que possibilite enfrentamentos a essa mazela social. Mais especificamente, a ACD deve focar nas maneiras pelas quais os discursos criam, confirmam, legitimam, reproduzem ou desafiam relações de poder e dominação na sociedade (Van Dijk, 2001). Segundo Alves (2006, p. 33), para se efetivar como uma linha de pesquisa crítica, a ACD deve satisfazer alguns requisitos para poder alcançar de forma efetiva seus objetivos:

1. Qualquer pesquisa em ACD tem que ser “melhor” que outras pesquisas para poderem ser aceitas. (Entende-se por melhor aqui um tipo de pesquisa que esteja adequada às especificações do “campo científico” e que, desta forma, seja ela própria legitimada por outros que fazem parte da “comunidade científica”);
2. A ACD deve focar primeiramente em problemas sociais e questões políticas, ao invés de paradigmas em modas momentâneas;
3. A ACD é multidisciplinar;
4. Mais do que meramente descrever estruturas discursivas, a ACD deve tentar explicá-las em termos de propriedades da interação social e, especificamente, da estrutura social (Alves, 2006, p. 33).

No livro "Discurso e Poder" (2008), Teun Van Dijk apresenta ferramentas de análise, utilizando como instrumento a ACD, para investigar as formas de abuso de poder, manipulação, doutrinação etc., que ocorrem através do discurso e que alguns casos podem corroborar com injustiças e desigualdades sociais. Assim, para aqueles que estão no poder, ter o controle do discurso é crucial.

Entretanto, diferente da visão acima, entendemos que o discurso tem seu poder, porém, não tanto de maneira totalitária como também prega Van Dijk. Afinal, hoje a audiência

¹ Disponível em: <https://login.semead.com.br/21semead/anais/arquivos/781.pdf>. Acesso em: 24 maio 2023.

consegue ter uma opinião formada por outros elementos que o discurso transmitido nos veículos de massa. Vale acrescentar, segundo Rosa (2019), que na perspectiva dos estudos de discurso crítico, a possibilidade de uma ciência neutra é rejeitada, ou seja, existe um reconhecimento de que as ciências e o discurso acadêmico são influenciados pelas estruturas e interações sociais.

Ao invés de ignoradas ou naturalizadas, os teóricos da ACD acreditam que essas relações entre academia e sociedade devem ser reconhecidas e estudadas (Van Dijk, 2001). Isso leva a uma agenda de pesquisa fortemente focada em problemas sociais e questões políticas, sobretudo relativas a questões de poder e dominação entre grupos.

Através da análise textualmente orientada conforme proposta por Van Dijk (2004, 2008), consideramos as matérias em vídeo — que integram texto, imagem e áudio — para estabelecer categorias de posicionamento dos sujeitos na ordem do discurso. Van Dijk (2004, 2008) explora a dinâmica entre o 'endogrupo' (“Nós”), que representa o grupo de dominação e hegemonia, e o 'exogrupo' (“Eles”), que corresponde ao grupo dominado.

Esta abordagem permite uma análise detalhada das estruturas de poder subjacentes e das estratégias discursivas empregadas para manter ou desafiar essas dinâmicas de poder. Assim, o texto, a imagem e o áudio são analisados para detectar como diferentes sujeitos são representados e posicionados dentro dessas categorias, refletindo e perpetuando relações sociais específicas de poder e dominação.

Ainda sob a visão de Van Dijk (2004, 2008), também nos atemos a sua perspectiva a partir da sociocognição como um fator determinante para formação de opiniões, cultura e forma de pensar na atualidade, produzindo o leitor a partir da visão de quem controla o discurso público. Danin (2020) aponta que o autor entende a sociocognição como grande responsável pela formação de opiniões, cultura e forma de pensar na atualidade, produzindo o leitor a partir da visão de quem controla o discurso público.

A partir disso, construímos um quadro no qual aplicamos a posição dos sujeitos como categorias, de acordo com a construção da narrativa das matérias, exposto abaixo:

Quadro 02 – Categorias de posicionamento dos sujeitos no discurso

| CATEGORIA | FUNDAMENTAÇÃO |
|--------------------------------|---|
| Voz ativa ou apassivada | Textualmente é possível identificar a posição (protagonismo, autonomia ou assujeitamento) de um sujeito no texto por meio das marcas textuais como adjetivação, tempos verbais, recursos gramáticos como citações diretas e indiretas e descrição do contexto (Dijk, 2004, 2008). |

| | |
|------------------------|---|
| Pessoa vitimada | Sobre pessoas vitimadas compreendemos uma pessoa que sofreu/sofre uma situação de vulnerabilidade em decorrência de um fator sócio-histórico, econômico e cultural que lhe impõe desvantagens em determinado contexto. Nos casos aqui estudados se trata de pessoas que sofrem com o racismo estrutural (Almeida, 2020) e da necropolítica (Mbembe, 2017, 2018) numa relação de dominação, que discursivamente são postas como o “outro”, o como nos ensina Dijk (2004, 2008) “eles” um exogrupo, numa relação de poder sobre o endogrupo, “Nós”. |
| Agente do crime | Sobre os agentes do crime compreendemos uma pessoa que detém capital social de dominação (Rolnik, 2018) para operacionalizar políticas de mortes (Mbembe, 2017, 2018) e estarem em um lugar de privilégio e imunidade hegemônica racial (Carneiro, 2003; Almeida, 2020) como endogrupo (Dijk, 2004, 2008), “Nós”. |
| Especialista | Sobre os especialistas compreendemos pessoas que estão inseridas numa ordem de elementos, discurso e dispositivos que exercem poder por relação de saber. A esses sujeitos são conferidos o lugar de legitimidade discursiva sobre determinado assunto (Dijk, 2004, 2008). |

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

O quadro apresentado foi elaborado com base no processo exploratório descritivo e empírico, no sentido de agrupamento de semelhanças e sentidos das matérias, bem como em consonância com o objetivo da nossa pesquisa. As categorias são utilizadas de forma analítica no neste estudo. Dito isso, seguimos para descrição dos casos.

Entendemos que a partir da sistematização exposta acima é possível examinar como os programas dominicais Fantástico e Domingo Espetacular abordam o tema do racismo e a necropolítica, identificando as estruturas sociais, os mecanismos discursivos e as representações que são construídas e reproduzidas, e como as estruturas de poder são refletidas a partir do discurso de cada emissora e respectivo programa. Essa abordagem também ajuda a compreender como os programas contribuem para a formação de narrativas e significados em relação a essas questões, inclusive com a possibilidade de práticas consideradas no contexto do racismo estrutural e/ou institucional.

Ainda a partir da ACD, realizamos a identificação de elementos discursivos como a escolha de palavras, a construção de argumentos, o uso de imagens e a seleção de fontes de informação, sendo também relevante observar como cada programa aborda o racismo através de uma questão sistêmica e estrutural, destacando as formas como a discriminação e a violência racial estão enraizadas nas estruturas sociais e institucionais, bem como entende que narrativas são promovidas e quais perspectivas são incluídas ou excluídas acerca do tema estudado.

Além disso, é de suma importância examinar como cada programa dá voz às vítimas de racismo, permitindo que compartilhem suas experiências e perspectivas, e como há espaço para análises críticas e reflexões sobre as causas e consequências do racismo na sociedade. A análise também considera a forma como a necropolítica é abordada, principalmente a partir das violências realizadas por forças policiais e militares.

Nesse contexto, entendemos ser necessário observar como os programas situam os casos estudados em relação ao racismo e à necropolítica, bem como a responsabilidade das estruturas de poder na perpetuação dessas situações. Detalho abaixo algumas etapas que passamos para respondermos nosso problema de pesquisa:

1. Coleta de dados (pesquisando a cobertura sobre o racismo): visualização flutuante de várias edições dos programas Fantástico e Domingo Espetacular, procurando por segmentos ou reportagens relacionados ao tema do racismo. Tal exercício foi realizado através de uma vivência empírica e pessoal de telespectador dos programas e sempre tomando nota dos discursos utilizados, das narrativas apresentadas e das estratégias argumentativas empregadas, mesmo que determinados programas ou matérias não tivessem sido utilizadas em nossa análise.

Ao fazermos a escolha de matérias mais representativas, procuramos afunilar nosso recorte em matérias que cubram diferentes aspectos do racismo, como casos de discriminação, políticas públicas, matança de corpos negros, necropolítica, movimentos sociais e/ou debates relacionados ao tema.

2. Identificação das estruturas de poder: chegamos a essa etapa analisando os discursos em busca de pistas sobre as estruturas de poder subjacentes, observando se há hierarquias implícitas, reforço de estereótipos raciais ou falta de representatividade de pessoas negras em posições de poder ou como fontes de informação.

3. Análise do viés e das narrativas: a observação nesse critério se deu a partir da análise da apresentação do racismo como um problema isolado, sem considerar sua dimensão estrutural e analisar, por exemplo, como as narrativas colocam essa responsabilidade nas vítimas.

Observamos também os elementos discursivos como escolha de palavras, imagens, entrevistados, estratégias argumentativas, representação de personagens e fontes de informação, e identificando como esses elementos contribuem para a construção do discurso sobre o racismo e a necropolítica e enquadramento dessas respectivas histórias, investigando a presença de estereótipos raciais e preconceitos nos discursos dos programas, além de analisar como esses elementos são construídos e reproduzidos.

Analisamos as matérias em busca de padrões recorrentes, como o enquadramento do racismo como um problema individual, a falta de representatividade ou a abordagem de causas estruturais do racismo, identificando tendências e divergências entre os programas analisados.

4. Investigação de padrões, estereótipos e preconceitos: estamos atentos a qualquer representação estereotipada de pessoas negras ou a linguagem carregada de preconceitos raciais e, quando identificada, analisamos como tais representações contribuem para a manutenção de desigualdades e discriminação racial e da matança de corpos negros.

5. Análise da diversidade de vozes: por fim, observamos como os programas dão espaço para vozes e perspectivas diversas sobre o racismo e necropolítica, incluindo pessoas negras e especialistas no assunto, fugindo do protocolar e de uma visão normativa da branquitude como uma voz definidora de verdades absolutas nos determinados contextos analisados em nosso corpus, observando como é representado o debate sobre o tema do racismo.

Dessa maneira entendo que construímos ferramentas necessárias para identificar nos programas de que modos o racismo estrutural e a necropolítica estão postos em cena, ou seja, ratificando ser possível obter uma compreensão mais aprofundada da forma como cada programa aborda o tema do racismo, ao analisarmos os elementos discursivos, as narrativas, as estruturas de poder implícitas e a diversidade de vozes nas matérias do nosso corpus. Faz-se importante lembrar de que a análise dessas matérias é uma representação limitada da cobertura durante esse período específico, definido entre os anos de 2018 e 2020.

Nesse sentido, também é importante considerar a natureza dinâmica da mídia e a possibilidade de mudanças ao longo do tempo até os dias de hoje, ratificando que o recorte da pesquisa é um desenho parcial, no sentido de delineamento com um olhar macro sobre nossos observáveis.

3 O SURGIMENTO DA TEVÊ E AS RAÍZES DO RACISMO NA GRANDE MÍDIA BRASILEIRA

A inauguração da primeira tevê no Brasil, a TV Tupi, ocorreu em setembro de 1950. Nessa época, o contexto internacional era marcado pela Guerra Fria entre os Estados Unidos e a União Soviética, que disputavam a hegemonia política e ideológica no mundo. O Brasil, que estava se industrializando e modernizando rapidamente, buscava se aproximar dos Estados Unidos e do mundo ocidental.

No contexto nacional, o presidente à época era Eurico Gaspar Dutra, que governou de 1946 a 1951. Foi um período marcado pela instabilidade política e social, com grandes greves e manifestações populares. A chegada da TV Tupi foi vista como um marco de modernidade e progresso, mas também gerou polêmica e críticas, com alguns setores da sociedade acusando-a de promover a alienação e a banalização da cultura, além de um produto voltado às classes mais abastadas financeiramente.

De início, o novo meio foi considerado elitista, uma vez que o preço de um aparelho era praticamente o de um carro. Tal característica fez com que muitos populares se aglomerassem diante das lojas de eletroeletrônicos — ou mesmo em padarias — para admirar um pequeno televisor. Mas o mais comum mesmo era convidar para ir à casa de amigos e familiares que tivessem uma telinha. Foi assim que nasceram os chamados "televizinhos". Essa nova era surgiu, oficialmente, com a inauguração da TV Tupi (Francfort, 2022, p. 54).

Na época da inauguração da TV Tupi, em 1950, o contexto do racismo no mundo e no Brasil era marcado pela persistência de ideologias e práticas discriminatórias contra pessoas negras. Em muitos países, incluindo os Estados Unidos, a segregação racial ainda estava em vigor em diversos aspectos sociais e econômicos, como acesso às escolas, empregos e moradias.

No Brasil, apesar da abolição da escravatura em 1888, o racismo ainda era presente no país em diversas formas. O acesso a serviços e oportunidades de trabalho era restrito para pessoas negras, que sofriam discriminação e eram estereotipadas pela cor da pele. O preconceito racial também se manifestava em outras esferas, como na cultura popular e na representação midiática, que muitas vezes reforçam estereótipos racistas e pejorativos sobre as pessoas negras.

Assim, a inauguração da TV Tupi aconteceu em um contexto de desigualdade e discriminação racial tanto no Brasil quanto no mundo. A mídia e a televisão, em particular, desempenhavam um papel importante na construção das percepções e imagens sociais, o que tornava ainda mais crucial a necessidade de enfrentar o racismo e promover a igualdade racial.

A história do racismo na imprensa brasileira é longa e complexa. Para entendermos esse cenário faz-se necessário voltarmos no tempo. Desde a época do Brasil colonial, as pessoas negras foram retratadas de maneira estereotipada e discriminatória pelos veículos de comunicação. Nos jornais do século XIX, havia uma grande presença de anúncios de escravos para venda. Esses anúncios descreviam as características físicas dos indivíduos, incluindo termos como "sadio", "forte", "não tem defeitos", criando uma associação entre a escravidão e uma suposta superioridade física negra.

Figura 02 – Anúncio de venda de escravo em jornal brasileiro

— Hum escravo nação Angico, muito ladino, bozita figura, sem ponta de barba, muito possante para qualquer serviço, e vende-se por fujaó, mas nunca o fez para fora da Cidade, e serve para quem o possa ter supiado, e he em conta; na Cidade de Olin da rua do Coxo N.º 14.

Fonte: Anúncio publicado no jornal Diário de Pernambuco em 1830².

Mesmo após a abolição da escravatura, em 1888, a imprensa brasileira continuou a reforçar estereótipos e preconceitos contra a população afrodescendente. Na virada do século XX, os jornais começaram a veicular notícias falsas sobre supostos crimes cometidos por pessoas negras, criando uma imagem de que a população afrodescendente era mais violenta e perigosa. Essa narrativa foi reforçada por charges e ilustrações caricaturais, que apresentavam indivíduos negros como bandidos ou ignorantes.

Figura 03 – Charge em jornal defende que seria ridículo se um homem negro comandasse homens brancos da marinha brasileira em 1910, no contexto histórico da Revolta da Chibata.



Fonte: Careta e O Malho/Biblioteca Nacional Digital (1910)³.

Décadas depois, já na era Vargas (1930-1945), a imprensa brasileira trabalhou em parceria com o governo para promover a ideia de que o país precisava "embranquecer" sua

² Disponível em: <http://abet-trabalho.org.br/anuncios-da-epoca-da-escravidao-mostram-por-que-o-brasil-precisa-acertar-as-contas-com-o-passado/>. Acesso em: 20 maio 2023.

³ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/em-1910-marujos-denunciaram-chibata-na-marinha-e-racismo-no-brasil-pos-abolicao>. Acesso em: 20 maio 2023.

população. Essa política foi baseada em teorias eugenistas e raciais que afirmavam que as características físicas atribuídas aos brancos eram superiores às dos negros e que a mistura de raças era prejudicial para a nação.

Figura 04 – Matéria sobre concursos de beleza entre crianças e mulheres em busca de características perfeitas segundo os conceitos da eugenia defendida na Era Vargas.



Fonte: Careta e O Malho/Biblioteca Nacional Digital) – (1935)⁴.

Retornando para a inauguração da tevê no Brasil na década de 1950, quando a luta contra o racismo começou a tomar forma no país, alguns veículos de comunicação começaram a refletir uma visão menos pejorativa e mais respeitosa sobre a cultura negra. Porém, naquela época, a representação dos negros na tevê era limitada e estereotipada, com a maioria dos personagens sendo retratados como empregados domésticos, sambistas ou bandidos.

Já nos anos 1960 e 1970, a luta pelos direitos civis das pessoas negras nos Estados Unidos influenciou a revolução cultural que estava acontecendo no Brasil, levando à criação de programas como "O Direito de Nascer", que abordava conflitos raciais; e "Negritude", que explorava a cultura negra. Entretanto, personagens negros ainda eram geralmente interpretados por atores brancos em uso de *blackface* – prática de ridicularizar pessoas negras a serviço do entretenimento.

Na década de 1980, apesar de marcada por mudanças na programação da tevê brasileira, os atores negros majoritariamente eram escalados para papéis de escravos ou de empregados domésticos. Como exemplo, a atriz Chica Xavier (*in memoriam*), que interpretou a personagem escrava Bá, em *Sinhá Moça*, no ano de 1986, novela de grande sucesso exibida na TV Globo.

⁴ Disponível em: <https://twitter.com/Savagefiction/status/1059950001055502336>. Acesso em: 31 maio 2023.

Figura 05 – Para interpretar o personagem Pai Tomás, homem negro, o ator Sérgio Cardoso pintou com tinta preta o corpo e usou peruca e rolhas no nariz, gerando revolta no meio artístico.



Fonte: Uol, Memória da tevê (2021)⁵.

A partir dos anos 1990, com a globalização e o surgimento de novos canais de tevê, houve um aumento da presença negra na tevê brasileira, porém, na maioria dos casos, com pouca representatividade e compartilhando sempre a baixa hierarquia social. Além disso, personagens negros ainda são retratados como marginalizados, bandidos, empregados domésticos, ou mercadorias exóticas. Programas de humor muitas vezes usavam e ainda continuam usando - hoje de maneira mais velada - estereótipos racistas como fonte de humor, o que ajuda a perpetuar preconceitos e discriminações.

Na dissertação "Mussum e os processos de subjetivação forjados pelo racismo recreativo: um olhar sobre a comédia trapalhona", Edson Rodrigues Cavalcante (2023) aponta aspectos ilustrativos sobre as características citadas acima, encontradas no programa de humor Os Trapalhões, da TV Globo, mais especificamente no contexto do personagem Mussum, interpretado pelo ator Antônio Carlos Bernardes Gomes que, de acordo com o autor, era vítima do racismo estrutural e racismo recreativo.

Vários esquetes utilizados como base de estudo nesta pesquisa, constituíram-se como exemplos eloquentes para ratificar a falta de entendimento do sistema ideológico racista no país. Dessa maneira, estudamos “Os Trapalhões” por entender que o programa foi, durante muito tempo, um modelo de dispositivo de poder no campo da cultura de massa. Na análise dos esquetes, percebemos a presença de uma pedagogia racista eficiente e capaz até de transformar alguns discursos de ódio em pretensioso riso (CAVALCANTE, 2023, pg. 115).

⁵ Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/em-1969-estrela-da-globo-causou-polemica-ao-fazer-blackface-em-novela-52747>. Acesso em: 31 maio 2023.

Figura 06 – Matéria do portal Terra destaca forte traços de racismo estrutural forjaram o humor na televisão brasileira



Fonte: Terra (2022)⁶.

Apesar do longo da história ter havido uma diminuição de casos explícitos como os citados acima, o racismo ainda é muito presente na tevê brasileira. Por exemplo, o uso de *blackface* ainda é visto em algumas produções, além disso, há pouca representatividade de atores/atrizes negros na tevê brasileira, principalmente em papéis de camadas sociais mais elevadas.

Figura 07 – Um dos participantes de reality do programa Mais Você (TV Globo) em 2016, apresentado por Ana Maria Braga, se fantasiou de 'Nega Maluca'. A Globo, à época, não se manifestou.



Fonte: O Popular (2016)⁷.

⁶ Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/o-humor-sempre-foi-parte-constituente-do-racismo-estrutural-no-brasil-diz-pesquisadora,4bf75affb597c8a8965645edfaa7e6d7pjz8xaxs.html>. Acesso em: 31 maio 2023.

⁷ Disponível em: <https://daqui.opopular.com.br/editorias/geral/mais-voc-AA-%C3%A9-acusado-de-racismo-por-fantasia-de-nega-maluca-1.1194065>. Acesso em: 31 maio 2023.

O autor Joel Zito Araújo (2000, p. 33), em seu livro "A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira", cita elementos ouvidos de entrevistados que avaliaram como os meios de comunicação de massa representam negros e afro-brasileiros na televisão nas últimas décadas:

1) os negros são representados através de estereótipos negativos; 2) existe uma total invisibilidade da ação positiva dos negros; 3) a cultura negra é vista como folclore, e não como parte da cultura popular e da constituição do imaginário e das preferências do povo brasileiro; 4) o negro como elemento de diversão para os brancos, e não para si mesmo e seu grupo étnico; e 5) a apresentação do negro como pobre e favelado está na estrutura rotineira dos noticiários (Araújo, 2000, p.33).

Já a partir dos anos 2000, uma nova geração de artistas negros começou a se destacar na tevê, atuando como protagonistas em novelas e programas de comédia. Porém, ainda era possível identificar posicionamentos racistas das emissoras brasileiras. Um exemplo foi a novela “Da Cor do Pecado”, veiculada no ano de 2014 na TV Globo e protagonizada pela atriz Taís Araújo, mulher negra. O título da telenovela reflete um cunho de sexualização da mulher preta.

Historicamente, tem-se indicativos de que o corpo feminino fora (e ainda é) representado e idealizado como objeto de prazer para o sexo oposto sendo colocado, reiteradamente, em diferentes sociedades e contextos, sob juízos inquisitórios. Mulheres foram, e ainda são, constantemente objetificadas. Em tempos de mundialização do capital, de mudanças e inferências tecnológicas, que socializam de forma cada vez mais rápidas certas informações, disseminam-se e massificam-se determinadas formas de pensar, de agir e analisar a realidade e as relações socialmente estabelecidas. É sob tais bases que o racismo e o sexismo, dentre outras violências e práticas são legitimadas, e isso fere direitos humanos e viola direitos indispensáveis para o “viver” em sociedade (RUAS; OLIVEIRA; JESUS, 2022, p. 1).

Figura 08 – A expressão “da cor do pecado” vem do período escravocrata do Brasil, quando famílias imperiais acreditavam que a população negra era alvo de uma espécie de “castigo divino” que lhes deu a pele escura, destaca a matéria “Viva exhibe alerta inédito sobre novela com título racista”



Fonte: TV Globo (2014)⁸.

⁸ Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2021/04/viva-exibe-alerta-inedito-sobre-novela-com-titulo-racista/>. Acesso em: 31 maio 2023.

Nos últimos anos, grupos e movimentos negros - conjunto de movimentos sociais que confrontam o racismo - têm lutado por mudanças e exigindo mais diversidade e representatividade na tevê brasileira, um processo lento, mas que começa a gerar resultados. No entanto, a desconstrução do racismo na mídia brasileira ainda é um desafio em curso.

Não obstante o histórico da mídia nacional e mais precisamente televisiva, a TV Globo e Record TV – nossos observáveis – também não se descolam da realidade de propagação de diversas características racistas em suas respectivas programações e coberturas jornalísticas.

Na TV Globo, por exemplo, no programa Domingão do Faustão, em 2011, a apresentadora Ana Maria Braga justificou sua nota baixa – no quadro Dança dos Famosos – ao cantor MV Bill com a seguinte frase “negão tem que saber dançar, ter ginga” (*sic*). Já no programa do domingo seguinte a apresentadora tentou justificar a situação, mas em nenhum momento pediu desculpa: “eu sei o que você está passando... eu pensei que ele tivesse a música também incorporado no gingado da raça”, destacou a apresentadora da TV Globo, Ana Maria Braga. MV Bill respondeu: “o que me deixou bolado foi o critério racial, como se o fato de ser preto fosse uma garantia de ser um ótimo dançarino”. Faustão complementou: “não é porque bastou pintar um “negão” e tem que dançar de qualquer jeito” (*sic*), isso abraçado ao rapper e finalizou: “é como se fosse um preconceito ao contrário”.

Figura 09 – Matéria do portal destaca descontentamento de MV Bill de nota baixa com justificativa de questão racial pela apresentadora da TV Globo, Ana Maria Braga.



Fonte: Uol Entretenimento (2011)⁹.

⁹ Disponível em: <https://televisao.uol.com.br/ultimas-noticias/2011/09/04/mv-bill-e-contra-ana-maria-braga-usar-questao-racial-no-juri-da-danca-dos-famosos.jhtm>. Acesso em: 2 jun. 2023.

A Record TV também não foge à prática das demais emissoras. Uma matéria da Folha/UOL (figura 11), em 2019, destacou um caso de racismo religioso por parte da emissora. A matéria veiculada mostrou vídeos que circulam pelas redes sociais envolvendo a cantora Beyoncé e sua ex-baterista Kimberly Thompson. Na ocasião, a baterista foi aos tribunais alegar que a cantora havia praticado bruxaria com ela e matado seu gato.

A Record TV contou o caso, citou o termo bruxaria e ainda mostrou imagens do álbum visual dela “*Black Is King*”, que exalta a cultura africana, no mesmo contexto. Internautas opinaram que o termo “magia negra”, usado pela reportagem, teria sido colocado de forma pejorativa. Também foi levantado críticas sobre a associação da matéria à Beyoncé, uma artista norte-americana que levanta a bandeira do orgulho negro, por soar como discurso preconceituoso. Na época, a emissora não se pronunciou oficialmente sobre o caso.

Figura 10 – Matéria destaca casos de racismo religioso em programa “Fala Que eu te Escuto” da Record TV.



Fonte: Uol Televisão (2021)¹⁰.

Infelizmente, existem outros diversos casos de racismo na história do jornalismo da TV Globo e Record TV, além dos citados acima. Vale ressaltar que esses são apenas alguns exemplos e que existem muitos outros casos de racismo na história das emissoras. Adentraremos outros casos ao dissecarmos o histórico de formação de cada emissora do nosso corpus e o posicionamento editorial desde o início de suas respectivas histórias até a atualidade. Tal arcabouço será de extrema importância para entendermos o contexto e a conjuntura político-social e econômica de cada empresa noticiosa estudada, ao aplicarmos nossa análise acerca das matérias escolhidas.

¹⁰ Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2021/01/record-e-acusada-de-racismo-por-associar-beyonce-com-magia-negra.shtml>. Acesso em: 02 jun. 2023.

3.1 TV Globo: trajetória, impacto e controvérsias na luta antirracista

A TV Globo é uma das maiores emissoras de televisão do Brasil e foi fundada em 26 de abril de 1965 pelo empresário Roberto Marinho. A emissora foi criada com o objetivo de oferecer uma programação de qualidade e inovadora para o público brasileiro. Ao longo dos anos, a TV Globo tornou-se líder de audiência no país e produziu programas de grande sucesso, como novelas e cobertura esportivas como Olimpíadas e Copa do Mundo. Além disso, a emissora também é conhecida por seus telejornais, como o Jornal Nacional e o Fantástico. Atualmente, ela é a segunda maior rede de televisão comercial do mundo, atrás apenas da norte-americana *American Broadcasting Company (ABC)*, sendo que alcança 98,60% do território brasileiro, cobrindo 5.490 municípios e cerca de 99,55% do total da população brasileira, de acordo com matéria publicada pelo jornal Diário do Estado¹¹.

Durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985), a TV Globo teve um papel importante na propagação de ideias e valores que apoiavam o regime autoritário. A emissora, que se tornou a maior rede de televisão do país na década de 1970, nasceu apenas um ano após o golpe militar que derrubou o presidente João Goulart, em 1966.

Apesar da TV Globo ter sido uma das empresas de comunicação que mais sofreram com a censura imposta pelo regime militar, a emissora colaborou com o regime de diversas formas. Entre as principais críticas, destacam-se, conforme Fantinatti (2022):

a) Apoio ao governo ditatorial: a emissora sempre esteve alinhada aos interesses do governo militar e, em diversos momentos, defendeu suas ações e políticas públicas. Alguns jornalistas e apresentadores da TV Globo chegaram a ser acusados de fazer propaganda do regime.

b) Omissão de informações: em alguns casos, a TV Globo foi acusada de ter omitido informações importantes sobre a repressão política e as violações dos direitos humanos cometidas pelo regime militar. Alguns documentos e reportagens mostram que a emissora evitava abordar temas que pudessem desagradar o governo.

c) Relação com empresários: a TV Globo também foi criticada por sua relação próxima com empresários e figuras influentes do regime militar. A emissora teria se beneficiado das

¹¹ Disponível em: <https://diariodoestado.com.br/10-curiosidades-surpreendentes-sobre-a-historia-da-rede-globo-110091/>. Acesso em: 16 maio 2023

políticas econômicas e do apoio do governo para crescer e se consolidar como a maior rede de televisão do país.

Tais relações acima citadas são condicionadas aos interesses econômicos da emissora, como aponta a jornalista Sandra Aguiar (2015, p. 6):

O grupo Globo não só apoiou o golpe de estado contra Jango, como também deu seu apoio aos governos militares que se estabeleceram ao longo da ditadura militar. Algo que representaria um salto para a transformação do conglomerado Marinho no maior grupo midiático do país. Aos 60 anos, o empresário deu início às transmissões do canal 4 do Rio, a TV Globo e, em 1966 adquiriu uma nova concessão, o canal 5 de São Paulo, a TV Paulista, e começou a formar a Rede Globo de Televisão (Aguiar, 2015, pg.06).

Nos últimos anos, a TV Globo tem se posicionado de forma crítica em relação à ditadura militar e assumido a responsabilidade pelos erros cometidos no passado. A emissora tem aberto seus arquivos para pesquisadores e jornalistas interessados em investigar o período da ditadura têm produzido reportagens e documentários sobre o tema.

Como já mencionado no texto, identificamos casos de racismo relacionados à TV Globo, tanto envolvendo seus programas quanto indivíduos associados à emissora. Abaixo expomos complementarmente alguns exemplos de características dessas abordagens, conforme também destaca Fantinatti (2022):

1. Personagens estereotipados: em algumas produções do passado, como novelas e programas de humor, a TV Globo foi criticada por apresentar personagens negros de forma estereotipada, reforçando estigmas e preconceitos raciais.

2. Representatividade: por muitos anos, a representatividade negra na programação da TV Globo foi um tema de discussão. A falta de protagonistas e personagens centrais negros em novelas e séries foi apontada como uma lacuna, levando a críticas sobre a falta de diversidade e inclusão.

Trazendo a nossa discussão acerca do racismo na grande mídia para anos recentes, também na TV Globo, em 2019, retomo o exemplo do caso do jornalista William Waack, que foi flagrado em vídeo fazendo comentários racistas nos bastidores do Jornal da Globo. A emissora divulgou uma nota anunciando a demissão do jornalista e se posicionou publicamente em repúdio ao racismo. Em relação ao posicionamento da emissora acerca de cada caso, a TV Globo dias depois anunciou a demissão do jornalista William Waack (Figura 12).

Figura 11 – Matéria do portal Carta Capital destaca a demissão de William Waack, após fala racista na TV Globo.



Fonte: Uol Televisão (2021)¹².

Nesse contexto do caso envolvendo William Waack, voltamos 13 anos no tempo, mais precisamente ao lançamento do livro “Não Somos Racistas”, escrito pelo diretor da Globo, Ali Kamel. A obra é um texto de Kamel contra o sistema de cotas raciais. Diz ele que, ao impor esse sistema, o governo “divide o Brasil em duas cores, eliminando todas as nuances características da nossa miscigenação.” (Kamel, 2006, p. 40).

No livro mencionado, Kamel (2006) discute que as cotas raciais podem criar no Brasil “uma separação de cores que nunca existiu, promovendo ódio racial”. O discurso foi criticado à época pelo jornalista Paulo Henrique Amorim (*in memoriam*), apresentador do Domingo Espetacular, que posteriormente foi condenado a indenizar o diretor de jornalismo da TV Globo. Trago esse exemplo para ilustrar o pensamento do líder da emissora por décadas, acerca do racismo.

É importante observar ainda que, ao longo do tempo, a TV Globo tem buscado modificar sua abordagem em relação à representatividade racial, trazendo mais atores, atrizes e outros profissionais negros para suas produções e explorando narrativas que abordam questões raciais de forma mais sensível e realista.

No entanto, é importante lembrar que a TV Globo é uma empresa e é norteadora por estratégias comerciais, como qualquer negócio do ramo. A publicidade desempenha um papel fundamental em seu modelo de negócio e a manutenção da sua economia é um aspecto essencial

¹² Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/apos-comentario-racista-globo-afasta-jornalista-william-waack/>. Acesso em: 16 maio 2023.

para a operação. Além disso, toda empresa de mídia tem sua própria ideologia e perspectiva editorial, que influenciam na forma como abordam determinadas pautas.

Entendo ser necessário manter uma análise crítica e acompanhar diversas fontes de informação para obter uma visão realista sobre como a TV Globo lida com pautas sociais, interesses comerciais e sua ideologia. No âmbito jornalístico, a Globo tem dedicado espaço para reportagens, entrevistas e debates que abordam questões relacionadas ao racismo.

Em relação aos programas de entretenimento, a Globo tem incluído tramas e personagens que abordam o racismo em suas novelas. A TV Globo também realiza campanhas e projetos especiais como a "Semana da Consciência Negra", que busca ampliar o diálogo sobre o racismo e estimular a conscientização da sociedade.

É importante ressaltar novamente que a abordagem da emissora pode variar em diferentes programas e momentos, e é sempre necessário acompanhar diversas fontes de informação para obter uma visão mais completa sobre a forma como o racismo é tratado na mídia, sem romantizar um alinhamento editorial que flerta com o antirracismo, como algo que não fosse mais que uma obrigação na luta contra o racismo.

3.1.1 Fantástico: pioneirismo na tevê brasileira e seu histórico de racismo midiático

O Fantástico é um dos programas mais antigos e emblemáticos da TV Globo. Ele foi criado em 5 de agosto de 1973 com o objetivo de ser um programa dominical de variedades, com reportagens especiais, entrevistas, música e humor. O primeiro episódio do Fantástico contou com a apresentação de Léo Batista e Cid Moreira, dois dos maiores nomes do jornalismo da época. O programa foi um sucesso imediato, atraindo milhões de telespectadores e se consolidando como um dos principais programas da TV Globo.

Nos primeiros anos, o Fantástico apresentava reportagens de cunho investigativo e denúncias, abordando temas polêmicos como corrupção, violência e meio ambiente. O programa apresentava entrevistas com líderes da política, cultura e esportes. Ao longo dos anos, o Fantástico foi se adaptando às mudanças na tevê e na sociedade brasileira. Ele se tornou mais ágil e dinâmico, incorporando novos formatos de reportagem, como o “quadro” (uma mini-reportagem sobre um tema específico) e a “série” (várias reportagens sobre um tema em comum). Sempre exibido aos domingos à noite, o programa tinha e ainda tem grande influência na grade da emissora.

O Fantástico é exibido neste horário desde 1973, no formato de revista eletrônica com discurso misto que, além de reportagens dos principais fatos da semana em todas as áreas, traz personalidades em evidência, trechos de espetáculos em cartaz e quadros próprios que podem ser ficcionais ou não. O programa funciona como um espaço para introdução de novas linguagens, tanto que muitas das séries de humor que a TV Globo exibe tiveram início em quadros do Fantástico: Minha Nada Mole Vida; Sob Nova Direção, e outras. Também o Central da Periferia, de Regina Casé, nasceu de uma série criada aqui, chamada "Minha Periferia" (Fantinatti, 2022, p. 93).

O programa também passou a incluir mais entretenimento e cultura, com entrevistas com artistas e cobertura de eventos musicais e culturais. O humor também se tornou uma marca registrada do Fantástico, com o surgimento de personagens interpretados por artistas como Chico Anysio, Denise Fraga, Luiz Fernando Guimarães, Fernanda Torres, Evandro Mesquita, Bruno Mazzeo, Marcelo Adnet, entre outros.

O humor, que foi tão capitalizado no programa, também gerou discursos racistas ao longo da história, como destaca o professor e ativista do movimento negro Douglas Belchior (2013), em relação a um caso de racismo no programa dominical da TV Globo, no ano de 2013, em um quadro humorístico. À época, a emissora não fez nenhum tipo de retratação sobre o caso e críticas feitas por estudiosos e reverberações em redes sociais.

Neste domingo - 03 de novembro - o programa Fantástico, em seu quadro humorístico "O Baú do Baú do Fantástico", exibiu um episódio cujo tema é muito caro para a história da população negra no Brasil. "Vamos voltar no tempo agora, mas voltar muito: 13 de maio de 1888, no dia em que a Princesa Isabel aboliu a escravidão. Adivinha quem tava lá? Ele, o repórter da história, Bruno Mazzeo!". O quadro, assinado por Bruno Mazzeo, Elisa Palatnik e Rosana Ferrão, faz uma sátira do momento histórico da abolição da escravidão no Brasil. Na "brincadeira" o repórter entrevista Joaquim Nabuco, importante abolicionista, apresentado como líder do movimento "NMS – Negros, mulatos e simpatizantes"! Princesa Isabel também entrevistada, diz que os ex-escravos serão amparados pelo governo com programas como o "Bolsa Família Afrodescendente", o "Bolsa Escola – o Senzalão da Educação" e com Palhoças Populares do programa "Minha Palhoça, minha vida"! "Mas por enquanto a hora é de comemorar! Por isso eles (os ex-escravos) fazem festa e prometem dançar e cantar a noite inteira..." (Belchior, 2013, n.p.).

Figura 12 – Quadro "O Baú do Baú do Fantástico" trouxe uma releitura, de momento histórico da abolição da escravidão no Brasil, carregado de piadas racistas e discriminatórias.



Fonte: Portal Geledés (2013)¹³.

¹³ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/rede-globo-fantastico-e-o-seu-racismo>. Acesso em: 16 maio 2023.

Além do humor citado acima e o entretenimento, ao longo dos mais de 40 anos de história, o Fantástico também se consolidou como uma referência no jornalismo brasileiro, sendo responsável por reportagens de grande impacto social, de cunho investigativo e de denúncias. Hoje, o Fantástico é apresentado por Maju Coutinho e Poliana Abritta e continua sendo um dos programas mais assistidos da TV Globo, com média de audiência de mais de 20 milhões de telespectadores por edição.

No jornalismo, nas décadas mais recentes, o programa também foi acusado de reproduzir reportagens sensacionalistas como o caso da Escola Base, em São Paulo. A emissora divulgou informações falsas e prejudicou a imagem de professores e funcionários da escola com acusações de abuso sexual de alunos. A TV Globo foi condenada a pagar uma indenização milionária aos envolvidos. No ano de 2022, a emissora lançou um documentário sobre o caso, intitulado Escola Base - Um repórter enfrenta o passado, onde faz um mea-culpa sobre o “erro jornalístico”.

Figura 13 – Valmir Salaro foi o primeiro repórter a noticiar uma acusação de abusos de crianças de 4 anos. Os denunciados eram inocentes e o caso virou escândalo nacional. 28 anos depois, ele reencontra os acusados em série documental para o streaming da TV Globo, Globoplay.



Fonte: Plataforma Globo Play (2022)¹⁴.

Retomando a pauta do racismo, a TV Globo tem abordado a pauta do racismo em seus programas jornalísticos e de entretenimento de diferentes maneiras. Entretanto, por um cenário de processos instituídos por órgãos como Ministério Público e uma demanda do mercado publicitário em se unir cada vez mais a causas de inclusão e, conseqüentemente, a grupos historicamente minorizados - emissoras como a TV Globo têm se preocupado em aumentar a diversificação de seus colaboradores, bem como a representação de pautas afins a esses grupos em sua programação. Entretanto, mais uma vez, ratifico que tais encaminhamentos editoriais

¹⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/escola-base-um-repórter-enfrenta-o-passado/t/DgP8Dccp5s/>. Acesso em: 4 jun. 2023.

ainda perpassam o contexto de prioridade comercial do veículo e não há como determinar que na prática, de fato, tais ações estão sendo condizentes com o discurso da emissora.

Figura 14 – Site G1, do grupo Globo, repercute nota de repúdio e ataques racistas sofridos por sua apresentadora Maju Coutinho em redes sociais.



Fonte: Portal G1 (2015)¹⁵.

Na esteira da TV Globo contra o racismo, podemos citar como exemplo uma nota pública em um veículo do grupo em defesa da apresentadora Maju Coutinho, em 2015, que recebeu ataques racistas na internet após apresentar a previsão do tempo no Jornal Nacional (figura 15). A emissora se posicionou publicamente em defesa da jornalista e em repúdio ao racismo, inclusive criou uma campanha institucional para reverberar o discurso antirracista em defesa de sua apresentadora. É válido ressaltar, que Maju Coutinho é a segunda apresentadora negra do dominical, a primeira foi a jornalista Glória Maria (*in memoriam*).

Entretanto, nada disso exclui os possíveis silenciamentos sobre o tema e, até mesmo, posições institucionais e econômicas que se contradizem ao discurso antirracista, como o caso do humorístico de Bruno Mazzeo citado anteriormente, entre outros exemplos. Embora as iniciativas mencionadas representem um avanço importante, ainda é preciso reconhecer que essas ações ainda são insuficientes diante dos inúmeros casos de racismo e minimização de grupos de pessoas negras ao longo da história na TV.

A sub-representação de pessoas negras e a falta de narrativas que reflitam verdadeiramente as experiências e culturas dessas comunidades persistem como desafios significativos. A mudança estrutural requer um comprometimento contínuo e abrangente para garantir que as práticas de diversidade e inclusão se tornem uma norma em toda a indústria televisiva, não apenas uma exceção.

¹⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/07/maju-comenta-apoio-preconceituosos-ladram-mas-caravana-passa.html>. Acesso em: 4 jun. 2023.

3.2. Record TV: história, religião e conservadorismo

A Record TV é uma das mais antigas emissoras de televisão do Brasil, tendo sido fundada em 1953 por Paulo Machado de Carvalho, um empresário do ramo de comunicações que já possuía diversas estações de rádio. A emissora foi criada com o objetivo de competir com a TV Tupi, que havia sido inaugurada dois anos antes e era a primeira rede de televisão do país. Hoje, a Record TV é uma das maiores redes de televisão do país, com afiliadas em todo o território nacional e uma programação diversificada que inclui novelas, telejornais, séries, reality shows e programas de entretenimento.

Nos primeiros anos, a Record TV enfrentou dificuldades financeiras e técnicas, mas conseguiu se consolidar com a ajuda de programas de sucesso como "O Céu é o Limite", "Programa Silvio Santos", - retransmissão do programa exibido na TV Tupi - e "Jovem Guarda". A emissora também investiu em transmissões esportivas como a Copa do Mundo de 1958, que ajudaram a popularizar a tevê no país.

Na década de 1960, a Record TV passou por uma fase de renovação, apostando em programas musicais e humorísticos que atraíam os jovens. Foi nessa época que surgiu a "Jovem Guarda", um programa musical apresentado por Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa que se tornou um fenômeno de audiência e marcou a história da televisão brasileira. Já em 1989, a Record TV foi vendida para um grupo de empresários liderado por Edir Macedo, que mais tarde se tornou o fundador da Igreja Universal do Reino de Deus. Sob a direção de Macedo, a emissora passou por uma transformação radical, abandonando a programação secular em favor de programas religiosos e de entretenimento com forte apelo popular.

Além de programas voltados à religião, a Record contou com a inclusão de diversos programas e apresentadores que se consagrariam no mundo televisivo, especialmente na segunda metade dos anos 1990. Em 1993, a emissora resolveu apostar em um programa culinário, gênero que havia feito bastante sucesso em décadas anteriores, por exemplo com Ofélia Anunciato, da TV Tupi. A escolhida para comandar as manhãs do Note e Anote foi Ana Maria Braga, que à época trabalhava como diretora comercial de algumas publicações da Editora Abril. Ana já tinha experiência como apresentadora na TV Tupi na década de 1970. Estreando em 8 de novembro de 1993, o programa fez sucesso e trouxe também o papagaio Louro José, que é seu companheiro até os dias de hoje. Na Record, também teve um programa aos moldes do de Hebe Camargo que ia ao ar entre as 22h e a meia-noite de terça-feira (Zorzi, 2018, n.p.).

Nos anos seguintes, a Record TV enfrentou altos e baixos, alternando períodos de crescimento com crises financeiras e problemas de gestão. Desde então, a emissora tem investido em novas produções de entretenimento e jornalismo, tornando-se uma das principais

concorrentes da Rede Globo, a líder de audiência no Brasil. O seu dono, Edir Macedo, também se envolveu em casos de polícia após adquirir a emissora. Como exemplo, no ano de 1992, ao ser acusado de lavagem de dinheiro, charlatanismo e curandeirismo.

Figura 15 – Momento em que Edir Macedo é preso pela polícia civil de SP em 1992.



Fonte: Plataforma Observador (2017)¹⁶.

Outra polêmica que Edir Macedo se envolveu ao longo da sua história a frente da TV Record também teve grande repercussão, como destaca o site Observador: “12 de outubro de 1995, dia em que se assinala o feriado nacional em honra de Nossa Senhora de Aparecida, a padroeira do Brasil, o bispo Sérgio Von Helder insultou, esmurrou e pontapeou uma estátua daquela invocação de Nossa Senhora, durante o programa “O Despertar da Fé”, da Rede Record”. Outro caso de intolerância religiosa também aconteceu em 2015, quando Edir Macedo anunciou criação dos “Gladiadores do Altar”, uma milícia composta por jovens fiéis destinada a combater o inferno. O foco era principalmente religiões de matrizes africanas como o candomblé e umbanda.

Figura 16 – Após sucessivos ataques às religiões de matrizes africanas em seu programa, a Record TV foi condenada a exibir conteúdo positivo sobre o tema.



¹⁶ Disponível em: <https://observador.pt/especiais/edir-macedo-os-15-momentos-polemicos-na-vida-do-milionario-que-fundou-a-irud/>. Acesso em: 4 jun. 2023.

Fonte: Portal Mundo Negro (2018)¹⁷.

Trazendo a abordagem da Record TV em relação ao nosso tema de pesquisa e da pauta do racismo, em seus programas jornalísticos e de entretenimento é perceptível uma influência pela sua orientação editorial mais conservadora e pela propriedade da emissora pela Igreja Universal do Reino de Deus. Como resultado, a forma pelo qual o assunto é tratado pode diferir da abordagem adotada por outras emissoras.

Nos seus programas jornalísticos e de entretenimento, a Record TV aborda o racismo em reportagens e entrevistas, mas a ênfase e a profundidade da cobertura podem variar. É importante observar que a emissora pode adotar uma perspectiva mais conservadora ou apresentar abordagens específicas que estejam alinhadas com suas orientações editoriais.

Um exemplo recente de caso de racismo envolvendo a emissora de Edir Macedo, aconteceu em uma dinâmica do programa “Hora do Faro”, veiculado dia 13 de novembro de 2022 e do reality show “A Fazenda 14”, que retratou os participantes do reality como releituras de obras de arte famosas. André, homem negro, foi correlacionado racistamente com a tela “O Lavrador de Café”, de Cândido Portinari, que representava um homem negro escravizado em uma plantação de café. O apresentador Rodrigo Faro pediu desculpas em suas redes sociais, à época, após o ato racista.

Figura 17 – Site Metrôpoles repercute caso de racismo por parte da TV Record em prova de A Fazenda.



¹⁷ Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/ppopulacoes-de-matrizes-africanas-vencem-por-unanimidade-acao-contra-rede-record/>. Acesso em: 4 jun. 2023.

Fonte: Portal Metr p les (2022)¹⁸.

Tais exemplos, como os citados até então, corroboram com uma análise ainda longe de um posicionamento antirracista por parte da emissora, que tem linha editorial pautada na cultura da religião evangélica e também em um viés conservador.

3.2.1 Domingo Espetacular: A Resposta da Record TV ao Fantástico

O Domingo Espetacular   um programa de televisão brasileiro que teve sua primeira exibic o em 27 de abril de 2003, pela Record TV. O programa apresenta uma série de reportagens e matérias jornalísticas, além de entretenimento, variedades, entrevistas e cobertura de eventos importantes.

O programa foi criado com o objetivo de ser uma opc o de lazer e informa o para as famílias brasileiras nos domingos   noite, concorrendo com outros programas de grande audiência no mesmo horário como o Fantástico, da TV Globo, e o Programa Silvio Santos, do SBT. A primeira apresenta o do Domingo Espetacular foi comandada pelos jornalistas Celso Freitas e Maria Cândida, que traziam notícias e reportagens sobre temas variados, desde política e economia até cultura e entretenimento.

Nos anos seguintes, o programa passou por diversas mudanças em sua equipe e formato. Em 2006, a apresentadora Ana Paula Padrão assumiu o comando do programa, que passou a ter uma abordagem mais investigativa e de denúncia com reportagens sobre corrupc o, violência e problemas sociais. Em 2008, o Domingo Espetacular ganhou uma nova fase, com a entrada de novos apresentadores e a inclusão de mais entretenimento em seu cont do. O programa passou a ter matérias sobre celebridades, música, cinema e esportes, além de contar com a participa o de humoristas e apresenta es musicais.

Ao longo dos anos, o Domingo Espetacular se consolidou como um dos principais programas de jornalismo e entretenimento da TV brasileira. Ele foi responsável por reportagens de grande impacto social, como a denúncia sobre o uso de agrotóxicos em frutas e verduras e a cobertura da tragédia de Brumadinho. Atualmente, o programa   apresentado por Carolina Ferraz, Eduardo Ribeiro, Patrícia Costa, Thalita Oliveira e Sérgio Aguiar. Ele   exibido pela Record TV em todo o Brasil aos domingos, a partir das 19h45.

¹⁸ Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/televisao/a-fazenda-14-familia-de-andre-apontaracismo-da-record-em-dinamica>. Acesso em: 4 jun. 2023.

O programa costuma abordar questões sociais e políticas em suas matérias e reportagens, incluindo o racismo. O Domingo Espetacular já exibiu reportagens sobre violência racial, discriminação no mercado de trabalho e outras formas de preconceito. Além disso, o programa também já deu voz a pessoas e comunidades afetadas pelo racismo, buscando conscientizar o público sobre a gravidade dessa questão. Entretanto pautas de saúde, entretenimento, religião evangélica e de programas da casa acabam sendo majoritárias.

Dois casos recentes envolvendo a emissora e o racismo tiveram grande repercussão na mídia. Um deles envolvendo o jornalista e apresentador do programa, Paulo Henrique Amorim (*in memorian*) que, em 2019, foi acusado de racismo após fazer comentários sobre a cor da pele da jornalista Maria Júlia Coutinho em seu blog. A emissora não se pronunciou oficialmente sobre o caso. Outro caso envolvendo o jornalista e que também teve grande repercussão foi quando o mesmo chamou em seu blog, no ano de 2010, o jornalista Heraldo Pereira (TV Globo) de um "negro de alma branca". À época, o apresentador foi condenado a pagar indenização financeira e retratação pelo ato racista.

Figura 18 – Site O Globo destaca condenação do jornalista Paulo Henrique Amorim por comentário de cunho racista.



Fonte: O Globo (2012)¹⁹.

Outro caso recente, mais precisamente em 2020, que teve grande reverberação popular nas redes sociais e na imprensa foi a edição do programa Domingo Espetacular que fez a cobertura do caso do “menino Miguel”, trazendo uma criança branca na reconstituição de sua morte, sendo que Miguel era uma criança negra. A emissora se desculpou pelo erro e afirmou que foi um equívoco da equipe de edição.

Já no ano de 2021, uma matéria virou centro das polêmicas no programa Domingo Espetacular, exibido dia 21 de outubro. Durante a reportagem “África do Sul: Tensão racial e pobreza”, a matéria apresentou a taxa de desemprego e fome no continente. Além disso, endossou o racismo reverso, excluindo completamente o domínio dos negros no local.

¹⁹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/paulo-henrique-amorim-pagara-indenizacao-por-racismo-4052068>. Acesso em: 4 jun. 2023.

Para forçar a quebra de estereótipo, um cientista reforçou que o Apartheid e o novo sistema de cotas exclusivo aos negros fracassaram miseravelmente enquanto Nelson Mandela (1918-2013) esteve no poder. Finalizando a reportagem, um pastor da Igreja Universal do Reino de Deus ganhou uma participação especial, entregando cesta básica para os moradores de raça caucasiana. (Lima, 2021, n.p.)

Figura 19 – Site faz crítica a matéria da TV Record que endossa racismo reverso contra pessoas brancas na África do Sul.



Fonte: Portal n1 (2021)²⁰.

Isso posto, entendemos que ambos os programas, Fantástico (TV Globo) e Domingo Espetacular (Record TV), em sua linha do tempo carregam discursos que flertam e realizam racismo e atingem outros grupos vulnerabilizados, não só pelo jornalismo, mas, também, por editorias como entretenimento. Entretanto, até aqui, nós trazemos uma visão histórica-acadêmica ainda de forma generalista, e é por isso que recortamos matérias e casos de grande repercussão para analisarmos com maior precisão os discursos dos programas e emissoras acerca do racismo e da necropolítica.

A TV Globo e a Record TV são duas das principais redes de televisão no Brasil e têm diferenças editoriais significativas. A TV Globo busca uma abordagem mais abrangente em suas coberturas jornalísticas que, apesar de ter sua persona empresa como prioridade, flerta com algumas pautas progressistas - que não necessariamente está preocupada com tal característica, mas, sim, um movimento de mercado publicitário que visa o público jovem com um poder aquisitivo interessante para seus anunciantes.

Por outro lado, a Record TV tem uma inclinação editorial mais conservadora e é propriedade da Igreja Universal do Reino de Deus. Isso influencia sua programação e abordagem editorial em diversos aspectos. A Record TV tende a enfatizar pautas relacionadas

²⁰ Disponível em: <https://n1entreter.com.br/televisao/domingo-espetacular-e-criticada-por-endossar-o-racismo-reverso-em-reportagem/> . Acesso em: 6 jun. 2023.

à religião, além de oferecer uma visão mais conservadora em questões sociais e políticas. É importante ressaltar também que a abordagem editorial de qualquer emissora de televisão pode evoluir ao longo do tempo e pode haver variações entre os programas individuais em cada canal.

4 AS DIMENSÕES DO RACISMO E DA NECROPOLÍTICA: UMA ANÁLISE TEÓRICA

Neste capítulo, adentramos nos conceitos do racismo e suas ramificações. Explorando suas origens históricas e socioculturais, bem como os mecanismos subjacentes que perpetuam essa realidade. Ao compreendermos as raízes do racismo, entendo estarmos munidos para abordar suas diversas manifestações modernas, desde o racismo estrutural até o racismo institucional e os impactos da necropolítica, bem como uma perspectiva histórica até a formação do conceito de racismo que temos na atualidade.

O conceito de um projeto colonial-capitalístico, como discutido por Rolnik (2018), também se faz importante neste momento do trabalho através de relação direta com o conceito de racismo, e por frequentemente se reforçarem mutuamente, especialmente durante os períodos de expansão imperialista e colonização, seja pela exploração e lucro econômico em detrimento das pessoas escravizadas, pela legitimação de uma lógica de exploração racista, ou por outras características que vivemos e observamos na sociedade contemporânea.

4.1 Racismo: uma tecnologia de dominação social

Para o avanço deste trabalho, precisamos discutir o conceito de racismo e suas ramificações. O conceito de racismo surgiu historicamente com a colonização e a expansão imperialista dos séculos XV ao XIX. Durante esse período as potências europeias, como Portugal, Espanha, Inglaterra e França, exploraram e conquistaram territórios em diferentes continentes como África, América e Ásia.

O racismo emergiu como uma justificativa ideológica para a dominação e exploração dos povos não europeus. Os colonizadores europeus acreditavam que os povos indígenas, africanos e asiáticos eram inferiores em termos de cultura, religião, inteligência e habilidades, criando uma hierarquia racial na qual os europeus se viam como superiores, conforme Caldas (2015, p. 74) explica:

As primeiras concepções racistas modernas surgem na Espanha, em meados do século XV, em torno da questão dos judeus e dos muçulmanos. Até então os teólogos

católicos limitavam-se aqui a exigir a conversão ao cristianismo dos crentes destas religiões para que pudessem ser tolerados. Contudo, rapidamente colocam a questão da "limpieza de sangre" (limpeza de sangue). Não basta convertê-los, "limpando-lhes a alma", era necessário limpar-lhes também o sangue. Só que acabam por chegar à conclusão que este uma vez infectado por uma destas religiões, permaneceria impuro para sempre. A religião determina a raça e vice-versa. No século XVI esta concepção é estendida aos índios e negros (Caldas, 2015, p.74).

As teorias científicas questionáveis como o "racismo científico", - termo racista criado pelo médico escocês Robert Knox, no século XIX, com viés eurocentrista e preconceituoso a partir de uma lógica biológica de superioridade - também foram desenvolvidas para apoiar essa ideia de inferioridade racial. Essas teorias sustentavam que a raça branca era a mais evoluída e civilizada, enquanto outras raças eram consideradas menos desenvolvidas e destinadas à subjugação.

Essas práticas criaram profundas desigualdades sociais, econômicas e políticas, que ainda têm efeitos duradouros nos dias de hoje. É importante destacar que o racismo é uma construção social prejudicial e que a luta contra ele continua sendo uma prioridade para promover a igualdade e a justiça social.

Nas práticas racistas, a escravidão foi uma das formas mais violentas imprimida aos corpos de pessoas negras, os tornando literalmente uma mercadoria, ou seja, um sistema econômico e social brutal que envolveu a captura, transporte e exploração de milhões de africanos para trabalharem nas plantações de açúcar, algodão, tabaco e outros cultivos em colônias europeias nas Américas. Essa mão de obra escrava era considerada essencial para o funcionamento das economias coloniais.

O racismo desempenhou um papel crucial na justificação da escravidão. Os europeus desenvolveram uma ideologia que sustentava a inferioridade dos africanos e de outros povos não europeus, argumentando que eles eram "menos evoluídos" ou "menos humanos". Essas crenças foram usadas para legitimar a escravidão, naturalizando e/ou tornando inevitável que pessoas consideradas inferiores fossem subjugadas e usadas como propriedade dos europeus.

Os escravos africanos foram tratados como mercadorias, privados de seus direitos básicos, forçados a trabalhar em condições desumanas e submetidos a punições cruéis. A escravidão e o racismo estavam intrinsecamente ligados, alimentando-se mutuamente e criando um sistema de opressão baseado em diferenças raciais. Almeida (2009, p. 83) destaca o viés de ordem natural utilizado pela elite para justificar tal tecnologia.

O jusnaturalismo teve um importante papel nas discussões sobre raça e escravidão. Muitas das justificativas para a escravidão, e para o racismo que a amparava ideologicamente, tinham como base a ideia de uma ordem natural que

“fundamentava” a escravidão de determinados povos e a superioridade de outros. Portanto, leis positivas que amparavam a escravidão nada mais faziam do que espelhar uma ordem já determinada pela “natureza das coisas”, por “Deus” ou pela “razão ” (Almeida, 2009, p. 83).

Mesmo após o fim oficial da escravidão as ideias e estruturas raciais persistiram, levando a uma longa história de segregação, discriminação e desigualdade enfrentada por comunidades não brancas em muitos países. A luta contra o racismo continua sendo um desafio significativo para alcançar uma sociedade mais justa e igualitária. É importante aprender com essa história e trabalhar para promover a inclusão, a diversidade e o respeito pelos direitos humanos de todas as pessoas.

O auge do racismo contra pessoas negras no mundo está intrinsecamente ligado ao período da colonização e expansão imperialista europeia, que ocorreu principalmente entre os séculos XV e XIX. Durante essa época, o comércio transatlântico de escravos africanos foi uma prática generalizada e brutal, alimentando uma ideologia de superioridade racial que justificava a exploração e opressão dos povos de origem africana.

O tráfico de escravos foi um dos capítulos mais sombrios da história da humanidade, no qual milhões de africanos foram capturados à força, transportados em condições desumanas através do Oceano Atlântico e vendidos como propriedade para trabalhar nas plantações das Américas e outras colônias europeias. Os africanos escravizados eram considerados menos do que humanos e tratados como mercadorias sem direitos básicos. O historiador David Eltis (2007, p. 14) aponta as condições insalubres vividas pelos africanos durante esse período.

Fosse qual fosse o caminho percorrido, as condições a bordo refletiam o status de excluídas que marcava as pessoas aprisionadas no porão. Nenhum europeu — fosse condenado, servo temporário ou imigrante livre miserável — jamais foi submetido ao ambiente que recebia o escravo africano típico no momento de embarque. Eram separados por sexo, mantidos nus, amontoados, sendo os homens acorrentados por longos períodos. Nada menos do que 26 por cento das pessoas a bordo eram classificadas como crianças, um índice do qual nenhuma outra migração anterior ao século XX sequer se aproximou (Eltis, 2007, p.14).

Já a abolição da escravatura no século XIX em muitos países não acabou com o racismo. Pelo contrário, as estruturas raciais prevaleceram levando a séculos de discriminação sistêmica e segregação racial em várias partes do mundo, especialmente, nos Estados Unidos, África do Sul, Brasil e outras nações.

O auge do racismo contra pessoas negras pode ser observado durante os períodos de segregação racial como o regime de apartheid na África do Sul e o período de segregação nos

Estados Unidos, conhecido como "Jim Crow". Essas políticas discriminatórias reforçaram a marginalização e desigualdades raciais.

Embora muitos avanços tenham sido alcançados na luta contra o racismo e pela igualdade racial, ainda existem desafios persistentes em várias partes do mundo. No Brasil, essa mesma luta ainda continua necessária, pois o país também teve um processo violento de segregação de pessoas negras em sua sociedade.

4.2 Racismo no Brasil e o mito da democracia racial

O racismo contra pessoas negras no Brasil possui raízes históricas que remontam ao período da colonização pelos portugueses no século XVI. Desde os primeiros contatos com os povos africanos trazidos como escravos, criou-se uma divisão hierárquica baseada na cor da pele, com os brancos colonizadores se considerando superiores aos negros escravizados.

Em "Como o Racismo Criou o Brasil", livro escrito pelo sociólogo brasileiro Jessé Souza, publicado em 2020, o autor explora a relação entre o racismo e a construção da sociedade brasileira, destacando como as estruturas sociais, políticas e econômicas do país foram moldadas por ideias racistas e como essas ideias continuam a influenciar a realidade atual.

Para ele, a história do Brasil desde o período colonial até os dias atuais evidencia como a exploração dos povos indígenas e a escravidão africana formaram as bases da desigualdade racial que persiste até hoje. Ele argumenta que o racismo não é apenas um fenômeno individual, mas também um sistema arraigado que moldou instituições e práticas sociais.

Para se falar de racismo no Brasil e em qualquer lugar deste mundo, é necessário perceber, antes de tudo, o amálgama inextricável entre classe social e raça, senão não poderemos compreender como o sucesso e o fracasso social já estão embutidos na socialização familiar e escolar primária da classe/raça negra e pobre. No Brasil, esse amálgama constrói uma classe/raça de condenados à barbárie eterna. Uma classe/raça de "novos escravos". E qualquer tentativa de possibilitar sua inclusão social ou resgatá-la, como fizeram Vargas e Lula, irá produzir golpes de Estado que buscam mantê-la eternamente explorada, oprimida e humilhada. (Souza, 2020, p. 22).

Ribeiro (2019, p. 5) corrobora com Souza (2020) e argumenta que “falar sobre racismo no Brasil é, sobretudo, fazer um debate estrutural. É fundamental trazer a perspectiva histórica e começar pela relação entre escravidão e racismo, mapeando suas consequências”. Ela defende que antes de qualquer coisa “deve-se pensar como esse sistema vem beneficiando economicamente por toda a história a população branca, ao passo que a negra, tratada como

mercadoria, não teve acesso a direitos básicos e à distribuição de riquezas” (RIBEIRO, 2019, p. 5).

Neste cenário, sistematizamos abaixo alguns tópicos a partir da leitura de Souza (2018), Almeida (2019) e Carneiro (2018) para entendermos a linha do tempo do racismo no Brasil:

1. Escravidão: o tráfico transatlântico de escravos trouxe milhões de africanos para trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar, café e outras culturas no Brasil. Durante mais de três séculos, os africanos e seus descendentes sofreram terríveis violências, trabalhando em condições desumanas, sendo tratados como mercadorias e privados de seus direitos básicos.

2. Abolição da Escravatura: a Lei Áurea foi assinada em 1888, abolindo formalmente a escravidão no Brasil. No entanto, a abolição não foi acompanhada de políticas para a inserção social e econômica dos negros libertos, o que resultou em um cenário de marginalização e pobreza para muitos ex-escravos.

3. Pós-abolição e República: após a abolição, houve tentativas de integrar as pessoas negras à sociedade, mas persistiram políticas discriminatórias como o "branqueamento" da população e leis que segregam espaços públicos.

4. Racismo Científico: teorias racistas europeias, como o "racismo científico, também influenciaram o pensamento no Brasil, reforçando estereótipos negativos sobre as pessoas negras e justificando a hierarquia racial.

5. Século XX: o racismo estrutural continuou ao longo do século XX, afetando a educação, o acesso ao trabalho, a representatividade política e a qualidade de vida das populações negras.

6. Ditadura Militar: durante o regime militar (1964-1985), o racismo persistiu e se mesclou com a repressão política, atingindo ainda mais as comunidades negras.

7. Movimento Negro: a partir dos anos 1970, surgiram movimentos de resistência e luta pelos direitos civis, como o Movimento Negro Unificado (MNU), que busca combater o racismo e promover a igualdade racial no país.

Retomando Souza (2018), temos a análise de que o racismo é o elemento primordial para explicar o Brasil em suas formatações racial e multidimensional. Nesse sentido, Souza (2018) argumenta que na “produção brasileira e internacional, apenas foram realizadas tentativas de demonstrar que o racismo existe, mas sem um efetivo esforço de explicar como ele se estabelece e atua na sociedade”.

Atualmente o racismo continua a afetar a estrutura da sociedade brasileira de forma profunda. As consequências históricas do racismo resultaram em desigualdades

socioeconômicas persistentes, com a população negra enfrentando maior pobreza, falta de acesso à educação de qualidade, menor representatividade política e maiores índices de violência e encarceramento.

O fato é que para enfrentar essa estrutura preconceituosa é necessário um esforço contínuo para promover a igualdade racial, implementando políticas públicas que garantam o acesso equânime a oportunidades educacionais, emprego e saúde. Além disso, é fundamental combater o racismo estrutural através de campanhas de conscientização, educação antirracista e ações que promovam a valorização da diversidade e o respeito aos direitos humanos de todas as pessoas, independentemente de sua origem étnica ou racial.

Nesse cenário, lembramos o conceito de “democracia racial”, alcunhado e desenvolvido por diversos autores, mas frequentemente associado ao sociólogo brasileiro Gilberto Freyre. Em sua obra "Casa-Grande & Senzala" (1933), Freyre argumentou que a miscigenação racial e cultural no Brasil havia levado a uma suposta harmonia racial e social, uma ideia que ficou conhecida como "democracia racial". Ele enfatizou aspectos positivados da miscigenação e da convivência entre diferentes grupos étnicos, especialmente brancos, negros e indígenas, na formação da sociedade brasileira.

No entanto, muitos críticos argumentam que a noção de "democracia racial" proposta por Freyre é uma simplificação excessiva da realidade racial no Brasil, ignorando as profundas desigualdades e opressões enfrentadas pelas pessoas negras ao longo da história do país.

Sueli Carneiro e outros acadêmicos, como Florestan Fernandes e Clóvis Moura, desafiaram e criticaram a ideia de "democracia racial" de Freyre, argumentando que ela serviu para negar as experiências reais de racismo e marginalização sofridas pela população negra no Brasil. Eles desenvolveram o conceito de "mito da democracia racial" para enfatizar como essa ideia mascarava a persistência do racismo estrutural e das desigualdades raciais na sociedade brasileira.

Carneiro (2018), por exemplo, faz críticas contundentes à crença difundida no Brasil de que o país é caracterizado pela harmoniosa convivência entre diferentes grupos raciais, particularmente brancos e negros, e que as desigualdades raciais não são tão significativas quanto em outras nações.

O mito da democracia racial é uma dimensão específica do contrato racial brasileiro: ao sustentar a “grande narrativa” de harmonia, exerce uma função apaziguadora das tensões raciais e serve, assim, à hegemonia branca. Interessa especialmente à nossa autora mostrar que ao assumir o mito, parte importante da intelectualidade progressista e de esquerda acaba se eximindo de investigar “[...] os complexos mecanismos que vêm historicamente determinando o silêncio, a negação e a

invisibilização da problemática racial”. A crítica permanece atual. (Carneiro, 2018, p. 9)

Darcy Ribeiro (2006) explica que a possibilidade de existência de uma democracia racial estaria vinculada com a prática de uma democracia social, na qual as pessoas negras e as pessoas indígenas pudessem partilhar das mesmas oportunidades que as pessoas brancas, sem qualquer forma de desigualdade. O fato é que, no longo processo histórico de construção do Brasil-nação, isso nunca aconteceu.

Destarte, como aponta Carneiro (2018), é urgente fazer uma análise crítica e profunda das dinâmicas raciais no Brasil, desafiando a ideia de democracia racial e destacando a importância de reconhecer a diversidade e combater o racismo estrutural. Além de provocar a sociedade a questionar e transformar os sistemas de poder que perpetuam a marginalização e a invisibilidade dos grupos racializados.

4.3 Racismo estrutural no Brasil: história e impacto nas estruturas sociais

O racismo, como um fenômeno global, enraíza-se profundamente nas estruturas sociais e institucionais, perpetuando desigualdades sistêmicas que afetam grupos racializados. Como já dito acima, no contexto brasileiro, o racismo assume características únicas, influenciado por uma história marcada pela escravidão, colonização e interações culturais diversas. O mito da democracia racial, popularizado por Gilberto Freyre, sustentou por muito tempo a ideia ilusória de harmonia racial no Brasil, mascarando as desigualdades raciais substanciais e o preconceito arraigado.

No entanto, à medida que estudiosos como Sueli Carneiro expandiram o debate foi formulado o conceito de racismo estrutural, que vai além das interações individuais para evidenciar as estruturas e práticas institucionais que perpetuam o tratamento desigual e a marginalização dos grupos racializados. A partir disso, proponho discutir como o racismo estrutural, evidente nas políticas, educação, saúde e outras esferas da sociedade, continua a influenciar profundamente a vida dos indivíduos, exigindo um exame crítico e uma ação contínua para dismantelar essas barreiras sistemáticas.

Segundo Silvio Almeida, autor do livro "O que é racismo estrutural", o racismo não é uma exceção, mas sim uma parte integrante da normalidade das relações, independentemente de ser aceito ou não. Essa perspectiva equivocada resulta na subvalorização da cultura, intelecto e história da comunidade negra, minando suas capacidades e exacerbando as profundas desigualdades sociais, políticas e econômicas que existem. Esse problema é claramente

refletido em dados estatísticos. No Brasil, há uma disparidade alarmante nas taxas de mortalidade: as pessoas negras são vítimas de homicídio com maior frequência do que as não negras, sendo que as pessoas negras constituem 75% das vítimas de homicídio, de acordo com o Atlas da Violência de 2019 (Ipea, 2019).

Nesse sentido, Almeida traz a perspectiva de que o racismo, antes de ser institucional, é estrutural, ou seja, ele enxerga o racismo como um sistema complexo e arraigado que permeia todas as esferas da sociedade, indo além das instituições isoladas. Para Almeida (2018), o racismo não é apenas um conjunto de ações individuais discriminatórias, mas sim um conjunto de relações, normas e estruturas que perpetuam a desigualdade racial de maneira sistemática. Ele argumenta que o racismo não se limita a atitudes pessoais discriminatórias, mas está profundamente enraizado nas estruturas sociais, econômicas e políticas de uma sociedade. Isso significa que o racismo está presente em todas as instituições e práticas, influenciando a distribuição de recursos, oportunidades e poder de maneira desigual com base na raça.

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”. Nesse caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas. (Almeida, 2018, p. 34)

Almeida (2019) também ressalta que o racismo estrutural é sustentado por uma ideologia que hierarquiza as raças, colocando os brancos em uma posição de superioridade e os não brancos em posições de subordinação. Essa ideologia permeia a cultura, a linguagem, as normas sociais e as políticas públicas, perpetuando a marginalização das pessoas não brancas. Portanto, para Silvio Almeida, a compreensão do racismo como estrutural implica reconhecer que ele vai além de eventos isolados de discriminação e está profundamente arraigado nas bases da sociedade, exigindo uma abordagem mais abrangente e transformadora para combater suas manifestações e efeitos.

A partir disso, podemos analisar o conceito trazendo para o nosso objeto de estudo - grande mídia, mais especificamente a televisão - como, de fato, podemos entender e identificar traços históricos ao longo da construção e reverberação de práticas racistas, seja através das representações, narrativas e padrões que permeiam a cobertura midiática.

A partir de uma transversalidade de perspectivas de autores como Almeida (2019), Dijk (2009) e Carneiro (2023), identificamos algumas características simbólicas nessa conjuntura trazida até agora em referência à relação mídia e racismo estrutural:

- Falta de diversidade: a representação racial nas reportagens, programas e anúncios. Se a mídia frequentemente faz uma sub-representação ou estereotipa pessoas de grupos raciais minorizados, isso pode ser indicativo de racismo estrutural.
- Narrativas estereotipadas: analisar se a mídia tende a retratar certos grupos raciais de maneira estereotipada, reforçando preconceitos e clichês raciais. Isso pode incluir a associação de certos grupos a crimes, pobreza ou características negativas semelhantes.
- Viés de linguagem: atentar-se ao uso de linguagem que favorece ou desfavorece grupos raciais específicos. Palavras carregadas de conotações pejorativas podem influenciar a percepção do público sobre diferentes grupos.
- Representações de poder e autoridade: analisar quem é retratado como líderes, especialistas e figuras de autoridade na mídia. Se certos grupos raciais são consistentemente excluídos dessas posições ou relegados a papéis secundários, isso pode indicar racismo estrutural.
- Foco seletivo: observar se certos incidentes ou questões relacionadas a grupos raciais minoritários recebem menos cobertura do que assuntos similares envolvendo grupos majoritários. Isso pode refletir uma hierarquia de importância baseada na raça.
- Apagamento histórico: observar se a mídia tende a ignorar ou minimizar a história e as contribuições de grupos raciais minoritários, reforçando uma visão distorcida da sociedade e da cultura.
- Padrões de beleza e valorização cultural: analisar como a mídia define padrões de beleza e valoriza certos traços culturais. A promoção de ideais estéticos eurocêntricos em detrimento de outros pode perpetuar noções de inferioridade e superioridade racial.
- Vozes e perspectivas marginalizadas: observar se as vozes e perspectivas de indivíduos e comunidades racialmente marginalizadas são consistentemente excluídas, sub-representadas ou ignoradas na cobertura midiática.
- Tratamento sensacionalista ou sensacionalizado: avaliar se a mídia tende a sensacionalizar incidentes envolvendo pessoas de grupos raciais minoritários, contribuindo para estereótipos negativos e medos irracionais.

- Consequências e responsabilidade: analisar se a mídia aborda as consequências do racismo sistêmico de maneira aprofundada e se responsabiliza por seu papel na perpetuação de narrativas prejudiciais.

Identificar esses elementos exige uma análise cuidadosa e crítica da cobertura midiática ao longo do tempo e em diferentes contextos. A compreensão das raízes do racismo estrutural na mídia é fundamental para promover uma mídia mais inclusiva, diversificada e antirracista.

Almeida (2019) destaca que esse racismo estrutural deve ser combatido não apenas com notas de repúdio, mas sim com posturas enérgicas.

Como ensina Anthony Giddens, a estrutura “é viabilizadora, não apenas restritora”, o que torna possível que as ações repetidas de muitos indivíduos transformem as estruturas sociais. Ou seja, pensar o racismo como parte da estrutura não retira a responsabilidade individual sobre a prática de condutas racistas e não é um alibi para os racistas. Pelo contrário: entender que o racismo é estrutural, e não um ato isolado de um indivíduo ou de um grupo, nos torna ainda mais responsáveis pelo combate ao racismo e aos racistas. Consciente de que o racismo é parte da estrutura social e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ético e politicamente responsável pela manutenção do racismo. A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com o repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas (Almeida, 2019, p. 34).

Nesse contexto, trazemos Cida Bento (2022), que explora o "Pacto da Branquitude", se referindo a um conjunto de normas, valores e práticas que sustentam a supremacia branca e perpetuam o racismo estrutural. Ela analisa como a branquitude, como uma construção social e racial, é mantida através desse pacto que envolve tanto ações individuais como estruturais. Cida Bento desafia a noção de que o racismo é apenas um problema das pessoas negras, destacando como a branquitude é cúmplice e beneficiária desse sistema.

Bento (2022) discute como a branquitude se manifesta em diferentes contextos, como na política, no mercado de trabalho, na educação e na mídia, demonstrando de quais modos as relações raciais atravessam todas essas esferas da sociedade. A autora também aborda questões relacionadas ao privilégio branco e à invisibilidade racial, destacando como a branquitude muitas vezes se recusa a reconhecer suas vantagens e, assim, contribui para a perpetuação do racismo.

Ela instiga a reflexão sobre suas próprias posições e responsabilidades no combate ao racismo e na desconstrução do pacto da branquitude, desafiando as estruturas opressivas ao explorar como o racismo está enraizado nas normas e valores sociais, e instiga também a

desconstrução dessas dinâmicas para promover a igualdade racial e social. Portanto, propõe equidade para que haja uma mudança de fato nessa realidade.

Vale ressaltar que trabalhar com equidade exige um posicionamento sistêmico, significa reconhecer e enfrentar o racismo entranhado nas diferentes instâncias sociais, seja no interior das organizações, seja no campo em que ela atua enquanto parte de um coletivo de organizações que compõe a sociedade. Significa apoiar a construção de um estado de bem-estar social substantivo e conseqüentemente as políticas públicas, já que os principais beneficiários delas são os grupos mais vulnerabilizados e que dependem disso para acessar serviços de saúde, trabalho, educação e moradia. Diz respeito a se posicionar e fortalecer publicamente a retomada dos direitos constitucionais e das redes de proteção conquistadas pelas populações femininas, negras, quilombolas e indígenas. (Bento, 2022, p. 33).

O conceito de "dispositivo de racialidade", de Sueli Carneiro (2023), explicita bem a realidade do racismo estrutural que temos trabalhado até agora. É um conceito que a autora desenvolveu para explicar a forma como as relações raciais são estruturadas e mantidas na sociedade brasileira. O dispositivo de racialidade se refere ao conjunto complexo de ideias, práticas, instituições e representações que operam para reproduzir e reforçar a hierarquia racial, com a supremacia branca como norma dominante. Carneiro (2023) argumenta que esse dispositivo está presente em todas as esferas da sociedade e é fundamental para a manutenção do racismo.

A autora defende que racismo não é apenas uma questão individual, mas está enraizado em estruturas sociais, culturais e políticas. Ele revela como as relações raciais são construídas, perpetuadas e naturalizadas, afetando profundamente a vida das pessoas negras e pautando suas oportunidades e experiências. Carneiro também destaca como o dispositivo de racialidade está interligado com outros sistemas de opressão, como o sexismo e o classismo, criando uma teia complexa de desigualdades interseccionais. Ela instiga a necessidade de desconstruir esse dispositivo, desafiando a supremacia branca e promovendo a igualdade racial.

Nesse mesmo sentido, Sodré (2023) examina como a cor da pele afeta as experiências das pessoas na sociedade brasileira e como o racismo está enraizado nas estruturas sociais e culturais do país, destacando a necessidade de reconhecer e confrontar o racismo da cor, promovendo uma sociedade mais justa e equânime.

Por isso, a condenação de um policial branco (em 2021) pelo assassinato bárbaro de um cidadão negro (George Floyd) não foi um mero fato de correção judicial, mas apenas um índice positivo na continuidade da longa luta coletiva por equidade existencial. Talvez seja possível pautar o movimento cívico pelo advento de uma "Era pós-George Floyd". Sem grandes tintas otimistas, porém: no mesmo dia da condenação, outro negro foi assassinado por policiais. Ou então, no mesmo mês, mais de uma dezena de deputados republicanos votaram contra uma lei destinada a instituir

a data de 19 de junho como feriado celebratório da abolição da escravatura (Sodré, 2023, p. 35).

Sodré (2023) argumenta, ainda, que a luta contra o racismo envolve não apenas mudanças nas atitudes individuais, mas também transformações estruturais que abordem as desigualdades raciais arraigadas estruturalmente e institucionalmente, perspectiva que iremos comentar logo a seguir. Portanto, devemos combater o "fascismo da cor" - controle social exercido sobre os corpos e as identidades negras - com a urgência de reconhecer e confrontar essas dinâmicas para alcançar uma sociedade mais justa e equânime em detrimento de todo histórico e de violência contra pessoas negras no Brasil e no mundo.

4.4 Racismo institucional e a desigualdade racial como exclusão sistêmica

Antes de chegarmos ao alcunhado hoje por Almeida (2019) de racismo estrutural, a literatura se debruçou em outro conceito acerca do tema: o racismo institucional. O conceito emergiu como uma forma de entender e explicar o racismo que vai além de atitudes individuais e se enraíza nas estruturas e práticas de instituições sociais, governamentais e culturais. Ele destaca como políticas, normas e práticas de longa data podem perpetuar a desigualdade racial, mesmo na ausência de intenções racistas explícitas por parte de indivíduos. O termo "racismo institucional" foi alcunhado pela primeira vez em 1967 por Stokely Carmichael (mais tarde conhecido como Kwame Ture) e Charles V. Hamilton no livro "*Black Power: The Politics of Liberation*".

No entanto, foi o relatório "The Stephen Lawrence Inquiry" (Inquérito Stephen Lawrence), publicado em 1999 no Reino Unido, que popularizou o conceito e o trouxe para discussões mais amplas sobre discriminação racial. O caso de Stephen Lawrence, um jovem negro que foi assassinado em um ataque racialmente motivado, em 1993, chamou a atenção para as falhas do sistema de justiça criminal e levantou questões sobre como o racismo poderia ser perpetuado pelas próprias instituições, que deveriam proteger e servir a todos os cidadãos.

O relatório definiu o racismo institucional como: "o processo pelo qual as ações, reações e falhas de uma organização ou instituição podem discriminar injustamente grupos raciais" (Relatório "*The Stephen Lawrence Inquiry*", 1999, pg 48). Isso envolve reconhecer que as práticas, políticas e as estruturas das instituições podem favorecer um grupo racial em detrimento de outros, mesmo que não haja intenções racistas óbvias. Esse tipo de racismo

muitas vezes não é explícito ou consciente, mas é profundamente arraigado nas estruturas e operações cotidianas das instituições.

Desde então, o conceito de racismo institucional tem sido amplamente utilizado para analisar como sistemas sociais, econômicos, políticos e culturais podem contribuir para a desigualdade racial, perpetuando desvantagens históricas e sistêmicas enfrentadas por grupos raciais minoritários. Nesse sentido, Almeida (2019, p. 30) destaca sobre o racismo institucional:

A contribuição de Charles Hamilton e Kwame Ture é decisiva, na medida em que demonstra que o racismo é um dos modos pelo qual o Estado e as demais instituições estendem o seu poder sobre toda a sociedade. As relações raciais, particularmente nos Estados Unidos – realidade analisada pelos autores – não seria um “dilema”, porque os brancos não se encontram “dilacerados e torturados pelo conflito entre sua devoção ao credo americano e seu comportamento real”. Não existe dilema americano no que tange às relações raciais porque, segundo os autores, os negros estadunidenses, apesar de formalmente cidadãos dos Estados Unidos, não deixam de ser sujeitos coloniais em relação à sociedade branca. O racismo institucional, na visão de Hamilton e Ture, é uma versão peculiar do colonialismo (Almeida, 2019, p.30).

Esse contexto inclui áreas como educação, emprego, saúde e habitação. O conceito de racismo institucional enfatiza a importância de reconhecer e abordar as disparidades raciais sistêmicas de maneira abrangente, visando transformações estruturais para alcançar a justiça racial e a igualdade. Ele também está enraizado nas estruturas institucionais do país, influenciando o sistema de justiça criminal, a mídia, a cultura e as relações interpessoais. A falta de representatividade negra em posições de poder e influência também perpetua estereótipos e preconceitos.

Especificamente com relação ao nosso estudo, trazemos o exemplo de racismo institucional na perspectiva na grande mídia, mais diretamente na televisão, onde observamos padrões de representação racial desigual e estereotipada que ocorrem quando certos grupos étnicos são retratados de maneira tendenciosa, reforçando estereótipos, enquanto outros grupos têm maior visibilidade e representação positivada.

Um caso notável ocorreu nos Estados Unidos com o estudo da organização *Media Matters for America* em 2009. O estudo analisou a cobertura da rede de notícias Fox News durante o governo de Barack Obama e revelou que muitos comentaristas e apresentadores frequentemente utilizavam linguagem racialmente insensível ou adotavam uma abordagem sensacionalista em relação a questões envolvendo pessoas negras.

Além disso, houve casos em que certos convidados e comentaristas adotaram retóricas racistas ou perpetuaram estereótipos raciais. Outro exemplo ocorreu no Reino Unido, onde a BBC, uma das principais redes de televisão do país, foi criticada por falta de diversidade étnica

em suas programações e por estereotipar grupos étnicos historicamente minorizados em algumas de suas séries e programas. Isso levou a debates sobre como a falta de diversidade na equipe editorial e de produção pode contribuir para a perpetuação de narrativas unilaterais e preconceituosas. Além disso, a representação limitada e muitas vezes distorcida de algumas etnias em programas de entretenimento também é um exemplo de racismo institucional. Isso ocorre quando personagens de grupos étnicos majoritariamente representados são frequentemente associados a papéis estereotipados, marginalizados ou mesmo ausentes de produções televisivas.

Essa falta de representação equitativa contribui para a percepção de que determinados grupos não desempenham um papel significativo na sociedade. Esses exemplos ilustram como o racismo institucional na televisão pode se manifestar por meio de padrões de representação, linguagem e narrativas que perpetuam desigualdades raciais e reforçam estereótipos disfuncionais. É importante que as instituições midiáticas reconheçam e enfrentem essas práticas, adotando medidas para garantir uma representação justa e precisa dos diferentes grupos étnicos em sua programação e produção.

Sobre essa postura da grande mídia, Sodré (2023) argumenta que a m dia desempenha um papel fundamental na constru o e reforço das hierarquias raciais existentes na sociedade brasileira. Ele observa como as representa es estereotipadas e discriminatórias de pessoas negras na m dia contribuem para a manuten o de uma visão distorcida e preconceituosa sobre essa popula o.

O autor ressalta que a m dia frequentemente perpetua a ideia de que o ideal de beleza, sucesso e status está associado a características brancas, enquanto associa características negras a estereótipos como criminalidade e inferioridade. Essa representa o desigual reforça as estruturas de poder e discrimina o presentes na sociedade, alimentando assim o racismo institucional.

Além disso, Sodré (2023) discute como a média pode contribuir para a invisibiliza o das contribui es e conquistas da popula o negra, enfraquecendo sua autoestima e perpetuando a marginaliza o. Ele destaca como a falta de diversidade na produ o de conteúdo e na representa o de perspectivas negras na m dia também   um reflexo do racismo institucional, tornando de suma importância a reflexão sobre a importância de uma abordagem mais inclusiva e representativa na média para combater o racismo e promover a igualdade racial.

No âmbito do racismo institucional, Ribeiro (2019) também argumenta que o racismo não se limita a atitudes individuais, mas está profundamente arraigado nas estruturas e

instituições da sociedade. Ela destaca que as políticas, normas e práticas sociais frequentemente perpetuam a desigualdade racial de forma sistemática, prejudicando principalmente a população negra.

Ribeiro (2019) enfatiza que o racismo institucional se manifesta em diversas áreas como educação, saúde, segurança e mercado de trabalho, resultando em disparidades significativas entre brancos e negros. Ela aponta como as instituições muitas vezes perpetuam estereótipos e discriminam as pessoas negras, limitando suas oportunidades e acesso a recursos.

Além disso, Ribeiro (2019) propõe ações antirracistas como uma forma de combater o racismo institucional. Ela encoraja a conscientização sobre o problema, a educação sobre a história e as contribuições da população negra, além de promover mudanças em políticas e práticas institucionais que perpetuam a desigualdade.

Em suma, a visão de Ribeiro (2019) sobre o racismo institucional destaca a sua natureza estrutural e sistêmica, enfatizando a importância de reconhecer e confrontar as formas veladas de discriminação racial presentes nas instituições e na sociedade como um todo.

4.5 Necropolítica: o controle do Estado sobre vida e morte no contexto de racismo

Após contextualizarmos historicamente o surgimento do racismo, além de aprofundarmos os conceitos de racismo estrutural e institucional, faz-se necessário trazermos à discussão um outro conceito importante para a nossa pesquisa: a necropolítica. O pensador camaronês Achille Mbembe criou o conceito de necropolítica, publicado em seu ensaio “Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte”, que discute a forma como certos grupos são submetidos a um poder soberano que decide quem deve viver e quem deve morrer. Esse conceito se relaciona diretamente com o racismo estrutural e institucional citados acima, que é um sistema de discriminação e exclusão baseado na cor da pele, originado e perpetuado ao longo da história.

Para Mbembe (2018), a necropolítica é a instrumentalização da morte como um meio de controle e dominação. Ela não se limita apenas ao racismo, mas é uma lente através da qual se pode entender como o poder estatal opera em relação à vida e à morte de populações inteiras, independentemente de sua raça ou etnia. Ou seja, o poder do Estado na matança de corpos negros também é considerado uma tecnologia arrojada nessa conjuntura.

Porém, faz-se necessário contextualizarmos a partir de qual cenário sócio-histórico o autor camaronês desenvolveu tal conceito. A ideia de necropolítica surgiu como um desenvolvimento do conceito de biopoder, elaborado por Michel Foucault. O biopoder refere-

se ao controle exercido pelo Estado sobre os corpos e a vida das pessoas, visando discipliná-las e regulá-las para atender aos interesses do poder. Mbembe entende que o Estado não só controla os corpos e vida das pessoas, mas também exerce um controle da morte, principalmente das pessoas de camadas sociais menos abastadas e grupos minorizados ao longo da história, como os corpos de pessoas negras.

O autor argumenta ainda que o poder soberano tem a capacidade de decidir quem deve viver e quem deve morrer, promovendo uma lógica de violência e destruição que sustenta a ordem política. Portanto, a necropolítica examina como o poder é exercido através de práticas de matar, aniquilar ou deixar morrer certos grupos ou populações, seja por meio de guerras, genocídios, violência estatal e até mesmo negligência.

Essa abordagem crítica busca desvelar as estruturas de poder que perpetuam a marginalização, a exploração e a desigualdade e lança luz sobre a relação entre a política e a violência, ampliando a compreensão das dinâmicas políticas contemporâneas. Portanto, o conceito de necropolítica oferece uma lente analítica para examinar questões complexas como colonialismo, poder estatal, resistência e racismo, eixo principal deste trabalho.

O filósofo Silvio Almeida (2019, p. 74) destaca que a necropolítica integra um novo modelo de abordar as implicações da crise do capitalismo, no qual a morte de pessoas negras é considerada um de seus efeitos. Nessa perspectiva, a força da ideia de necropolítica reside em seu potencial crítico abrangente, exercitando-o a partir da periferia do capitalismo.

Para Mbembe, o estado de exceção e a relação de inimizade tornaram-se a base normativa do direito de matar". O poder de matar opera com apelo à "exceção, à emergência e a uma noção ficcional do inimigo", que precisam ser constantemente criadas e recriadas pelas práticas políticas. As relações entre política e terror não são recentes, mas é na colônia e sob o regime do apartheid que, segundo Mbembe, instaura-se uma formação peculiar de terror que dá origem ao que o sociólogo chama de necropolítica (Almeida, 2019, p. 74).

Mbembe (2018) utiliza diversos exemplos ao longo de sua obra para contextualizar a prática da necropolítica. Alguns dos exemplos mais notáveis incluem:

1. Colonialismo e Escravidão: Mbembe discute como as práticas coloniais envolviam a supressão violenta das populações colonizadas, desde a imposição de regimes de trabalho forçado até a brutalidade da escravidão.

2. Apartheid na África do Sul: ele analisa como o regime de apartheid na África do Sul se baseava em leis discriminatórias e na segregação racial, que não apenas negavam os direitos básicos aos povos negros, mas também empregavam uma violência sistemática contra eles.

3. Guerra e Genocídios: Mbembe explora exemplos de guerras e genocídios em diferentes partes do mundo, nos quais o poder estatal foi utilizado para eliminar populações indesejadas ou vistas como ameaças à ordem política estabelecida.

4. Campos de Detenção e Tortura: ele examina o papel dos campos de detenção e tortura em regimes autoritários, onde o Estado usa a violência e a morte como ferramentas para reprimir a oposição política.

5. Militarização e Policiamento: Mbembe analisa como a presença militarizada do Estado e o policiamento excessivo podem resultar em práticas de violência, morte e controle sobre certos grupos sociais.

Esses exemplos ilustram como a necropolítica opera em diferentes contextos históricos contemporâneos, enfatizando como a violência e a morte são utilizadas como mecanismos de poder para subjugar e controlar populações consideradas indesejáveis ou que representem uma ameaça ao status quo. Ao trazer essas reflexões, Mbembe também busca estimular um debate crítico sobre as relações de poder e suas implicações na sociedade.

Correlacionando a necropolítica com nosso capítulo anterior sobre o racismo, os mesmos têm conceitos distintos, mas podem estar relacionados em certos contextos. Por exemplo, em contextos históricos de colonialismo e escravidão, o racismo pode estar intrinsecamente ligado à necropolítica, pois as populações colonizadas e escravizadas eram frequentemente tratadas como "inferiores" e sujeitas a condições de vida e trabalho desumanas, resultando em morte e sofrimento sistemático.

Ao trazermos o debate de até então ao nosso material de análise, como o assassinato de Marielle Franco por milicianos, compreendemos didaticamente a matança de corpos negros com anuência do Estado e de forças segurança. No Brasil, para Bontempo (2020), a necropolítica tem cada vez mais se tornado realidade na sociedade civil, principalmente, relacionada a episódios de racismo.

No Brasil, essa discussão está diretamente associada ao racismo, assim como à ideia de que existe o amigo e o inimigo, o bem e o mal, os quais se apresentam a partir da lógica do poder no neoliberalismo. O fato é que as populações na periferia brasileira são alvos de grande violência, gerando um verdadeiro genocídio à luz do dia. A guerra às drogas, a maneira como a segurança pública se desenvolve ou a morte dos negros, na periferia, são apenas alguns exemplos que ilustram essa política da morte, a qual busca eliminar todos aqueles que são descartados pelo sistema capitalista. O desafio hoje é impedir essa realidade da necropolítica, visto que o Estado não pode continuar determinando quem vai morrer e como vai morrer (Bontempo, 2020, p. 571).

Avançando nessa discussão em "Políticas de Inimizade", Mbembe (2020) examina como a inimizade é construída e instrumentalizada como parte das dinâmicas políticas e sociais.

Ele analisa como os Estados, as instituições e os atores políticos frequentemente utilizam a figura do inimigo para legitimar ações opressivas, conflitos e violações dos direitos humanos. Mbembe (2020) também aborda as implicações das políticas de inimizade no contexto global, especialmente no que diz respeito às relações coloniais, neocoloniais e de dominação. Ele discute como a inimizade é frequentemente direcionada a grupos marginalizados, incluindo uma ótica étnica e racial, imigrantes e refugiados, manifestando-se em diferentes contextos, incluindo guerras, conflitos armados, regimes autoritários e ações de repressão.

O autor também explora como a inimizade é alimentada por discursos de ódio, nacionalismo extremo e intolerância. Assim como o racismo, a necropolítica é considerada por Mbembe (2020) como uma ferramenta política para justificar a violência, a opressão e a dominação. Por isso, se torna importante enfatizarmos a importância de compreender essas dinâmicas para enfrentar os desafios de construir sociedades mais justas e igualitárias, promovendo a paz e a convivência harmoniosa entre diferentes grupos e culturas.

Destarte, podemos definir o racismo como uma forma específica de discriminação com base na raça, enquanto a necropolítica é uma abordagem teórica que analisa o poder estatal em relação à vida e à morte das populações. Embora sejam conceitos distintos, eles podem se manifestar em conjunto em determinados contextos históricos e sociais. Além disso, Mbembe (2018) aponta que a noção de necropolítica está diretamente interligada à reprodução do capitalismo, no mundo contemporâneo, bem como a herança colonial-capitalística que adentraremos no capítulo seguinte.

4.6 O racismo e a necropolítica como herança do regime colonial-capitalístico

Não há como discutirmos o racismo e a necropolítica sem os correlacionarmos com características forjadas através de uma herança do regime colonial-capitalístico, como discute Rolnik (2018). Portanto, para compreendermos as complexidades do racismo sistêmico e da necropolítica contemporânea é imprescindível mergulharmos nas raízes profundas que essas questões têm na herança do regime colonial-capitalístico. Esse contexto se apresenta como um ponto crucial de partida para uma análise abrangente e crítica desses processos.

O racismo, como uma estrutura de poder que perpetua a opressão e a marginalização de grupos racializados, encontra suas origens nas ideologias de superioridade racial cultivadas durante o período colonial. As potências colonizadoras utilizaram a exploração de diferentes grupos étnicos como base para o enriquecimento e a dominação, estabelecendo assim uma

estrutura hierárquica em que determinados grupos eram categorizados como inferiores e destinados a papéis subalternos. Essas ideias profundamente enraizadas continuaram a pautar as sociedades mesmo após o fim do colonialismo formal, perpetuando-se nas instituições, nas relações interpessoais e nas estruturas econômicas.

Já necropolítica, por sua vez, refere-se à instrumentalização do poder estatal para controlar e regular a morte de certos grupos populacionais, muitas vezes marginalizados. Esse conceito ganha significado quando analisamos como as populações racializadas são desproporcionalmente afetadas pela violência estatal, pela falta de acesso a serviços de saúde adequados e por condições precárias de vida. Ao examinarmos o surgimento da necropolítica, é impossível ignorar como os legados do colonialismo e do capitalismo moldaram as estruturas de poder e perpetuam as desigualdades, tornando algumas vidas mais vulneráveis e descartáveis do que outras.

O termo "regime colonial-capitalístico", alçado por Rolnik (2018), encapsula a intrincada interligação entre as práticas de exploração colonial e a lógica capitalista que prevalece até os dias atuais. As raízes desse regime se estendem para além dos períodos históricos, manifestando-se nas estruturas econômicas globalizadas, nas políticas de apropriação de recursos e na exploração contínua de territórios e comunidades.

Ao considerarmos essa conexão, somos levados a reconhecer que as estruturas de poder que perpetuam o racismo e a necropolítica não são acidentais mas, sim, construções cuidadosamente arquitetadas ao longo de séculos. A análise crítica dessas interconexões nos convida a questionar e desafiar as estruturas de poder dominantes, buscando a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e inclusiva.

Com sucessivas transmutações, tal regime vem persistindo e se sofisticando, até o final do século XV, quando se dá sua fundação. Sua versão contemporânea - financeirizada, neoliberal e globalitória - começa a se formar já na virada do século XIX ao XX e intensifica-se após a primeira guerra mundial, quando se internacionalizam os capitais; mas é a partir de meados dos anos 1970 que atinge seu pleno poder afirmando-se contundentemente - e não por acaso — após movimentos micropolíticos que sacudiram o planeta nos anos 1960 e 1970. E já nesse período — meados dos anos 1970 — que se dão os primeiros passos um trabalho de decifração dos rumos atuais do regime em sua complexa natureza, os princípios que a regem e os fatores que criam as condições para sua consolidação (Rolnik, 2018a, p. 29).

O conceito de Rolnik (2018) oferece uma perspectiva crítica sobre como o legado do colonialismo e do capitalismo se entrelaçam para criar sistemas de exploração e violência que persistem até os dias de hoje. Ele revela-se como um profundo entendimento das estruturas de

poder que moldaram e perpetuaram a opressão e a marginalização de grupos racializados ao longo da história.

O regime colonial-capitalista, originado durante a era das explorações e expansões coloniais europeias, estabeleceu bases sólidas para a hierarquização racial, econômica e social. A colonização impôs a superioridade racial dos colonizadores sobre as populações nativas, justificando sua exploração, escravização e até mesmo genocídio. Essa estruturação profundamente desigual reverberou ao longo do tempo, perpetuando a ideia de raças hierarquicamente distintas e, conseqüentemente, a institucionalização do racismo.

As populações negras e indígenas, por exemplo, foram historicamente submetidas a essa lógica de extermínio por meio da escravidão, do genocídio e das políticas de segregação racial. Portanto, a herança do regime colonial-capitalista se manifesta de maneira nítida na forma como as estruturas de poder continuam a operar no presente. As disparidades econômicas entre grupos raciais, a criminalização seletiva de comunidades negras e a violência policial desproporcional contra pessoas não brancas são exemplos concretos dessa herança.

O racismo, nesse contexto, serve como ferramenta que legitima a exploração e a necropolítica, perpetuando a marginalização e a desumanização das vidas negras e indígenas. O conceito de Rolnik (2018), ao conectar o racismo à necropolítica como resultado direto da herança do regime colonial-capitalista, nos convida a compreender como essas estruturas se entrelaçam e se reforçam mutuamente. Ele também nos instiga a questionar e desafiar essas estruturas, buscando formas de dismantelar o sistema de opressão e construir sociedades mais justas e equânimes. Reconhecer a interconexão entre racismo, necropolítica e colonialismo-capitalismo é um passo crucial para promover a justiça social e a verdadeira emancipação das populações historicamente marginalizadas.

Essa dinâmica está intrinsecamente ligada à herança do regime colonial capitalístico, conceito desenvolvido por Rolnik (2018). O colonialismo estabeleceu um sistema hierárquico em que os colonizadores brancos impuseram seu domínio sobre as populações colonizadas, que eram predominantemente negras. Esse sistema colonial foi sustentado pelo capitalismo, que explorava a mão de obra e os recursos dos territórios colonizados para benefício econômico dos colonizadores.

Conforme explica Rolnik (2018), o racismo ultrapassa as esferas individuais e institucionais, não sendo criado por elas, mas reproduzido em todas as instâncias. Entretanto, a estrutura social não é estática, é dinâmica, dado que as relações sociais de pessoas e grupos mudam conforme se renova a vida social.

Essa herança colonial ainda se faz presente nas estruturas sociais, políticas e econômicas contemporâneas, contribuindo para a perpetuação do racismo estrutural e institucional. Ela se manifesta na desvalorização da cultura, saberes e identidades dos povos colonizados, na exploração dos recursos naturais dessas regiões e na manutenção de estruturas de poder que perpetuam a exclusão e a marginalização das pessoas negras.

Dessa forma, a necropolítica de Mbembe, o racismo estrutural e institucional e a herança do regime colonial capitalístico estão interligados, formando um sistema complexo que opera na produção e na manutenção de desigualdades raciais. A compreensão desses conceitos é fundamental para enfrentar e dismantelar as estruturas de opressão.

É importante também ressaltar nesse contexto que os exemplos que serão estudados em sua maioria trazem consigo aspectos de necropolítica. Castro e Katembera (2020) contextualizam esse aspecto ao afirmarem que, para Mbembe, “a necropolítica não se dá só por uma instrumentalização da vida, mas também pela destruição dos corpos. Não é só deixar morrer, é fazer morrer também”. Nesse sentido, a partir dessas lógicas de subjetivação, entendemos que a discussão sobre o tema se torna de suma importância para entendermos o atual cenário da Comunicação na grande mídia acerca do racismo.

Podemos citar o caso de João Alberto (um dos nossos recortes de análise), homem negro, espancado até a morte nas dependências de uma das unidades da rede de hipermercados Carrefour, em Passos d’Areia, na cidade de Porto Alegre. À época, a repercussão midiática foi instantânea. Os veículos de imprensa e as mídias digitais divulgaram diversos vídeos capturados durante a abordagem, que deram início a uma série de protestos antirracistas em várias cidades do país. A comoção e a indignação cresceram como uma onda, tomando espaço na maioria dos noticiários, na data da tragédia e nos meses posteriores.

Avançando nas leituras de Rolnik (2018), a autora traz um termo que está diretamente ligado à herança do regime colonial-capitalístico: o "inconsciente colonial capitalístico" (ICC). Rolnik o descreve como um sistema de crenças, valores, ideias e estruturas que resultam da intersecção entre o legado colonial e as dinâmicas do sistema capitalista e que apontam que uma das principais e mais importantes produções desse sistema se dá no âmbito dos processos de subjetivação.

Esse conceito busca compreender como as estruturas coloniais e capitalistas se entrelaçam de maneira profunda e pautada em elementos de produção de subjetividades,

sintetizando não apenas as relações econômicas e políticas, mas também os modos de subjetividade, os modos de ser e estar, as identidades e as percepções individuais e coletivas.

A discussão sobre o ICC ocorre em um contexto de reflexão crítica sobre as raízes e os efeitos duradouros do colonialismo e do capitalismo nas sociedades contemporâneas. Suely Rolnik (2018) propõe essa noção para destacar como as estruturas de poder coloniais que reforçam a superioridade de certos grupos étnicos em detrimento de outros atravessam as práticas sociais, os modos de ser e as formas de pensar, operando numa dimensão micropolítica.

Nesse sentido, o ICC não se limita apenas às estruturas institucionais mas, também, se manifesta nos hábitos, nos discursos, nas imagens e nas representações culturais que permeiam as sociedades colonizadas. Ele pauta as percepções de beleza, de sucesso, de normalidade e de pertencimento, reforçando a supremacia branca e a exploração capitalista. O ICC opera de maneira tão enraizada que se torna parte do próprio tecido da cultura e da psique, perpetuando a desigualdade estrutural e a marginalização de grupos racializados.

O conceito de ICC representa um esforço de Suely Rolnik para desvelar as camadas mais profundas e muitas vezes ocultas da opressão, incentivando uma análise crítica das complexas relações entre colonialismo e capitalismo. Ao explorar esse conceito, Rolnik (2018) convida os indivíduos e a sociedade como um todo a confrontar as normas e os padrões que têm raízes no passado colonial, buscando uma transformação genuína em direção a um futuro mais equitativo e inclusivo.

Nesse contexto, a autora nos ajuda a compreender a questão, quando explica que o capitalismo global e a globalização da informação têm produzido múltiplos efeitos na vida cotidiana, como o de ampliar a coexistência de modos de sujeição e resistência à lógica de produção de subjetividades sob o domínio do ICC. Defendemos que esses conceitos abordados não devem, ou não deveriam, determinar a forma como as subjetividades são produzidas e vividas. Há espaço para a resistência e a subversão, sendo importante produzir cotidianamente formas de resistência para ampliar as possibilidades de transformação social.

Abaixo trazemos algumas características do racismo que impactam diretamente em grupos racializados, a partir de uma lógica do racismo estrutural, institucional, da necropolítica e como herança do ICC, a partir da leitura de Almeida (2019) e Rolnik (2018).

Construção da identidade racial: o racismo influencia a maneira como as pessoas se veem e como são vistas pelos outros com base em sua raça. Isso pode levar processos de subjetivação pautados em estereótipos e preconceitos, afetando a autoestima e a autoimagem

das pessoas racializadas. Por exemplo, indivíduos negros são subjetivados a partir de ideias de inferioridade devido a mensagens racistas predominantes na sociedade.

Formação de complexos de inferioridade/superioridade: o racismo pode resultar na formação de complexos de inferioridade ou superioridade. Pessoas racializadas podem se sentir inadequadas ou menos valiosas, enquanto pessoas brancas podem desenvolver uma falsa sensação de superioridade. Esses complexos afetam a maneira como as pessoas se relacionam consigo mesmas e com os outros.

Impacto na saúde mental: a exposição constante à violência como racismo pode causar estresse psicológico, ansiedade e depressão. A constante preocupação com a discriminação e o medo de ser alvo de preconceito afetam a saúde mental das pessoas racializadas.

Restrição de oportunidades: o racismo estrutural limita as oportunidades disponíveis para pessoas racializadas, o que, por sua vez, afeta suas aspirações e expectativas. Isso pode levar a uma produção de subjetividade marcada por desesperança, desânimo e falta de perspectiva.

Modelagem das relações interpessoais: as dinâmicas racistas moldam as relações entre diferentes grupos raciais. Isso pode levar a distâncias emocionais, falta de confiança e estereotipagem mútua, impactando a forma como as pessoas se relacionam umas com as outras.

Reprodução de valores e crenças: racismo pode perpetuar valores, crenças e normas que sustentam as estruturas de poder desigual. Isso produz modos de subjetivação que influenciam escolhas, atitudes e comportamentos.

Negociação de identidade: pessoas racializadas frequentemente enfrentam a necessidade de negociar sua identidade em ambientes que não as acolhem. Isso pode levar a uma produção de subjetividade fragmentada, onde diferentes aspectos da identidade são destacados ou suprimidos de acordo com o contexto.

Portanto, o racismo não apenas pauta as relações sociais e econômicas, mas também produz modos de subjetivação que influenciam profundamente como as pessoas se percebem, se posicionam no mundo e se relacionam umas com as outras. Reconhecer essa relação é essencial para desafiar e transformar as estruturas de poder opressivas que perpetuam o racismo e suas consequências na produção de subjetividades.

5 DISCURSOS SOBRE O RACISMO E NECROPOLÍTICA NO FANTÁSTICO E DOMINGO ESPETACULAR

Neste momento da pesquisa descreveremos o material selecionado para discussão do objetivo aqui proposto: compreender a construção dos discursos sobre o racismo e necropolítica na tevê, a partir da cobertura jornalística nos programas Fantástico e Domingo Espetacular.

A partir da leitura da ACD em Van Dijk (2004, 2008), realizamos o procedimento de descrever o contexto e os sujeitos participantes dos eventos sociodiscursivos materializados nas matérias jornalísticas (em vídeo). Explicamos, ainda, que as quatro matérias selecionadas como corpus: Marielle Franco (2018), João Pedro (2020), George Floyd (2020) e João Alberto (2020) são de anos distintos, correspondente a um intervalo de três anos (2018 e 2020).

É importante destacar também que durante o mesmo período do intervalo estudado, o Brasil estava sendo presidido por Jair Bolsonaro, um político conservador com um histórico de declarações polêmicas e atitudes antidemocráticas. Bolsonaro, conhecido por seu posicionamento antivacina, frequentemente minimizava a gravidade da pandemia de Covid-19, o que contribuiu para uma resposta descoordenada e ineficaz do governo à crise sanitária.

Além disso, Bolsonaro tem um histórico de feitos racistas e uma visão misógina do mundo, frequentemente expressando opiniões que perpetuam estereótipos negativos e discriminação contra diversos grupos sociais. Suas políticas e declarações muitas vezes iam de encontro aos princípios progressistas de igualdade e inclusão e confrontavam muitas vezes os direitos humanos universais.

Tais características também eram replicadas por sua cúpula de governo, como é o caso do até então vice-presidente da República, Hamilton Mourão, que durante entrevista afirmou: “no Brasil não existe racismo”, - ao ser questionado por jornalistas sobre a morte de João Alberto Freitas - um dos casos de assassinatos investigados neste trabalho, de acordo com matéria do portal G1²¹.

O período do governo bolsonarista foi marcado por uma intensa polarização política e social no país. As tensões aumentaram à medida que suas ações e discursos dividiam a opinião pública, resultando em protestos, manifestações e um ambiente de grande incerteza e conflitos.

²¹ Mourão lamenta assassinato de homem negro em mercado, mas diz que no Brasil não existe racismo. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/20/mourao-lamenta-assassinato-de-homem-negro-em-mercado-mas-diz-que-no-brasil-nao-existe-racismo.ghtml>. Acesso em: 12 jun. 2024.

Ainda em 2020, o até então presidente da Fundação Cultural Palmares²², Sérgio Camargo, homem negro, classificou o movimento negro como “escória maldita”, que abriga “vagabundos”, e chamou Zumbi de “filho da puta que escravizava pretos”, de acordo com matéria veiculada no site Metrôpoles²³.

Esse contexto político e social turbulento foi considerado ao analisar as matérias e coberturas jornalísticas realizadas em 2020, pois influenciou tanto à percepção pública quanto às dinâmicas das práticas jornalísticas, que precisaram lidar com um cenário de alta tensão e constantes desafios

É válido destacar também que a maior concentração de matérias está no ano de 2020. Nesse ano, não apenas o Brasil, mas a população mundial estava sofrendo com o alastramento e complicações sociais, políticas, econômicas, entre outras, causadas pelo coronavírus, que instaurou a pandemia da Covid-19.

Nesse período, a sociedade precisou viver um tempo de quarentena, o que enclausurou as pessoas em suas casas e isso afetou mais ainda sujeitos que viviam em maior situação de vulnerabilidade, como exemplo: a classe trabalhadora informal, periférica, pessoas em situação de rua, mulheres (sobretudo em situação doméstica), população negra, entre outros grupos.

Esse cenário deve ser considerado para as análises das matérias realizadas em 2020, tanto pela questão estrutural, bem como as formas e dinâmicas das práticas jornalísticas, que precisaram se adequar por conta da necessidade das medidas de segurança estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), principalmente a medida de distanciamento social e não aglomeração de pessoas em espaços fechados.

Dessa maneira, podemos dizer que temos um marco temporal que implica nas análises, antes da pandemia (2018 e 2019) e durante a pandemia (2020). Para sistematizar as análises, decidimos organizar o presente capítulo pelo nome das pessoas assassinadas, correspondente às quatro matérias escolhidas para análises respectivamente da TV Globo (Fantástico) e Record TV (Domingo Espetacular).

Para melhor visualização, construímos um quadro contendo informações sobre data, programa, duração de tempo das matérias e título, que organizamos no quadro abaixo:

²² A Fundação Cultural Palmares (FCP) é uma instituição vinculada ao Ministério da Cultura (Minc). Foi criada através da Lei n. 7.668, de 22 de agosto de 1988, para promoção e preservação dos valores culturais, históricos, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira.

²³ METRÓPOLES. Presidente da Fundação Palmares: “Movimento negro é escória maldita”; ouça. 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/presidente-da-fundacao-palmares-movimento-negro-e-escoria-maldita-ouca>. Acesso em: 12 jun. 2024.

Quadro 03 – Informações sobre as matérias analisadas

| DATA | PROGRAMA | DURAÇÃO | TÍTULO |
|------------|---------------------|---------|--|
| 18.03.2018 | Fantástico | 9 min | 'Não entendo como saí daquilo', conta assessora de Marielle que sobreviveu |
| | Domingo Espetacular | 14 min | Não foi possível identificar o título da matéria |
| 24.05.2019 | Fantástico | 9 min | 'Tô aqui, pelo amor de Deus': áudios mostram medo de jovem em operação policial no RJ |
| | Domingo Espetacular | 10 min | Quem matou João Pedro Pinto? |
| 31.05.2020 | Fantástico | 9 min | Protestos pela morte de George Floyd nos Estados Unidos chegam a 75 cidades americanas |
| | Domingo Espetacular | 9 min | Homem negro morto por policial nos EUA |
| 22.11.2020 | Fantástico | 8 min | Câmeras mostram cronologia do assassinato de João Alberto em supermercado do Carrefour |
| | Domingo Espetacular | 9 min | Homem negro é agredido até a morte |

Fonte: Elaborado por meio das matérias nos *streamings* Globoplay/TVGlobo e Play Plus/Record TV (2024).

Antes de irmos para a exposição de cada caso estudado, trago alguns apontamentos gerais. O primeiro refere-se ao marco temporal, onde percebemos que a produção noticiosa ocorreu de forma distinta. Anterior à pandemia eram utilizadas muitas imagens coletadas pela própria emissora e entrevistas com mais personalidade. Ainda é possível perceber que anteriormente à pandemia, principalmente nos casos Marielle Franco (2018) e João Pedro Pinto (2020), os marcadores de raça e gênero não eram enunciados de forma textual ou explícita.

Por sua vez, durante a pandemia, raça e gênero aparecem como enunciados na construção textual das matérias estudadas. Enunciados como “homem negro”, “policial branco”, “cidadãos negros”, “mulher branca” e “professora negra” foram identificados nas narrativas das matérias, principalmente nas produções do programa Fantástico.

Cogitamos que essa mudança de explicitação da raça e gênero dos sujeitos entrevistados ou noticiados estão correlacionados com a escancarar que a pandemia trouxe sobre

as problemáticas sociais, além de outros fatores, como o crescente número de pessoas negras com visibilidade na mídia e na política e a repercussão de casos como o assassinato de George Floyd (2020), que mobilizou manifestações das redes sociais à concretização de mobilizações nas ruas em plena pandemia e em política de distanciamento social, não só no EUA, mas também em outros países como o Brasil.

Observamos ainda que a pandemia afetou a produção noticiosa, muitas gravações e imagens amadoras vindo da audiência/público ou postas em circulação na internet, foram utilizadas nas matérias. Isso implicou em uma quantidade de imagens de apoio e diversidades de ângulos, mas diminuiu tecnicamente a qualidade das imagens. Além disso, foi perceptível o uso maior de fontes e personagens que presencialmente não poderia conceder entrevistas.

Mesmo diante da possibilidade de fontes diversas, identificamos que a maioria das pessoas consultadas como vozes de autoridade e/ou especialistas são brancas. As pessoas negras no geral são ouvidas como vitimadas (antes e durante a pandemia). No material analisado, algumas pessoas negras foram utilizadas como vozes de especialistas nas matérias do Fantástico. Contudo, é nítido que até no que se refere à produção jornalística, todos os casos noticiados foram reportados (e possivelmente produzidos) apenas por pessoas brancas.

Nesse ponto, é preciso dizer que não estamos apontando que apenas pessoas negras devam apresentar e produzir conteúdo noticioso sobre pautas raciais. Porém, é necessário tensionar como o racismo estrutural está presente nesse aspecto de escolha de sujeitos para compor os lugares nas matérias. Para tanto, levantamos o questionamento: onde estão os profissionais negros nesses programas de grande audiência? Nesse sentido torna-se importante nos questionarmos: será que não há advogadas(os), médicas(os), pesquisadoras(es) entre outras(os) profissionais negros que possam servir como vozes de especialistas (ou como profissionais) na construção dessas matérias? Exposto isso, não há como negar que esse tipo de ausência de visibilidade implica diretamente nos modos de ver e representar lugar(es) de pessoas negras no imaginário social.

Também é preciso destacar as características gerais da produção de cada programa. Por meio do material que, até então nos servia como leitura prévia dos casos, é possível perceber no programa Fantástico a construção da narrativa de forma documental: sequência de acontecimentos e dados, a narrativa se dá por uma voz que descreve os acontecimentos e inserindo imagens de apoio, infografias, simulações e trazendo as personagens que compõem a narrativa.

Outra característica marcante nas matérias do Fantástico é um tom de pessoalidade, trazendo apelidos íntimos, atividades e lugares que as vítimas gostavam, o que cria uma relação

de intimidade humanizando as vítimas, sempre encerrando as matérias com uma foto da pessoa vitimada. Ainda aqui, explicitamos que os casos de Marielle Franco (2018), Gorge Floyd (2020) e João Alberto (2020) foram matérias seriadas, ou seja, tiveram mais de uma matéria na sequência dos quadros do Fantástico.

Sendo assim, justificamos que não analisamos as demais matérias de cada caso por se tratar de desdobramentos dos acontecimentos. Nesse sentido, priorizamos selecionar as matérias que deram enfoque ao acontecimento primário, ou seja, o critério utilizado na escolha da matéria foi a factualidade, dentro da sequência de matérias do mesmo caso escolhemos a que tratasse do acontecimento de forma primária.

Já o Domingo Espetacular possui uma narrativa mais detalhista dos acontecimentos. Nas matérias são exploradas os depoimentos e gravações em locução. A sequência das informações foi construída na relação com os sujeitos enunciados. Um fato em comum em todas as matérias foi mostrar o velório e/ou sepultamento das vítimas. Além disso, também é perceptível que são priorizadas as relações familiares nas matérias aqui analisadas. Acreditamos que isso esteja alinhado à postura ideológica da Record, mais conservadora no que se refere aos valores da família.

Embora a emissora adote uma postura mais conservadora, observamos que as narrativas de causas sociais e grupos minorizados foram postas como ênfase na construção das matérias. Isso fica em evidência na construção textual das matérias e nas relações entre sujeitos das matérias e o uso das vozes de especialistas que integraram a construção do conteúdo noticiado.

Ao adentrarmos a fundo em nosso recorte de análise, percebemos que em todas as matérias são utilizados recursos visuais como imagens e gravações para ilustrar os eventos e dar voz aos envolvidos. A ênfase recai sobre as vozes das vítimas e suas famílias, bem como de especialistas que buscam contextualizar os eventos e destacar questões de racismo e injustiça. As matérias também estabelecem conexões com outros casos e movimentos de luta contra o racismo, buscando ampliar a compreensão do público sobre essas questões.

O caso do assassinato de Marielle Franco, vereadora no Rio de Janeiro, é um exemplo complexo de problemáticas raciais na política brasileira. Diversas matérias, incluindo uma série documental, abordaram o evento ocorrido em março de 2018 quando Marielle e seu motorista foram assassinados. A matéria analisada foca no testemunho da única sobrevivente do atentado, a assessora da vereadora. Além disso, outras matérias destacaram homenagens, entrevistas e questões de racismo na internet após sua morte. No caso de João Pedro, um adolescente morto

pela polícia durante uma invasão em sua casa, a matéria detalha a tragédia e destaca a trajetória acadêmica e ativista da vítima. A narrativa aborda os eventos que levaram à sua morte, incluindo a reação da família, protestos e ações policiais, buscando dar voz aos familiares e especialistas para entender o contexto e as implicações do ocorrido.

Já assassinato de George Floyd, nos Estados Unidos, é abordado com foco nas manifestações que surgiram em resposta ao evento. A matéria destaca a brutalidade do crime, os protestos em várias cidades norte-americanas e as demandas por justiça. Familiares, amigos e especialistas são entrevistados para contextualizar o evento e suas consequências.

Por fim, o assassinato de João Alberto em um supermercado é apresentado com ênfase na brutalidade do evento e nas manifestações subsequentes. A matéria busca humanizar a vítima e destacar o impacto do racismo na sociedade brasileira. As entrevistas com familiares e testemunhas buscam compreender o contexto e as implicações do crime. A partir desse preâmbulo, iniciaremos a partir de agora uma análise mais aprofundada de cada caso escolhido como recorte do nosso trabalho.

5.1 Marielle Franco

5.1.1 Fantástico

O assassinato da vereadora carioca Marielle Franco representa um dos casos mais complexos e visíveis no cenário brasileiro em relação às problemáticas raciais e envolvendo a política partidária. A Globo produziu, além das matérias e reportagens em seus telejornais, uma série documental lançada em março de 2020, “Marielle - O Documentário”.

Todo o conteúdo gira em torno do acontecimento na noite de 14 de março de 2018, em que Marielle Franco e Anderson Gomes, seu motorista, foram assassinados. A investigação sugere que o assassinato foi encomendado devido à oposição de Marielle e da bancada do PSOL a um projeto de lei que beneficiaria milicianos na zona oeste do Rio de Janeiro, onde exploram empreendimentos imobiliários ilegais. De acordo com matéria do site BBC²⁴, publicada dia 18 de junho de 2024, nomes como Domingos Brazão, Chiquinho Brazão, Rivaldo Barbosa, e Ronald Paulo de Alves, estão respondendo a processos por envolvimento no caso, destacando-

²⁴ BBC News Brasil. Acusados de planejar morte de Marielle Franco viram réus após decisão do STF; veja quem são. BBC News Brasil, 18 jun. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cnllnqydg2yo>. Acesso em: 22 jun. 2024.

se a complexidade e a gravidade das acusações que envolvem homicídio qualificado, tentativa de homicídio e organização criminosa.

Na matéria aqui analisada, o foco do conteúdo está no testemunho da única sobrevivente do ocorrido, a assessora da vereadora. É importante dizer que outras três matérias sobre o fato ocorrido foram produzidas e exibidas no Fantástico na mesma edição. Uma matéria com um conteúdo de homenagem, outra sobre o motorista Anderson Gomes, incluindo uma entrevista com sua viúva, e outra sobre os crimes de ódio e racismo contra Marielle Franco na internet durante o seu pós-morte. Como explicitados anteriormente, o critério de escolha está na matéria de cunho mais factual.

A matéria é iniciada com imagens do Cristo Redentor, com um enunciado sobre a noite do assassinato da Marielle e como os brasileiros estavam sentindo essa perda. Logo passa para a reconstrução do caso, com imagens de seguranças da perícia que estava reconstruindo o percurso junto com imagens de movimentos nas ruas.

As cantoras Elza Soares e Pitty estavam no palco do Fantástico com a orquestra Maré do Amanhã cantando um clássico da MPB, “Juízo final” (composição de Clara Nunes, 1975), em homenagem a Marielle e Anderson. É interessante destacar que a matéria traz imagens da Marielle na Câmara Municipal do Rio de Janeiro um ano antes do crime, saudando as mulheres assassinadas, discursando e enunciando o nome das vítimas como “presentes”. Algo que marcou do início até agora o caso investigado é o grito de guerra “Marielle Presente!”.

Na matéria analisada do Fantástico não houve outras entrevistas ou vozes de especialistas. Apenas a assessora da Marielle e a mesma preferiu não mostrar o rosto ou ter o nome revelado. A entrevistada detalhou sobre a noite do crime e contou como tudo foi rápido e não deu entender o que estava acontecendo e do medo que foi viver aquela situação. As perguntas feitas pela jornalista Renata Ceribelli exploraram muito a descrição e sentimentos da sobrevivente, inclusive sobre como ela se sentia por ser uma sobrevivente.

Quadro 04 – Sujeitos e categorias: Marielle Franco, Fantástico: 13.05.2018

| Trecho | Sujeito | Categoria/ Tipo de fonte | Descrição do Trecho | Voz Ativa/Apassivada |
|---------------|-----------------------------------|---------------------------------|---|-----------------------------|
| T1 | Sobrevivente (assessora Marielle) | Pessoa Vitimada | “Olha só o carro que eu tava com a Marielle, que eu tô... Levou uma porção de tiro, a Marielle foi atingida. Eu tô nervosa, mas eu tô bem. Foram vários tiros.” | Apassivada |

| Trecho | Sujeito | Categoria/ Tipo de fonte | Descrição do Trecho | Voz Ativa/Apassivada |
|--------|-----------------------------------|--------------------------|--|----------------------|
| T2 | Renata Ceribelli (repórter) | Especialista | "A assessora de Marielle recebeu nossa equipe, mas não quis mostrar o rosto, nem ter o seu nome divulgado." | Ativa |
| T3 | Sobrevivente (assessora Marielle) | Pessoa Vitimada | "Eu tô apavorada, eu tô despedaçada. Como não ter medo? Como não ter medo, né? Que audácia, que audácia! Como matam de uma forma covarde uma mulher?" | Apassivada |
| T4 | Renata Ceribelli (repórter) | Especialista | "Você acha que você escapou por sorte? Você acha que o objetivo não era você? Você pensa nisso?" | Ativa |
| T5 | Sobrevivente (assessora Marielle) | Pessoa Vitimada | "Eu não penso nisso. Eu prefiro que as investigações pensem. As autoridades têm que me dizer logo. Quem foi que fez isso e por que fez isso. É isso que eu espero." | Apassivada |
| T6 | Renata Ceribelli (repórter) | Especialista | "Quando você vê a reconstituição na televisão feita pela polícia, como é que você se sente?" | Ativa |
| T7 | Sobrevivente (assessora Marielle) | Pessoa Vitimada | "Eu não acredito que eu estava ali. Eu não entendo como é que eu saí daquilo ali." | Apassivada |
| T8 | Renata Ceribelli (repórter) | Especialista | "A assessora estava sempre com Marielle. Como na última noite de quarta-feira, ela acompanhava Marielle em um encontro de mulheres negras contra o racismo e o preconceito." | Ativa |
| T9 | Sobrevivente (assessora Marielle) | Pessoa Vitimada | "E a Marielle muito feliz, porque foi um evento lindo, ele estava lotado." | Apassivada |
| T10 | Renata Ceribelli (repórter) | Especialista | "Em que momento você percebeu que tinha alguma coisa errada?" | Ativa |
| T11 | Sobrevivente (assessora Marielle) | Pessoa Vitimada | "Eu não percebi. Estávamos olhando o celular, um minuto antes, mais ou menos, eu vi a Marielle comentar alguma coisa, tipo: eita! Mas uma | Apassivada |

| Trecho | Sujeito | Categoria/ Tipo de fonte | Descrição do Trecho | Voz Ativa/Apassivada |
|--------|-----------------------------------|--------------------------|---|----------------------|
| | | | coisa muito tranquila, um comentário muito tranquilo." | |
| T12 | Renata Ceribelli (repórter) | Especialista | "Como se tivesse levado um susto? Talvez um carro se aproximando e parando do lado?" | Ativa |
| T13 | Sobrevivente (assessora Marielle) | Pessoa Vitimada | "Eu não fiz esse raciocínio. Eu só me lembro que no momento dessa interjeição dela, exatamente nesse momento, eu ouvi uma rajada. Eu me abaixei na mesma hora." | Apassivada |

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A análise sociocognitiva de Van Dijk aplicada à cobertura do "Fantástico" sobre o assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes revela como diferentes sujeitos são representados na narrativa e como isso molda a percepção pública sobre o evento. A análise enfoca as perspectivas do racismo, necropolítica, voz ativa/apassivada e o impacto sociocognitivo da cobertura.

A sobrevivente/assessora de Marielle é retratada consistentemente como uma figura apassivada, reforçando sua vulnerabilidade e vitimização. Em T1, a sobrevivente diz: "Olha só o carro que eu tava com a Marielle, que eu tô... Levou uma opção de tiro, a Marielle foi atingida. Eu tô nervosa, mas eu tô bem. Foram vários tiros." Essa fala expressa seu choque e trauma, destacando sua posição de vítima sem agência.

No trecho T3, a sobrevivente continua: "Eu tô apavorada, eu tô despedaçada. Como não ter medo? Como não ter medo, né? Que audácia, que audácia! como matam de uma forma covarde uma mulher?" Esses relatos refletem a marginalização e o racismo estrutural, onde as vozes das vítimas negras são suprimidas e suas experiências de violência são retratadas de maneira que enfatiza a impotência. A necropolítica é evidente na forma como a violência é direcionada a figuras negras ativistas como Marielle Franco, destacando um sistema que decide sobre a vida e a morte baseado em questões raciais.

Já a repórter Renata Ceribelli, como especialista, exerce uma voz ativa ao longo da cobertura. No trecho T2, ela diz: "A assessora de Marielle recebeu nossa equipe, mas não quis

mostrar o rosto, nem ter o seu nome divulgado." Renata estabelece a premissa de anonimato da entrevistada, guiando a interpretação dos espectadores sobre a vulnerabilidade da sobrevivente.

Em trecho T4, Renata pergunta: "Você acha que você escapou por sorte? Você acha que o objetivo não era você? Você pensa nisso?" Essa pergunta direcionada orienta o público a considerar a sobrevivência da assessora como possivelmente aleatória e não intencional, influenciando a interpretação dos eventos.

Renata continua, no trecho T6, a perguntar: "Quando você vê a reconstituição na televisão feita pela polícia, como é que você se sente?" Renata guia a narrativa para a reação emocional da sobrevivente às reconstituições, humanizando a experiência, mas também mantendo o foco na passividade e na resposta emocional.

Em contraste, a voz apassivada da sobrevivente é evidente no trecho T5: "Eu não penso nisso. Eu prefiro que as investigações pensem. As autoridades têm que me dizer logo. Quem foi que fez isso e por que fez isso. É isso que eu espero." Aqui, a dependência das autoridades para obter respostas reforça a imagem da sobrevivente como uma figura passiva e à mercê do sistema de justiça.

No trecho T7, a sobrevivente expressa: "Eu não acredito que eu estava ali. Eu não entendo como é que eu saí daquilo ali." Esta fala demonstra a dificuldade de processar o evento traumático, destacando novamente sua posição de vítima.

Renata continua a moldar a narrativa no trecho T8: "A assessora estava sempre com Marielle. Como na última noite de quarta-feira, ela acompanhava Marielle em um encontro de mulheres negras contra o racismo e o preconceito." Essa fala destaca o contexto de ativismo de Marielle e sua proximidade com a sobrevivente, reforçando a relevância do evento.

No trecho T10, Renata pergunta: "Em que momento você percebeu que tinha alguma coisa errada?" Essa pergunta direciona a narrativa para explorar as circunstâncias do ataque.

A sobrevivente responde no trecho T11: "Eu não percebi. Estávamos olhando o celular, um minuto antes, mais ou menos, eu vi a Marielle comentar alguma coisa, tipo: eita!. Mas uma coisa muito tranquila, um comentário muito tranquilo." Esta fala sublinha a falta de percepção do perigo iminente.

Renata continua no trecho T12: "Como se tivesse levado um susto? Talvez um carro se aproximando e parando do lado?" Essa pergunta especulativa direciona a audiência a considerar a possibilidade de uma emboscada.

A sobrevivente no trecho T13 responde: "Eu não fiz esse raciocínio. Eu só me lembro que no momento dessa interjeição dela, exatamente nesse momento, eu ouvi uma rajada. Eu me

abaixei na mesma hora." Esta fala enfatiza a reatividade e a falta de controle da sobrevivente durante o ataque.

Abaixo expomos quadro com a categorização dos sujeitos de acordo com o reflexo do impacto sociocognitivo do discurso de cada participante do material jornalístico:

Quadro 05 – Sujeitos e categorias: Marielle Franco, Fantástico: 13.05.2018

| Sujeito | Impacto Sociocognitivo | Discurso | Voz Ativa/ Apassivada |
|--------------------------------|--|---|----------------------------------|
| Marielle Franco | Apesar de não estar presente, sua voz é revivida através de gravações e citações, reforçando sua identidade como defensora dos direitos humanos. A utilização de sua voz póstuma visa perpetuar seu legado, mas também a coloca em um papel passivo na narrativa atual. | Suas palavras são usadas para evocar emoção e simpatia, mantendo seu espírito ativo na memória coletiva, porém sem a capacidade de responder ou agir no presente. | Apassivada |
| Sobrevivente/ Assessora | Sua narração do evento fornece uma perspectiva interna crucial, mas sua representação na mídia é controlada e mediada pelo jornalista. Isso pode influenciar a percepção pública, fazendo com que a audiência veja a assessora mais como uma vítima do que como uma testemunha ativa ou agente de mudança. | As perguntas feitas pela jornalista e a maneira como a assessora é enquadrada (anônima e traumatizada) podem reforçar a percepção de sua vulnerabilidade, o que pode diminuir a percepção de sua agência. | Apassivada |
| Renata Ceribelli (repórter) | Como especialista, Renata tem a voz mais ativa na matéria, controlando a narrativa e guiando a percepção do público através de suas perguntas e comentários. Isso exemplifica o poder dos meios de comunicação em moldar o discurso público e influenciar a cognição social em torno de eventos traumáticos. | Renata não só conduz a entrevista mas também contextualiza e explica a situação para o público, exercendo grande influência sobre como a história é entendida. | Ativa |

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Ao analisarmos conforme os quadros expostos acima, entendemos que o enquadramento dado pelo Fantástico ao caso de Marielle Franco optou por uma narrativa que silenciou e ocultou questões sobre racismo e necropolítica. Ao focar em uma reconstrução factual e emocional, o programa deixou de explorar as dimensões estruturais e políticas que são essenciais para entender plenamente o impacto e o significado da vida e morte de Marielle Franco.

Outro ponto a ser destacado na matéria é a menor ênfase dada ao motorista Anderson Gomes, por refletir desvalorização implícita de vidas "comuns" e por não abordar adequadamente a necessidade de uma memória coletiva inclusiva e justa. Isso reflete problemas estruturais na cobertura midiática, onde a importância das vítimas é muitas vezes medida por sua visibilidade pública, em vez de um reconhecimento equitativo de todas as vidas afetadas. Ao problematizar essa questão, é possível reconhecer a necessidade de uma narrativa mais inclusiva que valorize igualmente todas as vítimas, independentemente de seu status social ou visibilidade pública.

Já Marielle Franco foi enquadrada na matéria do Fantástico como uma figura pública e ativista, mártir e símbolo de resistência, e defensora dos direitos humanos. A narrativa destacou sua atuação como vereadora e defensora dos direitos humanos, incluindo imagens dela na Câmara Municipal, discursos e participação em eventos públicos. A matéria também a apresentou como mártir, utilizando imagens em preto e branco, música triste e depoimentos emocionados, reforçando sua figura como símbolo de resistência.

Além disso, Marielle foi descrita como uma defensora dos direitos humanos e das mulheres, mencionando seu papel na Comissão de Direitos Humanos e sua fiscalização da intervenção federal no Rio de Janeiro. No entanto, esse enquadramento pode ser criticado por despolitizar parcialmente sua morte, não explorando profundamente as dimensões de racismo estrutural e necropolítica que permeavam seu ativismo. A falta de uma análise crítica sobre essas questões e a ausência de vozes especialistas sobre racismo e violência policial resultaram em uma narrativa mais emocional e memorial do que analítica e contextual.

Por fim, vale ressaltar que na matéria não foi citado que Marielle era bissexual. Tal contextualização sobre sua orientação sexual só aconteceu na terceira matéria do programa, quando entrevista a arquiteta Mônica Benício, que foi alcunhada pelo programa como “companheira” de Marielle.

5.1.2 Domingo Espetacular

Assim como o Fantástico, a matéria do Domingo Espetacular iniciou trazendo a descrição do assassinato de Marielle e Anderson, porém de forma mais detalhada. A matéria foi organizada em três partes: as implicações que o assassinato da vereadora iria causar na intervenção militar no Rio de Janeiro, quem era a Marielle Franco e quem mandou matá-la.

É interessante destacar que a matéria do Domingo Espetacular deu ênfase à trajetória de formação acadêmica e ativismo da vereadora, sobretudo frente à violência contra mulher, população jovem negra e direitos humanos e a enunciou no texto da matéria da forma como ela se apresentava: “Mulher, negra, mãe e cria da favela da Maré”.

Outro ponto a destacar da construção da narrativa na matéria está relacionado à luta da vereadora frente a problemas sociais, principalmente na comissão que tinha sido instaurada para investigar as ações da intervenção militar no Rio de Janeiro. A matéria traz o dado da perícia sobre as balas que foram utilizadas na execução da vereadora que eram de um conjunto de balas desviadas da Polícia Federal de Brasília, anos atrás.

Na matéria da TV Record, o caso Marielle é relacionado com outras figuras assassinadas por defender causas sociais e que marcaram a história recente do Brasil: o ambientalista Chico Mendes (assassinado em 1988), a missionária norte-americana Dorothy Stang (assassinada em 2005) e a juíza Patrícia Acioli (assassinada em 2011).

Apresentada a descrição geral dos trechos pinçados na matéria conforme evento discursivo proposto neste estudo, aplicamos as categorias da nossa metodologia, identificando também a ação das vozes como passiva ou ativa, conforme descrição abaixo (quadro 05).

Quadro 06 – Sujeitos e categorias: Marielle Franco, Domingo Espetacular: 13.05.2018

| Trecho | Sujeito | Categoria/ Tipo de fonte | Descrição do Trecho | Voz Ativa/ Apassivada |
|--------|-----------------------------|-----------------------------|--|--------------------------|
| T1 | Fernanda Sanches (repórter) | Especialista | "Uma emboscada que coloca em xeque mais uma vez a segurança pública no Rio e levanta questões ainda sem respostas. Quem matou e quem ordenou o crime? Quais os motivos? A vereadora Marielle Franco e o motorista Anderson Gomes foram mortos de forma brutal. O crime aconteceu na noite da última quarta-feira. Marielle participava de um evento com mulheres negras no bairro da Lapa, região central da cidade. A reunião foi transmitida ao vivo nas redes sociais." | Ativa |
| T2 | Marielle Franco | Pessoa Vitimada | "Saiu daqui com o corpo, com o coração e com a mente fortalecida para as batalhas que virão." | Apassivada |

| | | | | |
|----|-----------------------------|--------------|--|-------|
| T3 | Fernanda Sanches (repórter) | Especialista | "As câmeras de segurança registraram o momento em que Marielle saiu do evento acompanhada da assessora. As duas entram no carro estacionado na Rua dos Inválidos. A assessora entra pelo lado esquerdo e Marielle pelo lado direito. Elas sentam juntas no banco de trás. O motorista Anderson Gomes chega logo em seguida. Repare que o carro de trás está completamente apagado. O veículo onde estava a vereadora dá ré e sai. Dez segundos depois, o carro de trás se prepara para sair. A motorista pisca o farol. Um carro escuro passa. O veículo que está parado também segue. Câmeras de monitoramento de trânsito cedidas pela prefeitura mostram o trajeto. O carro escuro segue na frente. Em seguida, o veículo onde está a vereadora. Nesta outra imagem, o veículo de Marielle aparece entre os dois carros que fizeram a emboscada." | Ativa |
| T4 | Fernanda Sanches (repórter) | Especialista | "9h07 da noite. O carro da vereadora continua sendo perseguido. O veículo escuro vai na frente, seguido pelo carro onde está Marielle. Logo atrás, o segundo carro, onde estão os assassinos. 700 metros adiante, o carro será alvejado. Para a polícia, não há mais dúvidas de que o crime foi premeditado. Segundo as investigações, os criminosos sabiam onde a vereadora estaria naquela noite e o caminho que ela costumava fazer de volta para casa. O trecho escolhido para abordagem foi esta rua, que tem pouco movimento à noite, muros altos dos dois lados, poucos prédios e quase nenhum estabelecimento comercial. Os bandidos acreditaram que aqui o assassinato não seria flagrado por câmeras." | Ativa |
| T5 | Fernanda Sanches (repórter) | Especialista | "O veículo prata dos bandidos emparelhou com o carro das vítimas e foram feitos ao menos 13 disparos em direção à vereadora. Marielle foi atingida por quatro tiros na cabeça e o motorista por três nas costas. A assessora ficou ferida pelos estilhaços dos vidros. Os assassinos fugiram sem levar nada." | Ativa |
| T6 | Fernanda Sanches (repórter) | Especialista | "Neste vídeo, a assessora de Marielle, e única sobrevivente, aparece ao lado do carro. Depois de receber atendimento médico, ela prestou depoimento por mais de cinco horas. Disse que a vereadora costumava andar no banco da frente, mas naquele dia decidiu ir no banco de trás. Disse também que estava distraída usando o celular e não percebeu que estavam sendo seguidas, até ouvir os disparos. A assessora revelou à polícia que dias antes, uma colega de gabinete da vereadora foi ameaçada num ponto de | Ativa |

| | | | | |
|-----|--|-----------------|--|------------|
| | | | ônibus por um homem estranho, que perguntou se ela trabalhava com Marielle." | |
| T7 | Rivaldo Barbosa (Chefe da Polícia Civil/RJ) | Especialista | "Na verdade, nós temos que esperar o dia-a-dia da investigação para que a gente aponte efetivamente o que pode acontecer e o que aconteceu. Mas o que a gente garante é que nós vamos dar uma resposta necessária e suficiente a esse fato." | Ativa |
| T8 | Fernanda Sanches (repórter) | Especialista | "Os corpos de Marielle Franco e do motorista dela, Anderson Gomes, foram velados na Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro." | Ativa |
| T9 | Fonte não identificada | Pessoa Vitimada | "Foi brutal, foi desumano. Não deu o direito de defesa à Marielle." | Apassivada |
| T10 | Ágata Reis (viúva do motorista Anderson) | Pessoa Vitimada | "Nosso filho nasceu com uma má formação e nós passamos vários percalços com o Arthur, então as coisas fizeram com que a gente também ficasse mais agarrado. Ele era um pai super amoroso, nós passamos uma barra juntos e ele sempre ali do lado, louco pelo filho. E é difícil até pensar como é que vai ser ficar sem ele e explicar isso pra criança, fazer a criança ter uma memória do pai. É simplesmente horrível." | Apassivada |
| T11 | Fernanda Sanches (repórter) | Especialista | "Marielle Franco nasceu em 27 de julho de 1979 na comunidade da Maré, uma das mais violentas do Rio. Começou a trabalhar aos 11 anos para ajudar os pais a pagarem a própria escola. Kursou Ciências Sociais e fez mestrado em Administração." | Ativa |
| T12 | Marielle Franco | Pessoa Vitimada | "A gente vai entrar, a gente vai sair, a gente vai fazer política, a gente vai resistir." | Apassivada |
| T13 | João Trajano (cientista político) | Especialista | "Ela era mulher, negra, mas ela não tinha voto de mulheres e negras somente. Ela era jovem, mas ela não teve voto somente de pessoas jovens. Ela era realmente uma figura que extrapolava um pouco os segmentos mais diretamente identificados com ela." | Ativa |

| | | | | |
|-----|-----------------------------------|-----------------|--|------------|
| T14 | Anielle Franco (irmã de Marielle) | Pessoa Vitimada | "A gente sabe que ela era muito querida, do servente até os vereadores. Me pararam pra falar, ah, te falta o sorriso dela e tudo. Então a gente tá tentando resistir." | Apassivada |
| T15 | Fernanda Sanches (repórter) | Especialista | "O assassinato da vereadora carioca lembra outras mortes que também marcaram a história recente do Brasil, como a do ambientalista Chico Mendes. Famoso por defender causas sociais, ele foi assassinado em 1988, em Xapuri, no Acre. Chico Mendes se tornou um problema para muitos fazendeiros que devastavam a Amazônia em nome do desenvolvimento econômico. A missionária americana Dorothy Stang também foi assassinada há 13 anos. Ela se tornou uma liderança na luta pela reforma agrária e incomodou madeireiros e fazendeiros da região. Morreu com seis tiros em um assentamento na cidade de Anapu, no sudoeste do estado do Amazonas. O caso da vereadora também lembra a morte da juíza Patrícia Acioli em 2011. A magistrada combatia grupos de milicianos e abuso de poder de policiais militares. A juíza foi morta numa emboscada, quando chegava em casa de carro. Levou 21 tiros de armas de uso restrito das forças de segurança. Nos 10 anos anteriores, a juíza tinha sido o responsável pela prisão de pelo menos 60 policiais ligados às milícias e a grupos de extermínio." | Ativa |
| T16 | Fernanda Sanches (repórter) | Especialista | "O grito ganhou força em manifestações pelas ruas de vários estados. As homenagens vieram de todos os lados. Artistas se manifestaram na internet. Elza Soares disse que ficou chocada. A apresentadora Ticiane Pinheiro lamentou a morte de mulheres fortes e batalhadoras como Marielle Franco. A notícia da morte de Marielle se espalhou pela imprensa internacional. O jornal norte-americano <i>The New York Times</i> disse que, segundo policiais, a vereadora era aparentemente um alvo dos criminosos. O britânico <i>The Guardian</i> afirmou que o crime aconteceu mesmo depois dos militares assumirem a segurança do Rio de Janeiro, com o aumento da violência no Estado. O <i>The Washington Post</i> destacou que a investigação vai ter o apoio da Polícia Federal e que mesmo com a intervenção militar, não há indícios de melhoras na segurança do Rio. O ministro da Segurança Pública, Raul Jungmann, esteve no Rio." | Ativa |

| | | | | |
|-----|--|--------------|--|-------|
| T17 | Raul Jungmann (Ministro da Segurança Pública) | Especialista | "Vamos encontrar e vamos punir pelo tempo que for necessário e ao custo que for necessário, mas nós vamos fazer justiça à vereadora que tombou fruto de um bárbaro crime." | Ativa |
| T18 | Fernanda Sanches (repórter) | Especialista | "Marielle fazia parte de uma comissão com o objetivo de monitorar as ações da Intervenção Federal no Rio. Eu quero saber como ficam as mães e familiares das crianças registradas. Denunciou diversas vezes abusos de policiais militares em casos de violações aos direitos humanos. Quatro dias antes de ser morta, a vereadora fez uma publicação nas redes sociais denunciando supostas ações violentas da polícia militar na comunidade de Acari, na zona norte do Rio. Na véspera da execução, voltou a criticar a violência policial no Rio ao comentar a morte de um jovem de 23 anos, baleado na favela do Jacarezinho. "Mais um que pode estar entrando para a conta de homicídios da polícia. Quantos jovens precisarão morrer para que essa guerra aos pobres acabe?" A cientista social Silvia Ramos coordena a comissão de intervenção e trabalhava diretamente com a vereadora. Para ela, a morte de Marielle é uma afronta do crime organizado." | Ativa |
| T19 | Silvia Ramos (Cientista Social) | Especialista | "É uma espécie de mensagem no período de intervenção. Se for uma mensagem de mais violência, como quem diz, não adianta chegar aos generais que nós vamos continuar mandando nas ruas da cidade. Veja como é fácil matar alguém, é só encostar o carro e batidos de pistola 9 milímetros." | Ativa |

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Os trechos da matéria analisada do programa, destacados no quadro acima, trazem como sujeitos a repórter Fernanda Sanches e outros especialistas, como o delegado Rivaldo e o cientista político João Trajano, que têm vozes ativas que controlam a narrativa, destacando a brutalidade do crime, a falha da segurança pública e o compromisso com a justiça. Suas respectivas declarações pautam a percepção pública sobre o evento, sublinhando a premeditação e a violência extrema enfrentada por Marielle.

Em contraste, as vozes das vítimas, incluindo Marielle Franco e a sobrevivente/assessora, são frequentemente apassivadas. Marielle é lembrada de forma póstuma, enfatizando seu legado de resistência, mas sem agência no presente. A sobrevivente

narra os eventos destacando sua vulnerabilidade e falta de percepção do perigo, reforçando a narrativa de impotência de grupos marginalizados.

Trechos como o relato da emboscada (T1) e a perseguição detalhada (T4) sublinham a constante vulnerabilidade das figuras negras em posições de poder, refletindo a necropolítica. A viúva de Anderson Gomes (T10) e Anielle Franco, irmã de Marielle (T14), expressam a dor pessoal e o impacto emocional da perda, enfatizando a desumanização das vítimas.

A repórter também traça paralelos com outros assassinatos históricos (T15), contextualizando o assassinato de Marielle em um contexto mais amplo de violência política no Brasil. A cobertura inclui reações públicas e internacionais (T16), destacando a magnitude da reação e a importância do evento.

O Ministro da Segurança Pública, Raul Jungmann (T17), e a cientista social Silvia Ramos (T19) fornecem análises ativas sobre o impacto do crime e o poder do crime organizado. A investigação policial e suas implicações políticas são detalhadas (T20, T21), sublinhando as consequências do assassinato para a intervenção federal no Rio de Janeiro.

Quadro 07 – Sujeitos e categorias: Marielle Franco, Domingo Espetacular: 13.05.2018

| Sujeito | Impacto Sociocognitivo | Discurso | Voz Ativa/ Apassivada |
|-------------------------------|---|---|----------------------------------|
| Marielle Franco | Embora não esteja presente, sua voz é revivida através de gravações e citações, reforçando sua identidade como defensora dos direitos humanos. Sua voz póstuma perpetua seu legado, mas a coloca em um papel passivo na narrativa atual. | Suas palavras são usadas para evocar emoção e simpatia, mantendo seu espírito ativo na memória coletiva, porém sem a capacidade de responder ou agir no presente. | Apassivada |
| Fernanda Sanches (jornalista) | A jornalista tem a voz mais ativa na matéria, controlando a narrativa e guiando a percepção do público através de suas perguntas e comentários. Isso exemplifica a autonomia dos meios de comunicação em pautar o discurso público e influenciar a cognição | A jornalista não só conduz a entrevista, mas também contextualiza e explica a situação para o público, exercendo grande influência sobre como a história é entendida. | Ativa |

| | | | |
|--|---|--|-----------------------|
| | social em torno de eventos traumáticos. | | |
| Rivaldo Barbosa (delegado) | A voz ativa do delegado reforça a autoridade e o compromisso das autoridades em resolver o caso, influenciando a percepção pública sobre a seriedade e a capacidade da investigação. | As declarações do delegado são usadas para assegurar ao público que a investigação está em andamento e que uma resposta adequada será fornecida. | Ativa |
| Anielle Franco (irmã de Marielle) | A irmã de Marielle é representada como vítima, com foco em sua dor e perda. Isso pode evocar empatia, mas também a coloca em um papel passivo na narrativa, sem agência sobre os eventos. | A dor e o sofrimento expressos por Anielle são usados para humanizar Marielle e destacar o impacto pessoal do crime, mas sem dar-lhe uma plataforma para influenciar ativamente a narrativa. | Apassivada |
| Ágata Reis (viúva do motorista Anderson Gomes) | A viúva de Anderson é representada como vítima, com foco na dor pessoal e na perda familiar. Isso evoca empatia, mas a coloca em um papel passivo na narrativa. | Seus comentários sobre a dificuldade de explicar a perda ao filho e o impacto emocional da morte de Anderson sublinham a tragédia pessoal e familiar, destacando a desumanização das vítimas. | Apassivada |
| Ministro da Segurança Pública no governo Bolsonaro | O ministro oferece uma resposta protocolar com voz ativa, prometendo justiça de forma que pode parecer desdenhosa, considerando o contexto político contrário a Marielle. | Suas declarações sublinham a seriedade protocolar com que o governo trata o crime, mas a falta de empatia e o desdém podem ser inferidos pela audiência, considerando o histórico político do governo. | Ativa, mas protocolar |

| | | | |
|---------------------------|---|--|-------|
| Especialistas e Analistas | Os especialistas têm uma voz ativa, fornecendo contexto e análise sobre o impacto social e político do assassinato de Marielle. Isso pauta a percepção pública e legitima as interpretações fornecidas. | As análises e comentários dos especialistas ajudam a contextualizar o crime dentro de um panorama mais amplo de violência política e social no Brasil. | Ativa |
|---------------------------|---|--|-------|

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A narrativa do "Domingo Espetacular" sobre o assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes revela uma dinâmica de vozes ativas e passivas que constrói a percepção pública dos eventos. Marielle Franco, mesmo após sua morte, é representada de forma apassivada, com sua voz póstuma usada para perpetuar seu legado de defesa dos direitos humanos, mas sem agência no presente.

As jornalistas, delegados, especialistas e o Ministro da Segurança Pública no governo Bolsonaro possuem vozes ativas que controlam a narrativa e direcionam a cognição social. As declarações do delegado enfatizam o compromisso das autoridades em resolver o caso, enquanto os especialistas contextualizam o crime dentro de um cenário mais amplo de violência política no Brasil.

A fala do Ministro da Segurança Pública, embora ativa, pode ser vista como protocolar e desdenhosa, refletindo a perspectiva política do governo contra Marielle Franco. Anielle Franco, irmã de Marielle, e Ágata Reis, viúva de Anderson Gomes, são representadas como vítimas, com foco em sua dor e perda. Isso evoca empatia, mas as mantém em um papel passivo na narrativa.

Em nossa análise ficou perceptível o silenciamento de questões cruciais sobre racismo e necropolítica. Embora Marielle tenha sido destacada como vereadora, ativista de direitos humanos e uma figura de repercussão internacional, a reportagem não menciona sua orientação sexual como bissexual, silenciando parte significativa de sua identidade e militância.

A discussão sobre racismo estrutural é superficial, ou melhor, nula. E o conceito de necropolítica, que se refere ao uso do poder para decidir quem pode viver e quem deve morrer, não é abordado, ocultando as políticas que desvalorizam vidas negras e periféricas. A escolha de especialistas predominantemente brancos reflete um viés que invisibiliza intelectuais negros, diminuindo a diversidade de análises.

Por fim, a homenagem a Marielle é despolitizada, apresentando-a de forma emocional e simbólica, sem conectar explicitamente sua morte a questões estruturais de racismo e violência política, tampouco aos conflitos de interesses políticos e relações de força que

resultaram no assassinato da vereadora. Comparações com figuras como Chico Mendes e Dorothy Stang desviam a atenção das especificidades do caso de Marielle, especialmente em relação ao racismo, à violência urbana e à violência de gênero e a representativa política em prol de interesses de grupos minorizados no Brasil.

A matéria carece de aprofundar essas questões, incluindo uma diversidade de vozes e análises que revelassem as relações estruturais da violência e discriminação que Marielle enfrentou e combateu. É necessário também ressaltar novamente o silenciamento acerca da orientação sexual de Marielle, tendo em vista que a arquiteta Monica Benício, esposa da vereadora, não foi citada na matéria, diferente da matéria veiculada pelo programa Fantástico. Tal ausência, mostra um compromisso da Record TV com seu viés editorial conservador e de só identificar como família a família heteronormativa.

5.2 João Pedro

5.2.1 Fantástico

O caso de João Pedro, adolescente de 14 anos, assassinado em casa após uma invasão policial na residência onde morava com sua mãe e tio, em São Gonçalo, região do Complexo do Salgueiro no Rio de Janeiro, também faz parte do nosso corpus. Essa tragédia ocorreu em decorrência da ação da polícia. Na ocasião, o garoto estava com outros adolescentes brincando dentro de casa quando um helicóptero começou a sobrevoar a área em busca de cumprir um mandado de segurança contra líderes do tráfico, como detalha a matéria.

Na matéria, a mãe, o pai e a tia de João Pedro são entrevistados pelo Fantástico. Imagens da casa com mais de 70 tiros foram mostradas pela tia do adolescente, que também relata que João Pedro no momento que avistou o helicóptero entrou em contato com o pai por mensagem e ela que estava com o celular e mandou eles ficarem dentro de casa.

Toda matéria é construída através das declarações da família de João Pedro. Seu pai fala como foi chegar em casa e ver seu sobrinho chorando contando que o João Pedro tinha sido baleado durante a invasão da polícia (os outros 6 adolescentes saíram ilesos). Porém, o adolescente não estava lá, teria sido levado pelo helicóptero dos policiais para ser socorrido, mas o pai não foi informado da situação ou local para onde o filho tinha sido levado.

O pai detalha que o cenário era de 15 policiais (Polícia Militar e Civil) fortemente armados, e que procurou pelo filho em oito hospitais, porém, ele só foi notificado do óbito do

filho no dia seguinte. Na matéria também é apresentada uma simulação com mapa sobre o deslocamento do adolescente, que foi conduzido para uma região distante de São Gonçalo, bem como foi reconstruída a cronologia dos acontecimentos.

Quadro 08 – Sujeitos e categorias: João Pedro, Fantástico: 24.05.202

| Trecho | Sujeito | Categoria/ Tipo de fonte | Descrição do Trecho | Voz Ativa/ Apassivada |
|---------------|--|-------------------------------------|---|----------------------------------|
| T1 | João Pedro | Pessoa vitimada | "Tia, tia, tia!" - Expressão de medo e desespero antes de sua morte. | Apassivada |
| T2 | Denise Rosa Matos Pinto (tia) | Pessoa vitimada | "Olha só, não me saia daí de dentro. Se a polícia chamar alguém vocês atendem de boa." - Orientação dada a João em meio ao pânico. | Apassivada |
| T3 | Repórter (Ana Carolina Raimundi) | Especialista | "João Pedro estava com medo. Mandou os áudios para a tia momentos antes de morrer." - Contextualiza o medo de João antes de sua morte. | Ativa |
| T4 | Denise Rosa Matos Pinto (Tia de João) | Pessoa vitimada | "Aqui foi exatamente a casa onde aconteceu tudo..." - Explica o cenário do ocorrido. | Apassivada |
| T5 | Repórter (Ana Carolina Raimundi) | Especialista | "A casa fica no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo..." - Descreve o local do ocorrido e o contexto da operação policial. | Ativa |
| T6 | Neilton Costa Pinto (pai de João Pedro) | Pessoa vitimada | "O helicóptero está rodando, mas tem policiais aqui, vai me proteger. Correto?" - Tentativa de buscar segurança na presença da polícia. | Apassivada |

| | | | | |
|-----|--|--------------------|---|------------|
| T7 | João Pedro | Pessoa vitimada | "To aqui, pelo amor de Deus." - Áudio de João mostrando seu desespero. | Apassivada |
| T8 | Rafaela Santos (mãe de João Pedro) | Pessoa vitimada | "Ligava, ligava para João Pedro e nada..." - Desespero da mãe ao tentar contato. | Apassivada |
| T9 | Repórter (Ana Carolina Raimundi) | Especialista | "Os sobreviventes contaram para a família..." - Narra o relato dos sobreviventes sobre a invasão da polícia. | Ativa |
| T10 | Neilton Costa Pinto (pai de João Pedro) | Pessoa vitimada | "Aí quando eu cheguei, chegamos em casa, do lado de fora..." - Descreve a chegada ao local após o ocorrido. | Apassivada |
| T11 | Repórter (Ana Carolina Raimundi) | Especialista | "Só disseram que o menino tinha sido resgatado de helicóptero." - Informa a falta de comunicação sobre o estado de João Pedro. | Ativa |
| T12 | Repórter (Ana Carolina Raimundi) | Especialista | "Aqui no heliponto da Lagoa, um médico bombeiro já esperava..." - Descreve o socorro de João Pedro. | Ativa |
| T13 | Allan Duarte (delegado) | Especialista | "Ele teria sido baleado no interior da comunidade após um confronto..." - Explica a versão policial dos eventos. | Ativa |
| T14 | Robson Rodrigues (especialista em segurança pública / LAV - UERJ) | Especialista | "Muito dificilmente você vai conseguir comprovar que você precisou dar esse número de tiros..." - Analisa criticamente a ação policial. | Ativa |

| | | | | |
|-----|---|-----------------|---|------------|
| T15 | Livia Casseres (defensora pública do Rio de Janeiro) | Especialista | "A gente não consegue entender porque esses meninos não foram avisados... Essa casa foi fuzilada." - Crítica à falta de aviso prévio pela polícia e à brutalidade da operação. | Ativa |
| T16 | Repórter (Ana Carolina Raimundi) | Especialista | "A Defensoria Pública, que representa a família, quer que o Ministério Público passe a investigar o caso." - Informa sobre os esforços legais para uma investigação imparcial. | Ativa |
| T17 | Neilton Costa Pinto (pai de João Pedro) | Pessoa vitimada | "O que mexe com o nosso coração é que eles não assumem que erraram." - Expressa a frustração com a falta de responsabilidade assumida pela polícia. | Apassivada |
| T18 | Rafaela Santos (mãe de João Pedro) | Pessoa vitimada | "E a gente tão preocupado com a pandemia... e a gente não imaginava que de uma hora pra outra, né, iam tirar a vida dos filhos." - Relata o choque de perder o filho em meio a outra crise. | Apassivada |

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A narrativa do "Domingo Espetacular" sobre o assassinato de João Pedro revela uma dinâmica de vozes ativas e passivas que pauta a percepção pública dos eventos. Esta análise, com base nos trechos citados, explora como as diferentes vozes são representadas, o impacto sociocognitivo segundo Van Dijk, e as implicações do racismo estrutural e da necropolítica. Inicialmente, entendemos que a Polícia Militar e Civil é dada ao enquadramento da categoria "agente do crime", pela narrativa deixar bem clara a atuação desproporcional de forças policiais que acabou tendo como consequência João Pedro.

Em T1 a T3 mostram João Pedro e sua tia, Denise Rosa Matos Pinto, em momentos de desespero e vulnerabilidade. João Pedro, com sua expressão de medo ("Tia, tia, tia!") e a orientação dada pela tia para se proteger retratam uma voz apassivada, sem agência diante da

violência iminente. Esse contexto demonstra a impotência das vítimas em situações de violência policial, destacando a vulnerabilidade e falta de controle sobre os eventos.

No trecho T4, a repórter contextualiza o medo de João Pedro antes de sua morte, destacando a tensão e o perigo que ele sentia. Esse tipo de narrativa ativa pauta a percepção do público, enfatizando a gravidade da situação e a tragédia pessoal, o que pode gerar empatia e indignação.

O racismo estrutural e a necropolítica são evidentes na maneira como a operação policial é retratada. No trecho T5, a repórter descreve a casa no Complexo do Salgueiro, um local frequentemente alvo de operações policiais devido à sua associação com atividades criminosas. A descrição do ambiente e a operação policial que resultou em mais de 70 tiros nas paredes da casa exemplificam a desumanização e o tratamento diferencial dado a comunidades periféricas e predominantemente negras.

Em T6 e T10, onde o pai de João Pedro, Neilton Costa Pinto, descreve a tentativa de buscar segurança na presença da polícia e depois expressa sua frustração com a falta de comunicação e transparência sobre o estado de seu filho ilustram a falha das autoridades em proteger e informar adequadamente às famílias das vítimas. A resposta oficial dada aos pais de que o menino foi resgatado de helicóptero, mas sem informações explícitas sobre seu destino (T11) destaca a desumanização e a negligência das autoridades.

Nos discursos T13 a T15 apresentam a versão oficial dos eventos pela polícia e a análise crítica de especialistas. Allan Duarte, o delegado, fornece uma explicação de que João Pedro foi baleado após um confronto (T13), enquanto o especialista em segurança pública, Robson Rodrigues, critica a justificativa da polícia, destacando a dificuldade em justificar o uso excessivo de força com o número de tiros disparados (T14). Essa análise crítica introduz uma voz ativa que questiona a versão oficial, expondo problemas na operação e a brutalidade da ação policial.

Já em T15, Livia Casseres, defensora pública do Rio de Janeiro, questiona a falta de aviso prévio e critica a brutalidade da operação. Ela argumenta que a polícia civil não tem a imparcialidade necessária para conduzir a investigação, sugerindo que o Ministério Público assumira o caso para garantir uma investigação justa e imparcial (T16). Essa voz ativa busca desafiar as estruturas de poder que perpetuam a violência policial e a impunidade.

Por fim, T17 e T18 mostram as vozes de Nadilton Costa Pinto (pai de João Pedro) e Rafaela Santos (mãe de João Pedro), expressando sua dor e frustração com a falta de responsabilidade da polícia. Nadilton Costa Pinto destaca a frustração com a falta de

reconhecimento da responsabilidade por parte da polícia "O que mexe com o nosso coração é que eles não assumem que erraram" (T17), enquanto Rafaela Santos lamenta a perda de seu filho em meio a outra crise (T18). Essas vozes apassivadas, embora carregadas de emoção, não têm o poder de mudar a narrativa oficial, sublinhando a impotência das vítimas e suas famílias em face da violência estatal.

A operação policial que levou à morte de João Pedro é um exemplo explícito de necropolítica, onde o Estado decide quem pode viver e quem deve morrer. A ação desproporcional e violenta contra jovens em uma comunidade predominantemente negra é uma manifestação do racismo estrutural que permeia as instituições de segurança pública no Brasil. A narrativa do "Domingo Espetacular" revela como essas operações são frequentemente justificadas sob o pretexto de combate ao crime, mas na realidade perpetuam a marginalização e a violência contra determinadas populações.

Destarte, a análise dos trechos do "Domingo Espetacular" sobre o assassinato de João Pedro ilustra como a mídia pode reforçar ou desafiar estruturas de poder e dominação. A voz ativa de jornalistas e especialistas pautam a percepção pública, expondo problemas como a brutalidade das operações policiais. Entretanto, as vozes das vítimas e suas famílias são frequentemente apassivadas, destacando sua vulnerabilidade e falta de agência.

Quadro 09 – Sujeitos e Categorias: João Pedro, Fantástico: 13.05.2018

| Sujeito | Impacto Sociocognitivo | Discurso | Voz Ativa/ Apassivada |
|-------------------------------|--|---|----------------------------------|
| João Pedro | Representa a vulnerabilidade de jovens negros em comunidades periféricas, destacando o medo e desespero frente à violência policial. | Expressão de medo e desespero antes de sua morte. | Apassivada |
| Denise Rosa Matos Pinto (tia) | Mostra o impacto direto e a impotência dos familiares em situações de violência, reforçando a narrativa de | Discurso de tensão e tentativa de uma passividade frente à polícia na tentativa de reduzir a chance de morte de João. | Apassivada |

| | | | |
|---|---|---|------------|
| | vulnerabilidade e falta de proteção. | | |
| Repórter | Controla a narrativa e guia a percepção pública, contextualizando e explicando os eventos, exemplificando o exercício da mídia em pautar o discurso público. | "João Pedro estava com medo. Mandou os áudios para a tia momentos antes de morrer." - Contextualiza o medo de João antes de sua morte. | Ativa |
| Neilton Costa Pinto (pai de João Pedro) | A figura do pai destaca a dor e a busca por justiça, exemplificando a luta dos familiares das vítimas contra a impunidade e a falta de transparência das autoridades. | "O helicóptero está rodando, mas tem policiais aqui, vai me proteger. Correto?" - Tentativa de buscar segurança na presença da polícia. | Apassivada |
| Rafaela Santos (mãe de João Pedro) | Expressa a dor materna e a desesperança, destacando a tragédia familiar e a perda irreparável causada pela violência estatal. | "Ligava, ligava para João Pedro e nada..." - Desespero da mãe ao tentar contato. | Apassivada |
| Allan Duarte (delegado) | Reforça a autoridade e o compromisso das autoridades em resolver o caso, mas também a narrativa oficial que pode desumanizar as vítimas. | "Ele teria sido baleado no interior da comunidade após um confronto..." - Explica a versão policial dos eventos. | Ativa |

| | | | |
|--|---|---|------------|
| Robson Rodrigues (especialista em segurança pública / LAV - UERJ) | Fornece uma análise crítica da ação policial, questionando a justificativa e a necessidade do uso excessivo de força, desafiando a narrativa oficial. | "Muito dificilmente você vai conseguir comprovar que você precisou de dar esse número de tiros..." - Analisa criticamente a ação policial. | Ativa |
| Livia Casseres (defensora pública do Rio de Janeiro) | Critica a falta de aviso prévio e a brutalidade da operação, defendendo uma investigação imparcial e justa. | "A gente não consegue entender por que esses meninos não foram avisados... Essa casa foi fuzilada." - Critica a falta de aviso prévio pela polícia e a brutalidade da operação. | Ativa |
| Neilton Costa Pinto (pai de João Pedro) | Expõe a frustração com a falta de responsabilidade assumida pela polícia, representando a luta contínua por justiça. | "O que mexe com o nosso coração é que eles não assumem que erraram." - Expressa a frustração com a falta de responsabilidade assumida pela polícia. | Apassivada |
| Rafaela Santos (mãe de João Pedro) | Destaca o choque e a perda em meio a outras crises, representando a dor contínua e a insegurança vivida pelas famílias das vítimas de violência policial. | "E a gente tão preocupado com a pandemia... e a gente não imaginava que de uma hora pra outra, né, iam tirar a vida dos filhos." - Relata o choque de perder o filho em meio a outra crise. | Apassivada |

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A narrativa do "Fantástico" sobre o assassinato de João Pedro revela uma dinâmica de vozes ativas e passivas que delinea a percepção pública dos eventos. João Pedro e sua família são retratados como vítimas, com foco em sua dor e desespero, o que evoca empatia, mas os mantém em um papel passivo na narrativa. As vozes de jornalistas, especialistas e

autoridades possuem uma presença ativa, direcionando a compreensão dos eventos e influenciando a cognição social.

O jornalista e os especialistas, como a defensora pública e o especialista em segurança, questionam criticamente as ações policiais e oferecem contexto sobre a brutalidade e a frequência da violência policial na região. A presença ativa do delegado e das autoridades fornece uma narrativa oficial, mas também expõe a falta de transparência e responsabilidade, refletindo a desumanização e marginalização das vítimas.

A matéria do programa fica marcada por silenciar e ocultar aspectos cruciais das questões de racismo e necropolítica. Embora descreva a operação policial que resultou na morte de João Pedro, a reportagem não aborda como o racismo estrutural contribui para a violência policial desproporcional contra pessoas negras e periféricas. O conceito de necropolítica, que se refere ao uso do poder para decidir quem pode viver e quem deve morrer, não é mencionado, impedindo uma crítica mais profunda sobre a violência seletiva do Estado.

Além disso, a matéria minimiza o impacto das políticas de segurança pública que resultam em operações violentas e não questiona suficientemente a lógica punitiva dessas políticas. Apesar de incluir uma defensora negra, a maioria dos especialistas citados não são negros, o que pode reduzir a diversidade de perspectivas sobre racismo e violência policial.

O foco na tragédia individual da família de João Pedro, com depoimentos emocionados, desvia a atenção das causas sistêmicas, enquanto a inclusão de outras matérias menos relevantes minimiza a percepção da gravidade da violência policial.

5.1.2.1 Domingo Espetacular

Por sua vez, a matéria do Domingo Espetacular trouxe o caso de João Pedro como matéria de abertura da edição. As mesmas informações apresentadas na matéria do Fantástico foram citadas no Domingo Espetacular. Porém, a narrativa da matéria se concentrou nas imagens da casa e no depoimento dos pais e, em um plano secundário, na ação policial sobre o ocorrido. É interessante destacar que a narrativa dessa matéria apresenta João Pedro como um bom filho, no relato do pai, que diz que o filho sonhava em cursar Direito e se tornar advogado.

Apresentada a descrição geral do evento discursivo, aplicamos as categorias aos sujeitos utilizados como fontes para compor essa matéria. Veja abaixo (quadro 10):

| Trecho | Sujeito | Categoria/ Tipo de fonte | Discurso | Voz Ativa/ Apassivada |
|---------------|---|-------------------------------------|--|----------------------------------|
| T1 | Neilton Costa Pinto (pai de João Pedro) | Pessoa vitimada | "Ele acabou com o sonho do meu filho, com os projetos. Ele destruiu a vida de uma família." | Apassivada |
| T2 | Rafaela Santos (mãe de João Pedro) | Pessoa vitimada | "Eu só queria justiça, porque meu filho de volta eu não vou ter mais." | Apassivada |
| T3 | Sylvestre Serrano (Repórter) | Especialista | "Essa casa nunca mais será a mesma... Imagens exclusivas de marcas que contam uma história de violência e dor." | Ativa |
| T4 | Neilton Costa Pinto (pai de João Pedro) | Pessoa vitimada | "Invadiram a casa, jogando granada, metralharam a casa toda. E meu filho estava em um cômodo, na copa, se assustou, levantou e tomou um tiro de fuzil. Foi isso que aconteceu." | Apassivada |
| T5 | Sylvestre Serrano (Repórter) | Especialista | "Na casa dos tios, João Pedro Matos Pinto passou os últimos momentos de vida. Um jovem feliz, saudável e estudioso." | Ativa |
| T6 | Livia Casseres (defensora pública) | Especialista | "É absolutamente inadmissível pelas leis brasileiras, pela Constituição brasileira, que para cumprir um mandado de prisão Forças policiais matem um adolescente de 14 anos. Isso é algo absolutamente inadmissível, ilegal, ilícito, desproporcional." | Ativa |

| | | | | |
|-----|---------------------------------|--------------|---|-------|
| T7 | Allan Duarte (delegado) | Especialista | "Agora a gente precisa saber, precisa aguardar o resultado do exame de confronto balístico para determinar de que arma partiu esse tiro. Se foi de arma de algum policial civil ou se foi, eventualmente, da arma de algum marginal envolvido no confronto. Mas a família acredita que o tiro partiu da arma de um policial." | Ativa |
| T8 | Sylvestre Serrano (Repórter) | Especialista | "A Secretaria Estadual de Polícia Civil determinou o afastamento dos três agentes que atuaram na operação no Complexo do Salgueiro. A Defensoria Pública e a OAB exigem uma investigação independente, questionam a conduta dos policiais e a possível manipulação da cena do crime." | Ativa |
| T9 | Sylvestre Serrano (Repórter) | Especialista | "O caso de João Pedro é mais um entre milhares que acontecem todos os anos. Ano passado, o Observatório da Segurança contabilizou 1.810 mortes em comunidades durante operações policiais. No estado do Rio de Janeiro, o isolamento social começou no dia 12 de março. Num primeiro momento, as atividades policiais reduziram drasticamente. Mas a partir de abril, a retomada foi forte. Nos últimos dois meses, foram mais de 100 operações que resultaram na morte de 65 pessoas." | Ativa |
| T10 | Silvia Ramos (socióloga) | Especialista | "Por que a polícia não muda? Porque a polícia continuou fazendo exatamente o mesmo tipo de ação, com mais violência, com mais brutalidade e com mais letalidade." | Ativa |

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A narrativa do "Domingo Espetacular" sobre o assassinato de João Pedro revela uma dinâmica de vozes ativas e passivas que media a percepção pública dos eventos. João Pedro e

sua família são retratados como vítimas, com foco em sua dor e desespero, o que evoca empatia, mas os mantém em um papel passivo na narrativa. As vozes dos jornalistas, especialistas e autoridades possuem uma presença ativa, direcionando a compreensão dos eventos e influenciando a cognição social. Assim como na matéria do Fantástico, a Polícia Civil e Militar são enquadradas como “agentes do crime”, a partir de interloquções adjetivas como “crime bárbaro”, “violência policial” e “ação violenta”.

A presença ativa de repórteres, defensores públicos e especialistas fornece contexto e crítica às ações policiais, destacando a brutalidade e a falta de responsabilidade das operações. Entretanto, as vozes das vítimas, como os pais de João Pedro, são apassivadas, expressando dor e frustração atravessando a pauta, causando comoção social, mas, não é a voz prioritária na abordagem oficial dos fatos.

Já narrativa ativa de jornalistas e especialistas expõe a brutalidade policial e a frequência da violência nas comunidades periféricas, enquanto as vozes das vítimas destacam a desumanização e o impacto pessoal e familiar da violência estatal, que finda por se tornar naturalizada e normalizada.

A análise da narrativa do "Domingo Espetacular" sobre o assassinato de João Pedro revela como a mídia pode reforçar ou desafiar estruturas de poder e dominação através da representação de vozes ativas e passivas. E

Em T1 e T2 é traz a voz apassivada dos pais de João Pedro. O pai expressa a destruição dos sonhos e projetos do filho ("Ele acabou com o sonho do meu filho, com os projetos. Ele destruiu a vida de uma família." - T1), enquanto a mãe clama por justiça em meio à dor irreparável pela perda ("Eu só queria justiça, porque meu filho de volta eu não vou ter mais." - T2). Essas declarações evocam empatia e destacam a vulnerabilidade das vítimas, suscitando a possibilidade de mudança da narrativa oficial (versão das forças policiais) ao reverberar diretamente nas ações das autoridades pós-crime.

Segundo Van Dijk (2018), a mídia tem um papel crucial na formação da cognição social, pautando como os eventos são percebidos pelo público. A voz ativa de repórteres e especialistas no "Domingo Espetacular" ajuda a contextualizar e explicar a situação, influenciando a compreensão do público sobre a violência policial e suas consequências. No trecho T3, o repórter contextualiza a violência sofrida por João Pedro com uma narrativa visual impactante ("Essa casa nunca mais será a mesma... Imagens exclusivas de marcas que contam uma história de violência e dor." - T3), pautando a percepção pública sobre a violência do evento.

A voz ativa de Livia Casseres, defensora pública, em T6, critica veementemente a desproporcionalidade e ilegalidade da ação policial que resultou na morte de João Pedro ("É absolutamente inadmissível pelas leis brasileiras, pela Constituição brasileira, que para cumprir um mandado de prisão, forças policiais matem um adolescente de 14 anos. Isso é algo absolutamente inadmissível, ilegal, ilícito, desproporcional."). Sua análise questiona a legitimidade da ação e exige uma investigação justa e imparcial, destacando o papel crítico dos especialistas em desafiar as narrativas oficiais.

Em T4 e T5, onde o pai de João Pedro narra a invasão da casa e os momentos finais de seu filho, representam a dor e a impotência dos familiares das vítimas. A voz apassivada do pai destaca a falta de controle e a vulnerabilidade diante da violência estatal ("Invadiram a casa, jogando granada, metralharam a casa toda. E meu filho estava em um cômodo, na copa, se assustou, levantou e tomou um tiro de fuzil. Foi isso que aconteceu." - T4). Em contraste, a voz ativa do repórter contextualiza a situação e direciona a percepção pública sobre a tragédia pessoal e familiar ("Na casa dos tios, João Pedro Matos Pinto passou os últimos momentos de vida. Um jovem feliz, saudável e estudioso." - T5).

Neste sentido, a narrativa do "Domingo Espetacular" sobre o assassinato de João Pedro ilustra a complexa dinâmica entre vozes ativas e passivas na mídia. As vozes das vítimas, embora carregadas de emoção e dor, são geralmente apassivadas, destacando sua vulnerabilidade e falta de agência. Em contraste, as vozes de jornalistas e especialistas são ativas, direcionando a compreensão do público sobre os eventos e questionando criticamente as ações das autoridades.

Quadro 11 — Sujeitos e Categorias: João Pedro, Domingo Espetacular: 24.05.2020

| Sujeito | Impacto Sociocognitivo | Discurso | Voz Ativa/ Apassivada |
|---|--|---|----------------------------------|
| Neilton Costa Pinto (pai de João Pedro) | Representa a dor e a indignação pela perda de um filho, destacando a injustiça e a destruição de sonhos causada pela violência policial. | "Ele acabou com o sonho do meu filho, com os projetos. Ele destruiu a vida de uma família." | Apassivada |

| | | | |
|---|--|--|-------------------|
| <p>Rafaela Santos (mãe de João Pedro)</p> | <p>Expressa o desejo de justiça e a dor irreparável pela perda de um filho, evocando empatia e destacando a busca por responsabilidade.</p> | <p>"Eu só queria justiça, porque meu filho de volta eu não vou ter mais."</p> | <p>Apassivada</p> |
| <p>Sylvestre Serrano (Repórter)</p> | <p>Controla a narrativa e guia a percepção pública, contextualizando e explicando os eventos, exemplificando a ação da mídia em produzir o discurso público.</p> | <p>"O caso de João Pedro é mais um entre milhares que acontecem todos os anos. Ano passado, o Observatório da Segurança contabilizou 1.810 mortes em comunidades durante operações policiais. No estado do Rio de Janeiro, o isolamento social começou no dia 12 de março. Num primeiro momento, as atividades policiais reduziram drasticamente. Mas a partir de abril, a retomada foi forte. Nos últimos dois meses, foram mais de 100 operações que resultaram na morte de 65 pessoas."</p> | <p>Ativa</p> |
| <p>Livia Casseres (defensora pública)</p> | <p>Crítica a desproporcionalidade e suposta ilegalidade da ação policial, defendendo uma investigação justa e imparcial, desafiando a narrativa oficial e expondo falhas sistêmicas nas ações das autoridades.</p> | <p>"É absolutamente inadmissível pelas leis brasileiras, pela Constituição brasileira, que para cumprir um mandado de prisão, Forças policiais matem um adolescente de 14 anos. Isso é algo absolutamente inadmissível, ilegal, ilícito, desproporcional."</p> | <p>Ativa</p> |

| | | | |
|-----------------------------|--|--|-------|
| Allan Duarte (delegado) | Reforça a autoridade e o compromisso das autoridades em resolver o caso, mas também a narrativa oficial que pode desumanizar as vítimas, influenciando a percepção pública sobre a investigação. | "Agora a gente precisa saber, precisa guardar o resultado do exame de confronto balístico para determinar de que arma partiu esse tiro. Se foi de arma de algum policial civil ou se foi, eventualmente, da arma de algum marginal envolvido no confronto. Mas a família acredita que o tiro partiu da arma de um policial." | Ativa |
| Silvia Ramos (socióloga) | Questiona a continuidade das ações violentas da polícia, criticando a falta de mudança e a perpetuação da brutalidade e letalidade nas operações policiais, desafiando a narrativa oficial. | "Por que a polícia não muda? Porque a polícia continuou fazendo exatamente o mesmo tipo de ação, com mais violência, com mais brutalidade e com mais letalidade." | Ativa |

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A intervenção ativa de jornalistas e especialistas influencia a opinião pública, questionando as narrativas dominantes e enfatizando a necessidade de justiça e responsabilidade. Ao revelar as falhas sistêmicas e a desumanização das vítimas, a mídia pode ser fundamental na luta contra a impunidade e na advocacia por reformas nas políticas de segurança pública.

Porém, a matéria do programa pode ser criticada por silenciar e ocultar questões cruciais de racismo e necropolítica ao tratar do caso de João Pedro, um adolescente de 14 anos morto em uma operação policial. Embora a reportagem humanize João Pedro ao descrevê-lo como "feliz, saudável e estudioso", ela não aborda como o racismo estrutural contribui para a violência policial desproporcional em áreas negras e periféricas. A contextualização de um conceito necropolítico, também, não é mencionado, ocultando como o Estado exerce violência seletiva contra populações marginalizadas.

A ênfase na manipulação da cena do crime e no afastamento de agentes específicos evita uma crítica mais ampla das políticas de segurança pública e da cultura institucional de impunidade. Além disso, a maioria das fontes citadas são autoridades policiais ou especialistas

brancos, faltando uma diversidade de vozes que possam oferecer perspectivas críticas sobre racismo e violência policial.

O uso de trilha sonora que remetem à tristeza e imagens nostálgicas evoca empatia, mas desvia do debate sobre as questões estruturais de racismo subjacentes à morte de João Pedro. Por fim, a matéria apresenta uma narrativa ambígua sobre a responsabilidade pelos tiros, perpetuando a confusão e diluindo a urgência de respostas e justiça. Para uma narrativa mais inclusiva e crítica, seria necessário explorar diretamente as raízes estruturais do problema, utilizar uma maior diversidade de vozes especialistas e discutir a necessidade de reformas profundas nas práticas policiais e de segurança pública.

5.1.3 George Floyd

5.1.3.1 Fantástico

O assassinato de George Floyd, homem negro norte-americano de 47 anos, foi um dos casos de racismo e mortalidade causada pela truculência policial com maior visibilidade dos últimos anos. Em 25 de maio de 2020, Floyd foi algemado por três policiais brancos, alegando que ele era parecido com o suspeito que estavam procurando, após receberem a uma chamada de emergência de uma loja de conveniência em Minneapolis, nos Estados Unidos, onde um funcionário relatou que alguém havia tentado usar uma nota falsa de 20 dólares para comprar cigarros. O cidadão não reagiu e foi imobilizado, mesmo assim o então policial Derek Chauvin pressionou o joelho sobre o pescoço de Floyd que estava algemado no chão e a vítima dizia “não consigo respirar”, o que levou ao óbito de Floyd.

Essa situação foi gravada e causou movimentações e protestos tanto em memória de George Floyd como também como denúncia e reivindicação da violência policial contra pessoas negras. O Fantástico construiu sua matéria com a cobertura dos protestos que estavam ocorrendo em Nova York, mas o caso ocorreu em Minneapolis.

Diversas cenas de manifestantes, todos com máscaras, pois estava em plena pandemia, o que também auxiliou na não identificação dos protestantes. Nesse cenário, viaturas da polícia e delegacias foram incendiadas. É perceptível na análise dos frames desses protestos a identificação de um equilíbrio entre pessoas pretas e brancas. Tal característica, reflete duas possíveis perspectivas. A primeira é que o crime furou uma bolha em comparação a outros casos de racismo e, por isso, pessoas brancas se uniram à causa pelo antirracismo. E a segunda análise é de entender que majoritariamente, a maioria deveria ser de pessoas brancas, pois o

crime de racismo está diretamente ligado a um predomínio de uma elite branca na marginalização de corpos negros.

Figura 20 — Frames/fotomontagem da matéria analisada sobre o assassinato de George Floyd: 31.05.2020



Fonte: Globoplay, Fantástico (2024).

Os protestos ocorreram em 75 cidades norte-americanas, detalha a matéria do Fantástico que trouxe outros dados desses ocorridos. O texto da matéria humaniza Floyd trazendo suas características físicas em paralelo ao seu apelido “gigante gentil”. A personificação de Floyd como pai, amigo, bom trabalhador e uma pessoa amável foram construídas ao longo da matéria.

Quadro 12 - Sujeitos e Categorias: George Floyd, Fantástico: 31.05.2020

| Trecho | Sujeito | Categoria/ Tipo de fonte | Discurso | Voz Ativa/ Apassivada |
|--------|-----------------------------|-----------------------------|---|--------------------------|
| T1 | Candice Carvalho (repórter) | Especialista | "Estou em Downtown Brooklyn, aqui em Nova York, acompanhando a movimentação de manifestantes..." | Ativa |
| T2 | Candice Carvalho (repórter) | Especialista | "Eles carregam muitos cartazes lembrando a memória não apenas de George Floyd, mas também de outros cidadãos outros negros que morreram nas mãos de policiais aqui nos Estados Unidos." | Ativa |
| T3 | Ismar Madeira (repórter) | Especialista | "Na madrugada de hoje, os protestos chegaram a 75 cidades, segundo o jornal americano <i>The New York Times</i> . E a agressividade entre manifestantes e policiais aumentou. Quatro pessoas morreram." | Ativa |

| | | | | |
|-----|---|--------------------|---|------------|
| T4 | Steven Jackson | Pessoa vitimada | "Doeu. Doeu ver aquilo. Era um pedido de ajuda." | Apassivada |
| T5 | Ismar Madeira (repórter) | Especialista | "Floyd, com dois metros de altura, jogou futebol americano no ensino médio e o apelido dele era gigante gentil. Em 2007, ele foi acusado de assalto à mão armada e preso." | Ativa |
| T6 | Jacob Frey (Prefeito de Mineápolis) | Especialista | "Não estamos falando de uma decisão errada tomada em um segundo. Havia 300 segundos naqueles cinco minutos. O policial podia ter voltado atrás e tirado o joelho do pescoço de Floyd." | Ativa |
| T7 | Mayla Maison (Ex-treinadora da polícia de Minneapolis) | Especialista | "O pedido repetido de que eu não posso respirar é uma situação em que o policial precisa não apenas prender alguém, mas também cuidar dessa pessoa, não importa se é suspeito ou não." | Ativa |
| T8 | Mayla Maison (Ex-treinadora da polícia de Minneapolis) | Especialista | "Talvez o policial ajoelhado estivesse com visão de túnel... Qualquer outro policial que estava por perto deveria ter tomado a decisão e dizer: 'espera aí um pouco'" | Ativa |
| T9 | Ismar Madeira (repórter) | Especialista | "O primeiro alvo dos protestos foi exatamente a Delegacia de Polícia de Minneapolis. E eles não pararam mais. A região virou um campo de guerra." | Ativa |
| T10 | Glória Brown Marshall (professora) | Especialista | "Tente imaginar um policial em plena luz do dia apoiando o joelho nas costas de um homem branco. Você não pode imaginar. Isso é porque este país está envolvido em crueldade racial há centenas de anos." | Ativa |

| | | | | |
|-----|---------------------------------------|--------------|--|-------|
| T11 | Glória Brown Marshall (professora) | Especialista | "Precisamos ser honestos conosco quando se trata da doença do racismo nesse país e da propaganda que se faz sobre justiça e liberdade para todos." | Ativa |
|-----|---------------------------------------|--------------|--|-------|

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Os policiais de Minneapolis que assassinaram George Floyd estão enquadrados nas matérias como “agentes do crime” e, de forma explícita tendo em vista que as imagens de câmeras de segurança que flagraram a vítima sendo asfixiada foram exibidas em vários momentos durante a matéria.

Já voz ativa de repórteres como Candice Carvalho e Ismar Madeira (T1, T2, T3, T5, T9) é essencial para controlar a narrativa e guiar a percepção pública sobre os eventos, exemplificando a ação da mídia em pautar o discurso público e influenciar a cognição social. Eles contextualizam e explicam a situação dos protestos, a brutalidade policial e as respostas das autoridades, direcionando a compreensão dos eventos

Em contraste, as vozes das pessoas vitimadas, como Steven Jackson (T4), são apassivadas, destacando a dor e o pedido de justiça. O impacto emocional do testemunho de Jackson evoca empatia, mas mantém um papel passivo na narrativa atual.

A voz ativa dos especialistas, como o prefeito de Mineápolis, Jacob Frey (T6), Mayla Maison (T7, T8) e a professora Glória Brown Marshall (T10, T11), fornece contexto crítico e analítico, questionando a legitimidade das ações policiais e expondo os problemas sistêmicos. Eles desafiam a narrativa oficial dada pelo Estado e destacam a necessidade de mudanças nas políticas de segurança pública e no combate ao racismo estrutural e à necropolítica. Se faz relevante também destacar a primeira menção da palavra “racismo” nas matérias analisadas até então em nosso trabalho.

A análise de várias matérias em que a palavra "racismo" aparece pela primeira vez mencionada por uma fonte não oficial e não pelo repórter sugere uma relutância dos veículos de comunicação em reconhecer e abordar explicitamente o racismo como um fator central nos eventos reportados. Isso indica uma descentralização do debate sobre racismo, com a narrativa principal controlada por vozes que evitam o tema, enquanto o reconhecimento da questão racial surge de fontes marginalizadas.

Esse silenciamento e ocultação sistemática podem perpetuar a invisibilidade das questões raciais e impedir uma compreensão satisfatória dos eventos. Além disso, a ausência

de menção ao racismo por fontes oficiais e repórteres pode afetar a percepção de credibilidade e legitimidade dessa questão, fazendo com que o racismo seja visto como menos central ou importante.

Segundo Van Dijk (2008), essa escolha de discurso pode reforçar as estruturas de poder existentes e evitar discussões que desafiem as forças dominantes. Portanto, é crucial que o racismo seja reconhecido e abordado explicitamente desde o início, tanto por fontes oficiais quanto pelos repórteres, para uma cobertura mais completa e justa. E, assim, corroborando para a quebra de um sistema de discursos protocolares e sem a devida potência necessária para o enfrentamento do racismo e posicionamento acerca de uma linha editorial antirracista.

Quadro 13 – Sujeitos e Categorias: George Floyd, Fantástico: 31.05.2020

| Sujeito | Impacto Sociocognitivo | Discurso | Voz Ativa/ Apassivada |
|---------------------------------|---|---|----------------------------------|
| Repórter Candice Carvalho | Destaca a memória de George Floyd e outros cidadãos negros, reforçando a injustiça racial e a violência policial nos EUA. | "Eles carregam muitos cartazes lembrando a memória não apenas de George Floyd, mas também de outros cidadãos outros negros que morreram nas mãos de policiais aqui nos Estados Unidos." | Ativa |
| Ismar Madeira (repórter) | Contextualiza o alcance e a gravidade dos protestos, informando sobre a escala nacional e o aumento da agressividade. | "Na madrugada de hoje, os protestos chegaram a 75 cidades, segundo o jornal americano The New York Times. E a agressividade entre manifestantes e policiais aumentou. Quatro pessoas morreram." | Ativa |
| Steven Jackson (amigo de Floyd) | Evoca empatia e indignação, destacando a dor pessoal pela perda de George Floyd. | "Doeu. Doe u ver aquilo. Era um pedido de ajuda." | Apassivada |

| | | | |
|---|---|--|-------|
| Jacob Frey (Prefeito de Mineápolis) | Crítica a ação policial, destacando a falta de justificativa para a brutalidade, influenciando a percepção pública sobre a responsabilidade policial. | "Não estamos falando de uma decisão errada tomada em um segundo. Havia 300 segundos naqueles cinco minutos. O policial podia ter voltado atrás e tirado o joelho do pescoço de Floyd." | Ativa |
| Mayla Maison (Ex-treinadora da polícia de Minneapolis) | Destaca a falta de ação dos policiais presentes, questionando a competência e o treinamento policial. | "Talvez o policial ajoelhado estivesse com visão de túnel... Qualquer outro policial que estava por perto deveria ter tomado a decisão e dizer: 'espera aí um pouco'" | Ativa |
| Glória Brown Marshall (professora) | Crítica a impunidade policial e a necessidade de reconhecer e combater o racismo estrutural. | "Precisamos ser honestos conosco quando se trata da doença do racismo nesse país e da propaganda que se faz sobre justiça e liberdade para todos." | Ativa |

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

As vozes de repórteres como Candice Carvalho e Ismar Madeira (T1, T2, T3, T5, T9) são ativas e desempenham um papel crucial no controle da narrativa, pautando a percepção pública sobre os protestos, a vida de George Floyd e a reação das autoridades. Eles contextualizam e explicam a situação, destacando a brutalidade policial e as respostas das autoridades, influenciando a compreensão dos eventos.

Em contraste, a voz de Steven Jackson (T4), um amigo de Floyd, é apassivada, expressando a dor pessoal e a indignação pela perda de George Floyd, evocando empatia, mas sem capacidade de confrontar diretamente a narrativa oficial. O impacto emocional do testemunho de Jackson destaca a dimensão humana da tragédia, mas mantém um papel passivo na narrativa atual.

A voz ativa de especialistas como Jacob Frey, Mayla Maison e Glória Brown Marshall (T6, T7, T8, T10, T11) fornece uma análise crítica e contextual, questionando a legitimidade das ações policiais e expondo questões sistêmicas. Eles desafiam a narrativa oficial e destacam

a necessidade de mudanças nas políticas de segurança pública e no enfrentamento ao racismo estrutural e à necropolítica.

Por fim, a cobertura também reconhece a retomada do movimento *Black Lives Matter*, destacando sua relevância contínua. Além disso, a inclusão de diversas fontes negras, apesar do repórter e de uma das fontes ser uma pessoa branca. Assim, embora existam silenciamento e ocultação, a matéria contribui para a conscientização pública e a demanda por justiça racial dentro de uma perspectiva mínima em comparação às demais matérias analisadas. Faz-se necessário também pontuar que nenhum dos repórteres ou apresentadores do programa são pessoas negras, que pode ser interpretado como um reflexo das estruturas raciais que ainda permeiam a sociedade brasileira e, por extensão, suas instituições de mídia, que também é consequência da dificuldade de acesso de pessoas pretas em universidades de comunicação para uma possível ascensão dentro da carreira do jornalismo. Contudo, isso não justifica o programa não contratar pessoas negras para o seu corpo de profissionais.

5.1.3.1 Domingo Espetacular

As informações da matéria do Domingo Espetacular foram semelhantes às informações trazidas pelo Fantástico, inclusive, o mesmo tempo foi dado a ambas as matérias, 9 minutos. O uso dos termos “homem negro” para se referir à vítima e “zona de guerra” para se referir às manifestações nas cidades dos EUA frente ao caso de George Floyd também foram usados em ambas as matérias.

O enfoque na brutalidade do crime e as ondas de manifestações são o foco das duas matérias. A diferença mais específica na construção das matérias foram os sujeitos. O Fantástico priorizou alguns manifestantes, vozes oficiais e exemplos de outros dois casos, - o assassinato de Eric Garner, homem negro asfixiado por um policial em Nova York e, Trayvon Martin, um adolescente negro de 17 anos morto a tiros por um vigia noturno em 2012 na Flórida, de onde surgiu o movimento *Black Lives Matters* - enquanto o Domingo Espetacular trouxe vozes dos familiares e mais especialistas, como João Vicente Tavares, especialistas em segurança pública, e Dagoberto Fonseca, cientista social.

Apresentada a descrição geral do evento discursivo, aplicamos as categorias propostas neste estudo aos sujeitos utilizados como fontes para compor essa matéria. Veja abaixo (quadro 14):

| Trecho | Sujeito | Categoria/ Tipo de fonte | Discurso | Voz Ativa/ Apassivada |
|---------------|-----------------------------------|-------------------------------------|--|----------------------------------|
| T1 | Eduardo Ribeiro (apresentador) | Especialista | "Bom, você deve estar acompanhando também as notícias sobre a morte de um homem negro numa abordagem condenável da polícia com uso excessivo da força esta semana..." | Ativa |
| T2 | Eduardo Ribeiro (apresentador) | Especialista | "Neste sábado, uma viatura acelerou em direção aos manifestantes. E em Washington, manifestantes voltaram a cercar a Casa Branca neste domingo." | Ativa |
| T3 | Evelyn Bastos (repórter) | Especialista | "Durante 10 minutos, George Floyd pediu socorro. O policial, ajoelhado sobre o pescoço do suspeito, debochava... As pessoas em volta se desesperaram, avisaram que o policial iria matar o homem." | Ativa |
| T4 | Evelyn Bastos (repórter) | Especialista | "O governador de Minnesota decretou o estado de emergência e pediu ajuda à Guarda Nacional. George virou alvo quando um funcionário desta loja telefonou para a polícia, dizendo que um homem teria usado uma nota falsa de 20 dólares para comprar cigarros." | Ativa |
| T5 | Donald Williams (testemunha) | Pessoa vitimada | "Ele se emociona ao lembrar que o policial continuou ajoelhado no pescoço de George, mesmo depois que ele já tinha desmaiado." | Apassivada |
| T6 | Evelyn Bastos (repórter) | Especialista | "Ele foi colocado rapidamente na ambulância, mas não existiu. George Floyd era atleta, foi jogador de futebol | Ativa |

| | | | | |
|-----|---|--------------|--|-------|
| | | | americano e de basquete na terra natal, o Texas." | |
| T7 | Evelyn Bastos (repórter) | Especialista | "Hoje existem pelo menos quatro investigações diferentes em andamento sobre as circunstâncias da morte de George Floyd, incluindo uma do Departamento de Justiça e outra do FBI." | Ativa |
| T8 | Evelyn Bastos (repórter) | Especialista | "Na sexta-feira, o policial que ajoelhou sobre o pescoço de George foi preso. Derek Chauvin, de 44 anos, é um veterano de guerra que estava na polícia de Minneapolis desde 2001." | Ativa |
| T9 | José Vicente Tavares (especialista em segurança pública) | Especialista | "Os policiais que estavam ao lado não tiraram ele daquela condição. Eles assumiram, portanto, uma coautoria que ele devia ter impedido." | Ativa |
| T10 | Dagoberto Fonseca (cientista social) | Especialista | "Quando o branco é abordado, ele fica em pé, ele simplesmente levanta as mãos e coloca as mãos nas costas. O negro não adianta fazer isso, ele será jogado ao chão." | Ativa |
| T11 | Dagoberto Fonseca (cientista social) | Especialista | "Para ele, a morte de George Floyd fez ressurgir a voz dos guetos. É um crime contra todos aqueles que representam fundamentalmente o fenótipo e o biotipo do Floyd." | Ativa |

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Assim como na matéria do programa Fantástico, os policiais de Minneapolis que assassinaram George Floyd foram enquadrados na matéria do “Domingo Espetacular” como

“agentes do crime”, entretanto, percebemos que com um discurso menos intenso, que são exemplificadas com adjetivos como “crime condenável” e “uso excessivo de força”.

Seguindo a análise, as vozes de apresentadores e repórteres como Eduardo Ribeiro e Evelyn Bastos (T1, T2, T3, T4, T6, T7, T8) são predominantes e exercem um papel essencial na construção da narrativa, moldando a percepção pública sobre os eventos, a vida de George Floyd e a reação das autoridades. Eles fornecem contexto e explicações sobre a situação, enfatizando a brutalidade policial e as respostas das autoridades, influenciando assim a compreensão do público sobre os acontecimentos.

Já a voz de Donald Williams (T5), uma testemunha, é apassivada, expressando a dor pessoal e a indignação pela brutalidade policial, evocando empatia. O impacto emocional do testemunho de Williams destaca a dimensão humana da tragédia, mas mantém um papel passivo na narrativa atual. A voz ativa de especialistas como José Vicente Tavares e Dagoberto Fonseca (T9, T10, T11), revela como o discurso pode desafiar as relações de poder, expondo a desigualdade racial nas práticas policiais.

Quadro 15 – Sujeitos e Categorias: George Floyd, Domingo Espetacular: 31.05.2020

| Sujeito | Impacto Sociocognitivo | Discurso | Voz Ativa/ Apassivada |
|-----------------------------------|---|--|----------------------------------|
| Eduardo Ribeiro (apresentador) | Resume-se a um impacto meramente descritivo sobre o assassinato de Floyd. Apesar de mencionar o uso excessivo da polícia, deixa de mencionar o caso como um ato de racismo. | "Bom, você deve estar acompanhando também as notícias sobre a morte de um homem negro numa abordagem condenável da polícia com uso excessivo da força esta semana... Neste sábado, uma viatura acelerou em direção aos manifestantes. E em Washington, manifestantes voltaram a cercar a Casa Branca neste domingo." | Ativa |

| | | | |
|---|---|--|------------|
| Evelyn Bastos (repórter) | Controla a narrativa e guia a percepção pública sobre os eventos, destacando a brutalidade policial e o impacto das ações. | "Durante 10 minutos, George Floyd pediu socorro. O policial, ajoelhado sobre o pescoço do suspeito, debochava... As pessoas em volta se desesperaram, avisaram que o policial iria matar o homem. O governador de Minnesota decretou o estado de emergência e pediu ajuda à Guarda Nacional." | Ativa |
| Donald Williams (testemunha) | Evoca empatia e indignação, destacando a brutalidade policial e a impotência das testemunhas. | "Ele se emociona ao lembrar que o policial continuou ajoelhado no pescoço de George, mesmo depois que ele já tinha desmaiado." | Apassivada |
| José Vicente Tavares (especialista em segurança pública) | Fornecer análise crítica sobre a conduta policial, expondo as falhas sistêmicas e a necessidade de responsabilização. | "Os policiais que estavam ao lado não tiraram ele daquela condição. Eles assumiram, portanto, uma coautoria que ele devia ter impedido." | Ativa |
| Dagoberto Fonseca (cientista social) | Crítica o racismo estrutural (de forma indireta) e a brutalidade policial, destacando a continuidade das ações violentas contra negros nos EUA. | "Quando o branco é abordado, ele fica em pé, ele simplesmente levanta as mãos e coloca as mãos nas costas. O negro não adianta fazer isso, ele será jogado ao chão. Para ele, a morte de George Floyd fez ressurgir a voz dos guetos. É um crime contra todos aqueles que representam fundamentalmente o fenótipo e o biotipo do Floyd." | Ativa |

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Identificamos em nossa análise, que as vozes dos apresentadores e repórteres, como Eduardo Ribeiro e Evelyn Bastos (T1, T2, T3, T4), são ativas e desempenham um papel crucial no controle da narrativa, moldando a percepção pública sobre os eventos, a vida de George Floyd e a reação das autoridades. Eles contextualizam e explicam a situação, destacando a

brutalidade policial e as respostas das autoridades, influenciando a compreensão dos eventos. Entretanto, há críticas a fazer sobre o encaminhamento dado aos jornalistas como representantes da Record TV, por deixarem de mencionar o caso como um ato de racismo, diferente da forma que foi tratado pela TV Globo.

A voz de Donald Williams (T5), uma testemunha, é apassivada, expressando a dor pessoal e a indignação pela brutalidade policial, evocando empatia, mas sem a capacidade de influenciar diretamente a narrativa oficial. O impacto emocional do testemunho de Williams destaca a dimensão humana da tragédia, mas mantém um papel passivo na narrativa atual.

Coberturas jornalísticas como essa, que enfoca apenas a violência dos protestos, e não aprofunda as causas estruturais do racismo, contribui para a perpetuação da ignorância branca, de acordo com Cida Bento (2022). A presença de vozes brancas nas análises de tais eventos, sem a inclusão de perspectivas negras, marginaliza ainda mais as experiências e conhecimentos das comunidades negras, ocultando a necessidade de reformas profundas nas práticas policiais e na sociedade em geral.

Destarte, as críticas ao silenciamento e ocultação de questões de racismo e necropolítica na cobertura midiática podem ser entendidas como manifestações do pacto da branquitude, que visa manter a supremacia branca ao não confrontar diretamente as injustiças e violências estruturais enfrentadas pelas populações negras.

5.4 João Alberto

5.4.1 Fantástico

A matéria do caso João Alberto Silveira Freitas trouxe como foco a cronologia do assassinato, da chegada da vítima ao supermercado Carrefour (local do assassinato, Porto Alegre) com sua esposa até o ocorrido. O caso repercutiu no Brasil pelas cenas de brutalidade de um homem negro de 40 anos ser espancado violentamente por seguranças brancos em um supermercado na noite de 19 de novembro de 2020, às vésperas do Dia Nacional da Consciência Negra, momento de conscientização e luta contra o racismo que oprime e inferioriza as pessoas negras no Brasil.

A narrativa da matéria do Fantástico apresenta João Alberto como o “Beto” e o “cidadão negro”, criando uma relação de intimidade e humanização. Por sua vez, os agentes da morte de “Beto” são enunciados como “seguranças brancos”. Podemos apontar para uma

demarcação da identidade racial dos sujeitos na construção textual da matéria articulada de forma proposital. Os assassinos foram presos em flagrante por crime triplamente qualificado (motivo torpe, meio cruel e recurso que dificultou a defesa da vítima), como detalha a matéria.

Na matéria não são expostas muitas declarações e toda a narrativa se concentra nas gravações do circuito interno de segurança da unidade do Carrefour. A leitura do depoimento da esposa da vítima foi inserida na matéria, mas ela não foi entrevistada. Apenas um entregador que estava trabalhando no local que presenciou e gravou o espancamento de João Alberto de perto concedeu uma entrevista em anonimato para o Fantástico.

Quadro 16 – Sujeitos e categorias: João Alberto, Fantástico: 22.11.2020

| Trecho | Sujeito | Categoria/ Tipo de fonte | Discurso | Voz Ativa/ Apassivada |
|---------------|----------------------------|-------------------------------------|---|----------------------------------|
| T1 | Jonas Campos (repórter) | Especialista | "O supermercado não abriu pelo terceiro dia consecutivo, nas paredes e nas grades, pichações e cartazes. Um deles mostra a foto do cliente que entrou ali, acompanhado da mulher, para o que deveria ser um dia normal de compras. E saiu morto." | Ativa |
| T2 | Jonas Campos (repórter) | Especialista | "Na quinta-feira ele foi espancado até a morte pelos seguranças Magno Brás Borges e Giovanni Gaspar da Silva. Toda a movimentação foi registrada pelo circuito interno de segurança do supermercado." | Ativa |
| T3 | Testemunha (entregador) | Pessoa vitimada | "Eu já estava subindo na minha moto quando vi esse rapaz tentando se desvencilhar dos seguranças. A esposa do senhor que foi agredido, ela pedia 'gente, solta ele, deixa ele respirar'." | Apassivada |

| | | | | |
|----|--------------------------------------|-----------------|---|------------|
| T4 | Jonas Campos (repórter) | Especialista | "Vocês viram as imagens? Espancaram ele, espancaram. Tentaram conter, não tentaram conter. Eu questionei no meu vídeo ainda, disse, gente, vocês não estão contendo, vocês estão batendo." | Ativa |
| T5 | Jonas Campos (repórter) | Especialista | "Num vídeo com imagens fortes divulgado hoje pela Gaúcha ZH, João Alberto está no chão, imobilizado pelos seguranças." | Ativa |
| T6 | Roberta Bertoldo (delegada) | Especialista | "Este fato foi de menor importância e jamais deveria ter uma resposta de tamanha violência que chegasse ao ponto de então causar a morte da vítima." | Ativa |
| T7 | David Leal (Advogado de Giovanni) | Especialista | "De forma alguma a conduta do meu cliente teve qualquer motivação racista, isso jamais. Segundo ponto é que não houve de forma alguma qualquer pretensão, qualquer intenção, qualquer motivação dolosa em relação ao crime de homicídio." | Ativa |
| T8 | Testemunha (entregador) | Pessoa vitimada | "O pessoal me questionou nas redes sociais. O cara que filmou não se meteu, não fez nada. Eu não tinha como fazer qualquer coisa com o estado que aqueles dois estavam ali. Se eu fosse ali, eu ia apanhar ou sabe, sei lá o quê." | Apassivada |
| T9 | Jonas Campos (repórter) | Especialista | "A defesa de Magno Brás Borges não quis se manifestar. Os investigadores seguem ouvindo várias testemunhas e analisando imagens de câmeras de segurança." | Ativa |

| | | | | |
|-----|--------------------------|-----------------|---|------------|
| T10 | Nadine Anflor (delegada) | Especialista | "As duas pessoas investigadas, que já foram inclusive ouvidas aqui pela delegacia, que são uma senhora que aparece de branco tentando evitar as imagens e também um outro senhor que são funcionários do próprio estabelecimento, que em algum momento aparece também imobilizando a vítima." | Ativa |
| T11 | Testemunha (entregador) | Pessoa vitimada | "Ele não foi contigo, ele foi assassinado. Eu vi uma pessoa sendo brutalmente assassinada." | Apassivada |

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Antes de adentrarmos às análises dos trechos acima, faz-se necessário identificar o enquadramento dados aos seguranças e uma funcionária do Carrefour: Giovani Gaspar da Silva, Magno Braga Borges e Adriana Alves Dutra, respectivamente; como “agentes do crime”, em uma perspectiva corroborada pelas imagens de câmera de segurança, além do relato de um entregador que estava no momento, e se dispôs a ser testemunha a favor de João Alberto e sua esposa, Milena Borges.

Nesse sentido, a narrativa do "Fantástico" sobre a morte de João Alberto expõe a brutalidade policial e questões sistêmicas de segurança em estabelecimentos comerciais. A análise dos trechos citados no quadro contextualiza as máximas de sujeito, impacto sociocognitivo (Van Dijk), detalhes, voz ativa/apassivada, além de racismo e necropolítica.

Os repórteres (T1, T2, T4, T5, T9) desempenham um papel importante na contextualização e explicação dos eventos, moldando a percepção pública sobre o caso. Suas vozes ativas destacam a brutalidade do espancamento e as reações subsequentes das autoridades e testemunhas.

As vozes de testemunhas como o entregador (T3, T8, T11) são apassivadas, expressando dor, indignação e medo, evocando empatia e destacando a impotência diante da violência. Esses testemunhos humanizam a tragédia e expõem a desumanização das vítimas por parte do Estado. Ao humanizar as vítimas, essas falas apelam à identificação e empatia do público, moldando a opinião pública. Isso pode pressionar as autoridades e a mídia a reconhecerem e abordarem as injustiças sistêmicas de maneira mais completa, influenciando a percepção coletiva e, eventualmente, a resposta institucional aos casos de violência policial e racismo.

As declarações de autoridades como as delegadas Roberta Bertoldo e Nadine Anflor (T6, T10) são ativas, fornecendo análises críticas e destacando a desproporcionalidade da reação dos seguranças e a necessidade de uma investigação adequada. A possibilidade de um crime de racismo é ventilada por David Leal (T7), advogado do suspeito, que afirma não ter sido um assassinato motivado por uma prática racista.

De acordo com Carneiro (2023), a negação da motivação racista em crimes contra pessoas negras é uma manifestação do que a autora define como "dispositivo de racialidade". Esse dispositivo se refere a um conjunto de práticas e discursos que perpetuam a exclusão e desumanização de indivíduos negros, tanto no âmbito simbólico quanto material.

Carneiro (2023) argumenta que a estruturação da racialidade no Brasil está intrinsecamente ligada à manutenção do poder e controle social, onde a negação do racismo opera como uma forma de invisibilização e perpetuação das desigualdades raciais. A afirmação do advogado David Leal, ao negar a prática racista no assassinato, exemplifica uma estratégia comum de minimizar a dimensão racial de atos violentos contra pessoas negras, inserindo o crime em uma narrativa que evita a responsabilidade racial e dilui a crítica ao racismo institucionalizado.

Segundo Carneiro (2023), tais práticas discursivas servem para reforçar o contrato racial que sustenta a supremacia branca, legitimando a violência racial como uma exceção ou um mal-entendido, ao invés de reconhecer a sua sistematicidade e impacto na vida das pessoas negras. Esse fenômeno é um reflexo do que Carneiro descreve como um projeto de nação que se constrói pela marginalização e subjugação contínua das populações negras.

Portanto, a fala de David Leal pode ser interpretada como um mecanismo que evita enfrentar as profundas raízes racistas que permeiam a sociedade brasileira. Essa abordagem contribui para a manutenção de forças dominantes e para a perpetuação do dispositivo de racialidade, ao não reconhecer a violência racista como parte de um sistema mais amplo de opressão e exclusão social.

Quadro 17 – Sujeitos e categorias: João Alberto, Fantástico: 22.11.2020

| Sujeito | Impacto Sociocognitivo | Discurso | Voz Ativa/ Apassivada |
|---------|------------------------|----------|--------------------------|
| | | | |

| | | | |
|--------------------------------------|--|--|------------|
| Jonas Campos (repórter) | Controla a narrativa, guiando a percepção pública sobre os eventos e as consequências do crime. | "O supermercado não abriu pelo terceiro dia consecutivo, nas paredes e nas grades, pichações e cartazes. Um deles mostra a foto do cliente que entrou ali acompanhado da mulher para o que deveria ser um dia normal de compras. E saiu morto." | Ativa |
| Testemunha (entregador) | Evoca empatia e indignação, destacando a brutalidade policial e a impotência das testemunhas. | "Eu já estava subindo na minha moto quando vi esse rapaz tentando se desvencilhar dos seguranças. A esposa do senhor que foi agredido, ela pedia 'gente, solta ele, deixa ele respirar'." | Apassivada |
| Roberta Bertoldo (delegada) | Fornece análise crítica sobre a conduta dos seguranças, expondo a desproporcionalidade da reação. | "Este fato foi de menor importância e jamais deveria ter uma resposta de tamanha violência que chegasse ao ponto de então causar a morte da vítima." | Ativa |
| David Leal (advogado de Giovanni) | Nega a motivação racista do crime e a intenção de matar, fornecendo a defesa do acusado. | "De forma alguma a conduta do meu cliente teve qualquer motivação racista, isso jamais. Segundo ponto é que não houve de forma alguma qualquer pretensão, qualquer intenção, qualquer motivação dolosa em relação ao crime de homicídio." | Ativa |
| Nadine Anflor (delegada) | Destaca a necessidade de investigação adequada, questionando a versão dos funcionários e expondo falhas. | "As duas pessoas investigadas, que já foram inclusive ouvidas aqui pela delegacia, que são uma senhora que aparece de branco tentando evitar as imagens e também um outro senhor, que são funcionários do próprio estabelecimento, que em algum momento aparece também imobilizando a vítima." | Ativa |

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Almeida (2019) define racismo estrutural como um sistema de discriminação e desvantagem que é integrado nas instituições sociais e nas práticas cotidianas, de maneira que perpetua a desigualdade racial. No caso de João Alberto, a violência extrema e o tratamento desumano que ele sofreu são manifestações diretas desse racismo estrutural.

A cobertura do Fantástico pode ser criticada por não abordar explicitamente como o racismo estrutural permitiu que os seguranças agissem com tamanha violência e impunidade. Em vez de apenas relatar os fatos, a cobertura deveria ter explorado como as instituições, incluindo as forças de segurança e o sistema judicial, frequentemente falham em proteger vidas negras e perpetuam a violência contra elas.

Como aponta o quadro acima, a matéria se restringe a uma cobertura descritiva. Ao não contextualizar o assassinato como parte de uma política mais ampla de controle e eliminação de corpos negros, a partir da necropolítica, a cobertura perde a oportunidade de evidenciar como o Estado e suas instituições contribuem para o genocídio da população negra.

5.1.4.1 Domingo Espetacular

Não diferente do programa do Fantástico, o programa Domingo Espetacular inicia a matéria trazendo as informações do ocorrido e destacando a brutalidade do acontecimento que foi gravado. Porém, na construção textual da matéria, o marcador raça fica mais em evidência no uso constante do termo “homem negro”. Diferente da matéria da Globo, a da Record entrevistou a companheira de João Alberto e o pai da vítima.

Em entrevista, a companheira da vítima compartilhou que ela e João Alberto viviam juntos há 9 anos e iriam se casar no mês seguinte. Já o pai da vítima disse que ele e o filho estavam planejando abrir um negócio juntos. É interessante perceber que matéria traz os vínculos familiares na narrativa do acontecimento como quebras, tanto num sentido emotivo como também pondo em jogo a centralidade de valores familiares.

Não há como afirmar se era o mesmo entregador, mas possivelmente o entregador que estava anônimo na matéria do Fantástico, na matéria do Domingo Espetacular apareceu com a identidade exposta e concedeu entrevista narrando a brutalidade do ocorrido. Em toda matéria são utilizados recursos sonoros em tons dramáticos.

Na narrativa dessa matéria ainda foram abordados os protestos que ocorreram no Brasil. Dentre eles, a imagem de uma dessas manifestações realizada por ativistas na Avenida

Paulista da Grande São Paulo, que pintaram “#VIDASPRETASIMPORTAM”. Além disso, na matéria foram expostas manifestações de famosos sobre o ocorrido e criticando mais um caso de racismo no Brasil. O caso de João Henrique foi mencionado e relacionado ao de João Alberto na narrativa da matéria direcionando para a violência e racismo.

Figura 21 - Matéria do Domingo Espetacular na Record TV sobre o caso João Alberto



Fonte: Facebook, por Domingo Espetacular²⁵.

Sobre o racismo, o pai de João Alberto externou ser triste perder o filho, ainda mais sabendo que se tratou de racismo, ele foi o único a externar de forma direta uma relação do caso com o racismo ao dizer “racismo não leva a nada”. A matéria se encerra com imagens do sepultamento com o seguinte enunciado: “para seu João Batista o Dia da Consciência Negra será marcado por uma profunda tristeza de se despedir do seu filho. Mais um homem negro vítima da violência e do racismo no país.”

Apresentada a descrição geral do evento discursivo, aplicamos as categorias aos sujeitos utilizados como fontes para compor essa matéria. Veja abaixo (quadro 18):

Quadro 18 – Sujeitos e categorias: João Alberto, Domingo Espetacular: 22.11.2020

| Trecho | Sujeito | Categoria/ Tipo de fonte | Discurso | Voz Ativa/ Apassivada |
|--------|----------------------------|-----------------------------|---|--------------------------|
| T1 | Paloma Poeta (repórter) | Especialista | Gritos de desespero. Cenas de violência e covardia. | Ativa |

²⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=151198123401030>. Acesso em: 14 ago. 2023.

| | | | | |
|----|--|--------------------|---|------------|
| T2 | Milena (Esposa de João Alberto) | Pessoa Vitimada | Foi uma brutalidade o que fizeram com ele. | Apassivada |
| T3 | Paloma Poeta (repórter) | Especialista | João Alberto Silveira Freitas, de 40 anos, foi espancado até a morte dentro de um hipermercado em Porto Alegre. Na véspera do Dia da Consciência Negra, mais um homem negro perde a vida num episódio de brutalidade. | Ativa |
| T4 | Paulo Paquetá (Testemunha) | Testemunha | Vocês também não podem. Tentando não. Olha o jeito que ele tá. Não, não, não, não. | Apassivada |
| T5 | Paulo Paquetá (Testemunha) | Testemunha | Fizeram um cordão de isolamento pra ninguém chegar perto. Ele poderia ter feito qualquer ofensa, mas não justifica a monstruosidade que fizeram contra o rapaz. | Apassivada |
| T6 | Milena (Esposa de João Alberto) | Pessoa Vitimada | Milena me ajuda. Fiquei um pouco em choque na hora. | Apassivada |
| T7 | Pai de João Alberto (João Batista Rodrigues) | Pessoa Vitimada | A dor da morte sempre é muito castigante. E se realmente é racismo mesmo, dói ainda muito mais. Porque eu já estou com 65 anos e jamais imaginei que ia enterrar meu filho antes de mim. | Apassivada |

| | | | | |
|-----|--|-----------------|---|------------|
| T8 | Roberta Bertoldo (delegada) | Especialista | Nós estamos tratando aqui de homicídio doloso, um crime contra a vida, seja no aspecto de ação ou omissão. Todas essas condutas serão avaliadas pela polícia civil. Podemos ter inúmeras pessoas indiciadas pela prática desse crime. | Ativa |
| T9 | João Batista Rodrigues (Pai de João Alberto) | Pessoa Vitimada | A vida precisa ser respeitada, de qualquer forma. E quanto ao racismo, diferenças pessoais, não nos leva a nada. | Apassivada |
| T10 | Milena (Esposa de João Alberto) | Pessoa Vitimada | Quero justiça, só isso. | Apassivada |

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Apontamos primeiramente o enquadramento da matéria aos agentes do crime como Giovani Gaspar (segurança), Magno Braga (segurança) e o supermercado Carrefour, local onde o assassinato de João Alberto ocorreu. Dito isso no contexto do quadro, a cobertura jornalística revela como a vida de João Alberto, um homem negro, foi tratada como descartável. As descrições da repórter Paloma Poeta (T1 e T3) destacam a brutalidade e a covardia da violência, mas a narrativa geral não questiona profundamente as estruturas que permitem tal desvalorização da vida negra. A delegada Roberta Bertoldo (T8) aborda o crime como homicídio doloso, mas não há uma menção explícita à dimensão racial da violência, o que poderia fortalecer a crítica à necropolítica.

O racismo estrutural é evidenciado nas falas dos sujeitos vitimados, como Milena (T2, T6, T10) e João Batista Rodrigues (T7, T9), que expressam dor e sofrimento, mas cujas vozes são predominantemente apassivadas. Isso reflete uma marginalização das vítimas negras e uma subestimação de suas experiências. A fala de João Batista Rodrigues menciona a possibilidade de racismo (T7), mas é tratada de forma apassivada, o que pode diminuir a força do discurso na narrativa pública. A representação da violência contra João Alberto sem um enquadramento mais profundo sobre racismo estrutural sugere uma lacuna significativa na cobertura.

Van Dijk (2008) enfatiza como os discursos midiáticos moldam e são moldados por estruturas de poder. No quadro, as vozes ativas são principalmente de especialistas, como a repórter Paloma Poeta (T1, T3) e a delegada Roberta Bertoldo (T8), que controlam a narrativa e influenciam a percepção pública. As vozes das testemunhas e dos familiares, embora presentes, são frequentemente apassivadas, refletindo uma posição de menor poder e influência. Van Dijk aponta que essa diferença de poder discursivo perpetua as desigualdades sociais e raciais.

Quadro 19 – Sujeitos e categorias: João Alberto, Domingo Espetacular: 22.11.2020

| Sujeito | Impacto Sociocognitivo | Discurso | Voz Ativa/ Apassivada |
|--|---|---|----------------------------------|
| Milena (Esposa de João Alberto) | Sua declaração reforça a percepção de injustiça e dor, evocando empatia e indignação no público. | Foi uma brutalidade que fizeram com ele. | Apassivada |
| Paloma Poeta (repórter) | A narrativa conduzida pela repórter pauta a compreensão do público sobre o incidente como um ato de brutalidade racial. | João Alberto Silveira Freitas, de 40 anos, foi espancado até a morte dentro de um hipermercado em Porto Alegre. Na véspera do Dia da Consciência Negra, mais um homem negro perde a vida num episódio de brutalidade. | Ativa |
| Testemunha (Paulo Paquetá, motoboy) | O relato da testemunha sublinha a falta de humanidade dos agressores e a impotência das testemunhas. | Fizeram um cordão de isolamento pra ninguém chegar perto. Ele poderia ter feito qualquer ofensa, mas não justifica a monstruosidade que fizeram contra o rapaz. | Ativa |

| | | | |
|------------------------------------|--|---|------------|
| Roberta Bertoldo (delegada) | A fala da delegada afirma a seriedade do crime e a responsabilidade dos envolvidos, reforçando a confiança na justiça. | Nós estamos tratando aqui de homicídio doloso, um crime contra a vida, seja no aspecto de ação ou omissão. Todas essas condutas serão avaliadas pela Polícia Civil. Podemos ter inúmeras pessoas indiciadas pela prática desse crime. | Ativa |
| Pai de João Alberto (João Batista) | Reafirma a importância do respeito à vida e critica o racismo, sublinhando a necessidade de mudanças sociais. | A vida precisa ser respeitada de qualquer forma. E quanto ao racismo, diferenças pessoais não nos levam a nada. | Apassivada |
| Advogado de Giovanni (David Leal) | A tentativa de defesa minimiza a gravidade do ato, podendo ser vista como insensível à realidade do racismo. | O advogado de Giovanni nega que o crime foi motivado por racismo. De forma alguma a conduta do meu cliente teve qualquer motivação racista, isso jamais. | Ativa |

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A análise dos discursos dos sujeitos envolvidos no caso de João Alberto revela dinâmicas de poder, racismo e necropolítica. A maioria dos sujeitos, como a esposa e o pai de João Alberto, têm vozes apassivadas, refletindo dor e impotência. Suas declarações evocam empatia, mas também destacam a vulnerabilidade diante da violência. Em contraste, figuras como a repórter Paloma Poeta e a delegada Roberta Bertoldo têm vozes ativas, pautando a narrativa e a percepção pública. A delegada e o advogado têm vozes ativas, destacando a seriedade do incidente e a responsabilidade dos envolvidos, mas também minimizando o aspecto racial do crime.

O caso de João Alberto ilustra como o racismo sistêmico se manifesta de maneira brutal e cotidiana. A narrativa da reportagem e os depoimentos destacam a desumanização da vítima e a banalização da violência contra corpos negros, exemplificando a necropolítica, onde

a morte de indivíduos de grupos marginalizados é normalizada e institucionalmente permitida. A violência é integrada e justificada em contextos sociais e econômicos, refletindo a perpetuação do racismo estrutural.

Os discursos da esposa e do pai de João Alberto enfatizam a dimensão emocional da tragédia, humanizando a vítima e evocando a indignação pública. Suas declarações revelam o impacto devastador da violência racial na vida das famílias negras. A repórter Paloma Poeta desempenha um papel crucial ao contextualizar o evento dentro de um panorama mais amplo de violência racial e injustiça, ajudando a audiência a compreender a gravidade do incidente e a urgência de uma resposta judicial adequada.

Mbembe (2019) aponta que, em casos como o de João Alberto, a morte de corpos negros se torna uma norma institucionalmente permitida, refletindo uma sociedade que desumaniza e marginaliza esses indivíduos. A necropolítica, já conceituada neste trabalho, opera pela normalização da violência contra determinados corpos, tornando a morte desses indivíduos uma prática cotidiana e justificada pelo Estado. O poder de matar, sob a necropolítica, é exercido de forma desigual, principalmente contra os grupos marginalizados, cuja existência é considerada uma ameaça ao ordenamento social.

Ao não reconhecer e abordar as raízes sistêmicas do racismo, a sociedade e a mídia perpetuam a invisibilidade das estruturas de poder que sustentam a violência contra os corpos negros. A violência racial é descontextualizada e tratada como evento isolado, sem uma análise crítica das dinâmicas de poder que perpetuam essas práticas. Tal mazela se torna como algo corriqueiro, como mais um crime de racismo. Nesse contexto, proponho o exercício de imaginar quantos outros crimes de violência física e verbal passam despercebidos pela sociedade e pela imprensa, sem contar o racismo estrutural, aquele que empurra a corpo negro para um abismo social muitas vezes silenciosamente, sem direito a retorno ou com baixas expectativas de um avanço.

5.5 Diferenças, semelhanças e omissões no discurso sobre racismo e necropolítica no Fantástico e no Domingo Espetacular

Ao analisar os casos escolhidos neste trabalho de forma mais aprofundada, compreendemos a importância do jornalismo em destacar questões de racismo e justiça social, promovendo a conscientização pública e a busca por justiça em meio a essas tragédias. Essas

análises ampliam nossa compreensão sobre como a mídia desempenha um papel fundamental na narrativa e compreensão de eventos marcantes que envolvem questões raciais e sociais.

Após análise do nosso corpus, identificamos que grandes emissoras escolhidas como observável, TV Globo e Record TV, não deixaram de sair do agendamento que é a temática que envolve racismo, numa perspectiva até mesmo da necropolítica, e na maioria das vezes como um olhar voltado e pautado pelo que está sendo dito nas redes sociais.

Dada a grandeza dos casos analisados, ambas demonstraram um cuidado no conteúdo a ser explorado a partir do discurso empregado de forma inicial. Porém, de forma aprofundada percebemos lacunas a cerca de uma postura antirracista das emissoras como a ausência de enquadramento de ações racistas e de necropolítica, tanto é que das 08 matérias analisadas, apenas 02 matérias (caso George Floyd e João Alberto) citaram de forma explícita a palavra, no programa Fantástico.

Já a Record TV optou por uma linguagem mais descritiva e factual e onde também foi percebido traços de valores familiares que estão ligados diretamente à ideologia conservadora da emissora, onde a família é pauta central. Foi percebido que todas as questões que envolviam os assassinatos familiares eram colocadas nessa centralidade, principalmente o rompimento provocado pela ausência da pessoa vitimada. A emissora abordou a temática de uma forma social, sempre colocando abordagem em um posicionamento jornalístico, com viés de imparcialidade, distanciando-se de um posicionamento político.

Além disso, a pandemia impactou a produção jornalística em termos de fontes e entrevistados, com um maior uso de gravações e imagens amadoras e uma maior dificuldade em entrevistar pessoalmente as fontes. No entanto, mesmo com a possibilidade de uma variedade de fontes, a maioria das vozes de autoridade e especialistas nas matérias eram brancas, o que levanta questões sobre a representatividade na produção jornalística.

Coberturas jornalísticas que focam apenas na violência dos protestos, sem aprofundar as causas estruturais do racismo, contribuem para a perpetuação da ignorância branca. Por exemplo, na matéria do programa Fantástico, os policiais de Minneapolis que assassinaram George Floyd foram apresentados como "agentes do crime". Entretanto, no "Domingo Espetacular", esses mesmos policiais foram descritos com um discurso menos intenso, usando adjetivos como "crime condenável" e "uso excessivo de força".

É importante destacar também que nenhum dos repórteres ou apresentadores dos programas eram negros, o que pode ser interpretado como um reflexo das estruturas raciais que ainda permeiam a sociedade brasileira e, por extensão, suas instituições de mídia. Essa situação também é consequência da dificuldade de acesso de pessoas negras às universidades de

comunicação, dificultando sua ascensão na carreira do jornalismo. No entanto, isso não justifica a falta de contratação de pessoas negras para o corpo de profissionais do programa.

É preciso também ressaltar o silenciamento acerca da orientação sexual de Marielle. A arquiteta Monica Benício, sua esposa, não foi mencionada na matéria do "Domingo Espetacular", diferentemente do que ocorreu na cobertura do Fantástico. Essa ausência reflete o compromisso da Record TV com seu viés editorial conservador, que só reconhece uma família heteronormativa como uma família legítima.

Vale ressaltar também, novamente, que as quatro matérias selecionadas abrangem um período de três anos, com uma maior concentração delas no ano de 2020, marcado pela pandemia da Covid-19. A pandemia teve um impacto significativo na produção jornalística, com mudanças notáveis na forma como as matérias eram produzidas.

Destarte, observamos que Fantástico adotou uma abordagem mais documental, com ênfase na pessoalização das vítimas e uma narrativa que frequentemente se estendeu ao longo de várias matérias. Por outro lado, o Domingo Espetacular apresentou uma narrativa mais detalhada, com foco em depoimentos e relações familiares.

Apesar das diferenças na abordagem, ambos os programas deram destaque a causas sociais e grupos minorizados em suas matérias, o que sugere um compromisso com a inclusão de vozes marginalizadas. No entanto, a representatividade na escolha de especialistas ainda é uma questão relevante a ser considerada na produção jornalística de ambos os programas. A interpretação é que a cobertura se torna preocupada muito mais com o apelo popular e das redes sociais, do que propriamente uma cultura editorial antirracista.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos compreender a construção dos discursos sobre o racismo e a necropolítica na televisão brasileira, focando na cobertura jornalística dos programas "Fantástico" e "Domingo Espetacular". Este estudo revela como a mídia enquanto formadora de opinião pode tanto perpetuar quanto desafiar as estruturas de poder e dominação racial. Não foi possível deixar de lado todo o histórico dos dois programas e de suas respectivas emissoras em casos de racismo, que vai desde da realização de injúria racial a casos de racismo institucional, como exemplo episódios de racismo recreativo, que muitas vezes passavam despercebidos em determinada época, mas que hoje há maior discernimento para identificá-los.

Escolhemos os programas Fantástico (TV Globo) e Domingo Espetacular (Record TV) por serem de grande audiência e por suas abordagens distintas: o "Fantástico", da TV Globo, combina informação e entretenimento em um formato de revista eletrônica, enquanto o "Domingo Espetacular", da Record TV, tem uma inclinação mais conservadora e está sob a influência da Igreja Universal do Reino de Deus. É válido ressaltar que são dois programas que estão presentes nas vidas de grande parte das famílias brasileiras, tendo em vista suas respectivas capilaridades e horários nobres de exibição, principalmente o mais antigo: "Fantástico".

Para compreender a construção dos discursos sobre racismo e necropolítica, nosso objetivo geral, analisamos casos emblemáticos ocorridos entre 2018 e 2020: Marielle Franco, João Pedro, George Floyd e João Alberto. A coleta de dados foi facilitada pelo acesso aos programas via *streaming* das emissoras (Globoplay e Playplus), e optamos por analisar o primeiro programa e a primeira matéria de cada caso para capturar a abordagem inicial e mais representativa de cada veículo.

Adotamos a Análise Crítica do Discurso (ACD) de Teun A. Van Dijk como base teórico-metodológica, considerando o discurso como prática social que reflete e perpetua relações de poder e dominação na sociedade. A ACD nos permitiu identificar como a escolha de palavras, a construção de argumentos e o uso de imagens e fontes de informação contribuíram para a construção do discurso sobre racismo e necropolítica, que foram analisadas através da categorização entre voz ativa ou passiva, pessoa vitimada, especialista e agente do crime.

A necropolítica, conceito de Achille Mbembe, é ilustrada através da violência policial e o silenciamento do Estado, instituições que gerenciam ações policiais. A violência contra corpos negros, como evidenciado nos casos estudados, reflete a necropolítica, onde o Estado exerce o poder de decidir quem pode viver e quem deve morrer. A cobertura dos programas analisados mostrou que, embora ocasionalmente abordem a brutalidade e a injustiça, muitas vezes se isentam em contextualizar essa violência como parte de um sistema mais amplo de racismo estrutural.

As vozes das vítimas e de seus familiares, como a esposa e o pai de João Alberto, são majoritariamente apassivadas nas reportagens, refletindo dor e impotência. Em contraste, as vozes ativas de jornalistas e especialistas controlam a narrativa e influenciam a percepção pública, muitas vezes minimizando os aspectos raciais dos crimes.

A análise das matérias revelou também diferenças editoriais significativas entre os programas das duas emissoras. A TV Globo, com uma abordagem mais abrangente e

progressista em alguns aspectos, ainda flerta com as demandas do mercado publicitário e do público jovem. A Record TV, com uma inclinação editorial mais conservadora, enfatiza pautas relacionadas à religião e oferece uma visão mais tradicional em questões sociais e políticas, que eram alinhadas ao respectivo presidente do período estudado por esta pesquisa, Jair Bolsonaro; figura que bradava antidemocracia, antivacina, misoginia e falas preconceituosas contra grupos minorizados, incluindo pessoas pretas.

Para enfrentar o racismo estrutural e promover uma comunicação antirracista, é essencial que a mídia adote uma abordagem mais crítica e inclusiva, amplificando as vozes negras incluindo especialistas negros e contextualizando a violência racial dentro das estruturas de poder que a perpetuam.

As matérias analisadas utilizam recursos visuais para ilustrar eventos e dar voz aos envolvidos, com foco nas vozes das vítimas, suas famílias e especialistas que destacam questões de racismo e injustiça. E estabelecem conexões com outros casos e movimentos de luta antirracista, ampliando a compreensão do público acerca do racismo.

Cada caso apresentado, como o assassinato de Marielle Franco, o caso João Pedro, o assassinato de George Floyd e por fim o caso do assassinato de João Alberto, demonstra como as narrativas jornalísticas abordam complexas problemáticas raciais e sociais. Cada matéria se concentra em aspectos específicos, seja o testemunho da única sobrevivente, a trajetória da vítima, as manifestações ou a comoção nacional, mas tal característica é deixada de lado em contextos que os mesmos atores midiáticos dão voz aos “agentes do crime”, como o caso do Fantástico, que no intervalo do programa que repercutiu a morte de João Alberto, veiculou comercial com nota de solidariedade do supermercado Carrefour, contrastando com a narrativa adotada durante o programa. Tal característica corrobora com os autores que citamos neste trabalho, que afirmam que não podemos esquecer que ambos os programas são produtos comerciais das respectivas emissoras e questionam até que ponto, de fato, eles estão imbuídos na luta antirracista.

Ao nos debruçarmos com a cobertura dos dois programas, nos esbarramos logo em seguida com suas amarras comerciais e publicitárias, ausências de uma cultura de inclusão a pessoas pretas e não só em seu *casting*, mas também nas estruturas gerenciais e de tomada de decisão dos seus respectivos programas. E vamos além disso. O desafio de o homem e a mulher negra não ser retratado apenas em reportagens de racismo ou violência, mas ainda em temas de comportamento e pautas outras que retratam os grupos de pessoas pretas de uma forma tais quais são tratadas pessoas brancas. E cabem os questionamentos: Onde estão os apresentadores,

repórteres, jornalistas e fontes especializadas de pele preta? Será um apagamento proposital? Ou as emissoras justificariam como uma consequência de formação de mercado em uma sociedade estruturalmente racista? São questionamentos que deixamos para adicionar ao debate das posturas editoriais de cada veículo de comunicação estudado acerca do racismo.

Portanto, o discurso das matérias analisadas reflete uma posição ainda tímida por parte dos dois maiores veículos de comunicação do país na luta contra o racismo, o que podemos enquadrar no pacto de poder e de uma estrutura de racismo institucional, reflexo de uma sociedade forjada numa esfera racista.

Uma mídia que está muito mais preocupada em quantos pontos de audiência o programa está marcando, do que necessariamente uma transformação social e de política de enfrentamento ao racismo. Tal característica favorece as instituições de poder, como exemplo, as polícias civil e militar, que conforme discutimos, têm consequentemente perpetuado casos de violência racista não só no Brasil, mas em outros países pelo mundo. E que além disso, constituem uma política corporativista onde as pessoas negras ficam à mercê de terem suas versões em cheque.

Em conclusão, entendo que esta dissertação contribui para a compreensão crítica de como o racismo e a necropolítica são representados na mídia brasileira, destacando a importância de uma cobertura jornalística que não apenas informe, mas também promova a justiça social e a igualdade racial. Espera-se que este estudo fomente um diálogo mais amplo sobre racismo, mídia e sociedade e inspire mudanças significativas nas práticas de comunicação. E sem esquecer que o racismo é um problema de todos nós e a mídia tem papel decisivo nessa luta. Não há mais tempo para regredir, a ação deve ser contínua e eficaz para vencermos essa trincheira secular entranhada em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural: feminismos plurais**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ALVES, M. A. **Análise crítica do discurso: exploração da temática**. São Paulo: FGV, 2006.
- ARAÚJO, J. Z. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. São Paulo: Editora SENAC, 2000.
- BELCHIOR, D. Rede Globo, fantástico é o seu racismo! **Portal Geledés**, [s.l.], 4 nov. 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/rede-globo-fantastico-e-o-seu-racismo/>. Acesso em: 16 maio 2023.
- BENTO, C. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BONTEMPO, V. L. (2020). ACHILLE MBEMBE E A NOÇÃO DE NECROPOLÍTICA. *Sapere Aude*, 11(22), 558-572. <https://doi.org/10.5752/P.2177-6342.2020v11n22p558-572> Acesso em: 16 maio 2023.
- BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane S. **Mídia e racismo**. Petrópolis: ABPN, 2012.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CALDAS, L. J. P. A.; ALMEIDA, E. N. de. **O percurso histórico do racismo**. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA DA UEPPB, 5; ENCONTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA, 3, 2015, Campina Grande. **Anais [...]**, Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/11766>. Acesso em: 18 ago. 2023.
- CARNEIRO, S. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- CASTRO, M. Militarização e necropolítica da fronteira: as respostas do Brasil à crescente migração venezuelana. **Mural Internacional**, Rio de Janeiro, v. 11, jan./dez. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/muralinternacional/article/view/48787>. Acesso em: 23 ago. 2023.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- COUTO, F. F., & CARRIERI, A. (2018). **Enrique Dussel e a Filosofia da Libertação nos Estudos Organizacionais**. *Cadernos EBAPE.BR*, 16(4), 631-641.
- DANIN, R. A. Teun Van Dijk: a construção da imagem do negro latino-americano por um jornal internacional. **Revista Policromias**, v. 5, n. 1, p. 131-155, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/31217>. Acesso em: 16 maio 2023.
- DEL ROIO, M. **Racismo e luta de classes**. São Paulo: Editora Sundermann, 2022.

ELTIS, D. Um breve resumo de tráfico transatlântico de escravos: a travessia do Atlântico. Atlanta: Emory University, 2007. Disponível em: <https://slavevoyages.org/voyage/essays#interpretation/a-brief-overview-of-the-trans-atlanticslave-trade/the-middle-passage/6/pt>. Acesso em: 8 ago. 2023.

ELTIS, David. **Um breve resumo do tráfico transatlântico de escravos**. In: The Transatlantic Slave Trade Database. Voyages. A travessia do Atlântico. Disponível em: <http://slavevoyages.org/assessment/essays#> Acesso em: janeiro de 2024.

FANTINATTI, M. S. **O que se vê na TV: uma análise semiótica da programação da Rede Globo de Televisão**. São Paulo: Editora Dialética, 2022.

FELTRIN, R. Veja o ranking de ibope da tv aberta: RedeTV já ronda o “traço”. **Splash Uol**, [s.l.], 4 fev. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2022/02/04/veja-o-ranking-de-ibope-da-tv-aberta-redetv-ja-ronda-o-traco.html>. Acesso em: 16 maio 2023.

FOUCAULT, M. **Ordem do discurso**: aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FRANCFORT, E. **A história da televisão brasileira para quem tem pressa**. Rio de Janeiro: Editora Valentina, 2022.

HOOKS, B. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

IPEA. **Atlas da violência**. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>. Acesso em: 17 ago. 2023.

KAMEL, A. **Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

KATEMBERA, S; CASTRO, M. Necropolítica. [Entrevista cedida ao] Portal Educação e Território. **Educação e Território**, 18 dez. 2020. Disponível em: <https://educacaoeterritorio.org.br/glossario/necropolitica/>. Acesso em: 16 maio 2023.

LIMA, L. Domingo Espetacular é criticada por endossar o racismo reverso em reportagem. **N1 Entreter**, [s.l.], 20 nov. 2021. Disponível em: <https://n1entreter.com.br/televisao/domingo-espetacular-e-criticada-por-endossar-o-racismo-reverso-em-reportagem/>. Acesso em: 16 ago. 2023.

LIMA, V. A. de. Sete teses sobre mídia e política no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 61, p. 48-57, mar./maio 2004. Disponível em: <file:///C:/Users/lyzsp/Downloads/13317-Texto%20do%20artigo-16290-1-10-20120517.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2023.

MBEMBE, A. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MBEMBE, A. **Políticas da inimizade**. Lisboa: Antígona, 2017.

MELO, I. F. de. Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**, ano 5, n. 11, Semestre 2, 2009. Disponível em: https://cienciaslinguagem.eca.usp.br/Melo_ADeACD.pdf. Acesso em: 24 maio 2023.

OLIVEIRA, Dennis de. **Racismo Estrutural: Uma Perspectiva Histórico-Crítica**. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

OLIVEIRA, D. M.; OLIVEIRA, D. M. M. Análise crítica do discurso: perspectiva crítica de investigação da linguagem em relação com as mudanças sociais e culturais. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL “EDUCAÇÃO E CONTEMPONEIDADE”, 7. **Anais 2013**. São Cristóvão: UFS, 2013. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/9898>. Acesso em: 16 maio 2023.

OLIVEIRA, M. Domingo Espetacular bate recorde de audiência na Record TV. **Observatório da TV**, [s.l.], 20 mar. 2023. Disponível em: <https://observatoriodatv.uol.com.br/audiencia-da-tv/domingo-espetacular-bate-recorde-de-audiencia-na-record-tv>. Acesso em: 24 maio. 2023.

PESQUISA aponta que 75% dos brasileiros têm tv aberta como primeira opção. **Portal Correio**, João Pessoa, 1 fev. 2023. Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/pesquisa-aponta-que-75-dos-brasileiros-tem-tv-aberta-como-primeira-opcao/>. Acesso em: 16 maio 2023.

RELATÓRIO "The Stephen Lawrence Inquiry". Londres: Her Majesty's Stationery Office, 1999

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, D. **Sobre o óbvio**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

RIBEIRO, D.. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora: Global Páginas, 2006.

RIBEIRO, M. A. O racismo multidimensional de Jessé Souza e a leitura unidimensional do Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, ano. 24, n. 61, p. 394-410, set./dez. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/4wxy8jT7LR8vJ64gsWMFB8j/>. Acesso em: 16 maio 2023.

RODRIGUES, G. Fantástico registra a maior audiência da Globo no domingo. **Observatório da TV**, [s.l.], 9 nov. 2020. Disponível em: <https://observatoriodatv.uol.com.br/audiencia-da-tv/fantastico-registra-a-maior-audiencia-da-globo-no-domingo>. Acesso em: 16 maio 2023.

ROLNIK, S. O inconsciente colonial capitalístico. *In*: ROLNIK, S. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. Rio de Janeiro: N-1 Edições, 2018b. p.14-27. *E-book*.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. Rio de Janeiro: N-1 Edições, 2018a. *E-book*.

ROSA, I. S. C. **Diálogo entre o pluralismo epistemológico e o multiculturalismo crítico na formação inicial de professores/as de biologia**. 2019. Tese (Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

RUAS, M. G. S. S.; OLIVEIRA, C. S.; JESUS, F. F. de. Hipersexualização da mulher negra: uma história sobre violências, racismo e sexismo estabelecidos na sociedade. *In: Anais CONINTER*, 7., 2018, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/VIIConinter2018/113104-HIPERSEXUALIZACAO-DA-MULHER-NEGRA--UMA-HISTORIA-SOBRE-VIOLENCIAS-RACISMO-E-SEXISMO-ESTABELECIDOS-NA-SOCIEDADE>. Acesso em: 18 ago. 2023.

SODRÉ, M. **O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional**. Petrópolis: Vozes, 2023.

SOUZA, J. **Como o racismo criou o Brasil**. São Paulo: LeYa, 2020.

STRAUSS A.; CORBIN J. **Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de Teoria Fundamentada**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

VAN DIJK, T. A. 18 Critical discourse analysis. *In: TANNEN, D.; SCHIFFRIN, D.; HAMILTON, H. Handbook of discourse analysis*. Oxford: Blackwell, 2001. p. 352-371.

VAN DIJK, T. A. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 2004.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

VAN DIJK, T. A. **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008

VAN DIJK, T. **Critical Discourse Studies: A Sociocognitive Approach**. *In: WODAK, R.; MEYER, M. Methods of Critical Discourse Studies*. [S.l.]: Sage, 2015. Cap. 3, p. 63-85.

ZORZI, A. C. Record 65 anos: conheça a origem e a história da emissora de tv. **Estadão**, 27 set. 2018. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/tv/record-65-anos-conheca-a-origem-e-a-historia-da-emissora-de-tv/>. Acesso em: 16 maio 2023.